UNIVERSIDADE
BEIRA INTERIOR

SGLT2i and GLP1RA: Safety and Effectiveness Profiles Evaluation using Real-World Patient Data

António Luís Martins Coutinho Cabral e Lopes

Tese para obtenção do Grau de Doutor em
Ciências Farmacêuticas
(3º ciclo de estudos)

Orientador: Prof. Doutor Manuel Augusto Nunes Vicente Passos Morgado
Co-orientador: Prof. Doutora Olga Maria Marques Lourenço
Co-orientador: Prof. Doutora Maria de Fátima dos Santos Marques Roque

22 de dezembro de 2025

Júri:

Prof. Doutor Miguel Castelo-Branco Craveiro Sousa

Prof. Doutor Gilberto Lourenço Alves

Prof. Doutora Ana Cristina Gaspar Cabral

Prof. Doutora Filipa da Palma Carlos Alves da Costa Azevedo e Silva

Prof. Doutora Ana Paula Ramos Carrondo Dias de Matos

13 de novembro de 2025

Declaração de Integridade

Eu, António Luís Martins Coutinho Cabral e Lopes, que abaixo assino, estudante com o número de inscrição D3026 do curso de Ciências Farmacêuticas da Faculdade de Ciências da Saúde, declaro ter desenvolvido o presente trabalho e elaborado o presente texto em total consonância com o **Código de Integridade da Universidade da Beira Interior**.

Mais concretamente afirmo não ter incorrido em qualquer das variedades de Fraude Académica, e que aqui declaro conhecer, que em particular atendi à exigida referenciação de frases, extratos, imagens e outras formas de trabalho intelectual, e assumindo assim na íntegra as responsabilidades da autoria.

Universidade da Beira Interior, Covilhã 22/12/2025

Acknowledgements

Antes de mais, quero agradecer às duas pessoas mais importantes da minha vida: a Daniela, com quem casaria novamente, e o meu filho Sebastião, que tanto me perguntou se ainda tinha "trabalhinhos" para fazer. Depois de 4 anos exigentes, com a necessidade de conciliar a vida profissional e familiar, por vezes de forma hercúlea, creio que lhes devo um pedido de desculpa porque os privei, em vários momentos, da atenção que merecem. No entanto, estiveram sempre comigo, incondicionalmente. A felicidade deles será sempre a minha.

Em segundo lugar, um agradecimento à minha estimada Colega e Amiga, Dra. Cristina Dinis, com a qual tive o privilégio de trabalhar e conviver ao longo de 8 anos nos Serviços Farmacêuticos da Unidade Local de Saúde da Guarda. Reúne um conjunto de qualidades profissionais e humanas que a tornam especial e distinta, sendo para mim uma referência a todos os níveis. Apoiou-me imenso neste percurso e em vários momentos ao longo dos últimos anos, pelo que esta menção é puramente justa.

Ao meu orientador, Prof. Doutor Manuel Morgado, colega da área de especialização hospitalar, o qual tive o privilégio de conhecer nos Serviços Farmacêuticos da Unidade Local de Saúde da Cova da Beira (uma equipa excecional e que merece, igualmente, uma palavra de agradecimento da minha parte). Demonstrou disponibilidade e interesse imediatos na minha orientação, tendo sido extremamente atencioso em todos os momentos, motivando-me, revelando grande crença no meu trabalho.

À minha co-orientadora Prof. Doutora Olga Lourenço, por quem nutro uma grande admiração. Contribuiu de forma decisiva para a concretização deste projeto, estando sempre disponível. Aprendi imenso e percebi que ainda tenho muito para aprender. Jamais esquecerei as oportunidades que me proporcionou e o quanto me ajudou.

À minha co-orientadora Prof. Doutora Fátima Roque, que também contribuiu ativamente neste projeto e com a qual já tinha tido o privilégio de ter trabalhado previamente, resultando na minha primeira publicação. Também um agradecimento à Prof. Doutora Teresa Herdeiro pelo apoio imprescindível no domínio da farmacovigilância.

O meu agradecimento à Unidade Local de Saúde da Guarda que me abriu as portas da farmácia hospitalar e que me proporcionou todas as oportunidades para realizar as investigações necessárias à realização desta tese.

Embora numa fase final deste meu percurso, quero agradecer a forma como fui recebido pelos Serviços Farmacêuticos da Unidade Local de Saúde da Região de Aveiro, onde exerço funções há cerca de 1 ano e meio. Ajudaram-me muito mais do que possam

imaginar. Encontrei uma equipa excecional e com nível, como diria o Dr. Paulo Carinha, alguém cujo profissionalismo e amizade muito prezo.
Para finalizar, um agradecimento especial à Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade da Beira Interior que tanto contribuiu para o meu crescimento enquanto estudante e profissional, pelo que ficará para sempre nas minhas melhores memórias.

List of Publications

Scientific articles related to this thesis:

Cabral Lopes, A., Roque, F., Lourenço, O., Herdeiro, M. T., & Morgado, M. (2023). Gastrointestinal disorders potentially associated with Semaglutide: an analysis from the Eudravigilance Database. Expert Opinion on Drug Safety, 22(6), 455–461. https://doi.org/10.1080/14740338.2023.2172159

Lopes, A.C.; Lourenço, O.; Roque, F.; Morgado, M. Clinical and Pharmacotherapeutic Profile of Patients with Type 2 Diabetes Mellitus Admitted to a Hospital Emergency Department. Biomedicines 2023, 11, 256. https://doi.org/10.3390/biomedicines11020256

Lopes, A.C.; Lourenço, O.; Morgado, S.; Gaspar, A.; Freire, I.; Eusébio, I.; Ribeiro, J.; Silva, M.; Mendes, M.; Fonseca, O.; et al. Acute Kidney Injury and Electrolyte Imbalances Caused by Dapagliflozin Short-Term Use. Pharmaceuticals 2024, 17, 420. https://doi.org/10.3390/ph17040420

Lopes, A. C., Lourenço, O., & Morgado, M. (2024). SGLT2i and GLP1RA effects in patients followed in a hospital diabetology consultation. Expert Review of Clinical Pharmacology, 17(11), 1081–1088. https://doi.org/10.1080/17512433.2024.2421872

Scientific Posters:

António Lopes, Fátima Roque, Olga Lourenço, Manuel Morgado - Perfil de segurança dos inibidores do cotransportador sódio-glucose 2: uma análise da Base de Dados da Eudravigilance. IV Congresso Nacional da Sociedade Portuguesa de Farmacêuticos dos Cuidados de Saúde (SPFCS) - Ventos de Mudança – 2023 https://spfcs.pt/perfil-de-seguranca-dos-inibidores-do-co-transportador-sodio-glucose-2-uma-analise-da-base-de-dados-da-eudravigilance/

António Cabral Lopes, Olga Lourenço, Sandra Morgado, Andreia Gaspar, Idalina Freire, Inês Eusébio, João Ribeiro, Mafalda Silva, Marta Mendes, Olímpia Fonseca, Rute Duarte, Ema Paulino and Manuel Morgado - Dapagliflozin short-term use: Effects on Renal function and Electrolyte balance. 82nd International Pharmaceutical Federation (FIP) World Congress of Pharmacy and Pharmaceutical Sciences in Cape Town, South Africa – Pharmacy Education (2024) 24(7) 263 – 264 https://doi.org/10.46542/pe.2024.247.211294 263-264

António Cabral Lopes, Olga Lourenço, Ema Paulino, and Manuel Morgado - SGLT2i and GLP1RA effects in clinical practice. 82nd International Pharmaceutical Federation (FIP) World Congress of Pharmacy and Pharmaceutical Sciences in Cape Town, South Africa – Pharmacy Education (2024) 24(7) 264 https://doi.org/10.46542/pe.2024.247.211294 263-264

Resumo Alargado

A diabetes é uma doença crónica responsável por elevadas taxas de morbilidade e mortalidade, cuja prevalência está associada a maus hábitos alimentares, inatividade física, consumo de álcool, tabagismo, fatores genéticos e ao aumento da esperança média de vida. Em 2021, a Federação Internacional de Diabetes (IDF) estimava que cerca de 537 milhões de adultos (20-79 anos) viviam com diabetes, um número que poderá atingir os 700 milhões até 2045. Apesar dos avanços no diagnóstico e tratamento, ainda é considerada uma doença subdiagnosticada. Possui um cariz multifatorial, complexo e heterogéneo, sendo que a diabetes do tipo 2 (T2DM) representa cerca de 90% dos casos, estando intimamente associada ao risco de doenças cardiovasculares (CV), acidente vascular cerebral isquémico, retinopatia, nefropatia e amputações dos membros inferiores.

A prevalência da T2DM tem vindo a aumentar nas últimas décadas, especialmente na Europa Ocidental, devido ao envelhecimento demográfico, ao crescimento de grandes centros urbanos, pelo desenvolvimento económico e alterações dos padrões alimentares, agudizados por estilos de vida sedentários. O desenvolvimento de medicamentos inovadores como os inibidores do co-transportador de sódio-glucose 2 (SGLT2i) e os agonistas do recetor do peptídeo-1 semelhante ao glucagon (GLP1RA), surge numa perspetiva de dar resposta a esta tendência, permitindo uma nova abordagem farmacoterapêutica. Para além de contribuírem para o controlo eficaz dos níveis de glicémia, oferecem benefícios CV, renais e ainda promovem a perda de peso em doentes obesos.

Os SGLT2i, como a dapagliflozina e a empagliflozina, atuam pelo bloqueio da reabsorção renal de glucose e promoção da sua excreção urinária, com benefícios na redução da necessidade de hospitalização por insuficiência cardíaca (IC) descompensada e eventos CV. Estudos como o DAPA-CKD e EMPA-KIDNEY demonstraram também efeitos protetores renais em doentes com doença renal crónica (DRC), independentemente da presença de T2DM.

Os GLP1RA promovem o aumento da secreção de insulina e diminuem a secreção de glucagon em resposta aos níveis de glucose, contribuindo para um melhor controlo glicémico, tendo ainda um papel importante na redução de peso, com efeitos cardioprotetores adicionais. Estes fármacos também têm sido alvo de investigação no tratamento da esteatose hepática não alcoólica.

Existem cada vez mais medicamentos cujo potencial terapêutico não se esgota na ou nas principais indicações terapêuticas para as quais foram inicialmente aprovados. O

reposicionamento de medicamentos, ou seja, a adição de novas indicações terapêuticas a fármacos com utilização prévia noutras condições, tem demonstrado benefícios inegáveis na abordagem farmacoterapêutica de patologias complexas, explorando o máximo potencial de cada molécula. Este foi o princípio aplicado quer aos SGLT2i quer aos GLP1RA, para os quais foram recentemente aprovadas novas indicações, para além do tratamento da T2DM, em consequência dos benefícios demonstrados em diversos ensaios clínicos. No entanto, o reposicionamento contribui para o aumento da utilização desses medicamentos em diferentes populações-alvo, exigindo uma revisão contínua dos respetivos perfis de efetividade e de segurança. Deste modo, a realização de estudos de investigação clínica, utilizando dados de doentes num contexto real de utilização desses medicamentos, assume extrema importância.

O objetivo principal desta tese de doutoramento consiste em avaliar os perfis de segurança e de efetividade dos SGLT2i e GLP1RA em contexto real, através da realização de estudos retrospetivos que focam os três níveis principais de prestação de cuidados hospitalares: serviço de urgência, internamento e consulta de especialidade. Além disso, dados de segurança dos medicamentos em investigação e obtidos a partir da base de dados EudraVigilance (EV) foram incluídos de modo a conferir maior robustez aos resultados obtidos.

Em doentes internados e sem utilização prévia de qualquer SGLT2i, a dapagliflozina demonstrou eficácia na redução dos níveis de glicémia desde os primeiros dias sob tratamento no entanto e de um modo geral, constatou-se que os níveis de creatinina aumentaram significativamente após o início da sua administração. Nas mesmas condições, também se verificaram alterações eletrolíticas (hiponatremia e hipercalemia) significativas. Estes resultados relevam a necessidade de uma monitorização minuciosa da função renal e dos níveis séricos de eletrólitos, nomeadamente durante as primeiras semanas de tratamento, de modo a prevenir potenciais riscos de eventos adversos, sobretudo em populações mais vulneráveis.

A análise efetuada na base de dados da EV das reações adversas medicamentosas suspeitas (RAM) notificadas para o semaglutido revelou que os efeitos gastrointestinais foram os mais frequentes, enfatizando a necessidade de intervenções para minimizar a sua ocorrência, dado o seu impacto significativo na adesão ao tratamento e por conseguinte no sucesso terapêutico.

Em doentes seguidos na consulta hospitalar de diabetologia, os SGLT2i e os GLP1RA demonstraram benefícios significativos para além do controlo glicémico, nomeadamente ao nível da função renal, na redução da pressão arterial sistólica, na perda de peso e ainda na diminuição do risco CV. Os resultados obtidos vão ao encontro dos obtidos nos ensaios clínicos controlados realizados, reforçando a importância dos SGLT2i e GLP1RA

como componentes essenciais no tratamento da T2DM e de outras patologias intimamente relacionadas. Além disso, a análise dos casos individuais de segurança de suspeita de RAM notificados na base de dados EV mostrou que, durante o período em estudo, não foram registadas notificações que sugerissem problemas de segurança relacionados com lesão renal aguda (LRA), eventos cardiovasculares ou acidentes cerebrovasculares, o que é coerente com o perfil de segurança favorável destes fármacos. Os SGLT2i e os GLP1RA devem ser considerados numa abordagem terapêutica mais diversificada em pacientes com T2DM, nomeadamente naqueles com maior risco para doenças CV ou renais.

Palavras-chave

Agonistas do recetor do peptídeo-1 semelhante ao glucagon; Diabetes Mellitus Tipo 2; Equilíbrio Eletrolítico; Farmacovigilância; Função Renal; Inibidores do co-transportador de sódio-glucose 2; Insuficiência Cardíaca; Obesidade; Perturbações Gastrointestinais; Reações Adversas Medicamentosas; Risco Cardiovascular.

Abstract

Type 2 Diabetes Mellitus (T2DM) is a highly prevalent chronic disease associated with substantial morbidity and mortality, largely driven by cardiovascular (CV) complications, chronic kidney disease (CKD), and obesity. The global burden of T2DM continues to rise, fueled by aging populations, urbanization, and lifestyle-related risk factors. In this context, newer therapeutic classes such as sodium-glucose cotransporter-2 inhibitors (SGLT2i) and glucagon-like peptide-1 receptor agonists (GLP1RA) have transformed the management of T2DM by providing benefits that extend far beyond glycemic control. Robust evidence demonstrates that these agents reduce the risk of major adverse cardiovascular events (MACE), slow CKD progression, promote weight loss, and improve metabolic parameters. As a result, both drug classes have been increasingly repositioned and approved for new clinical indications, broadening their use to diverse and often complex patient populations.

Despite substantial evidence from randomized controlled trials, real-world data on the safety and effectiveness of SGLT2i and GLP1RA remain essential, particularly in older individuals, polymedicated patients, and those with multiple comorbidities—groups often underrepresented in clinical trials. Post-marketing safety signals, including genitourinary infections with SGLT2i and gastrointestinal adverse effects with GLP1RA, underscore the need for continued pharmacovigilance. Understanding how these medicines perform in routine care settings is critical to optimizing therapeutic strategies and supporting clinical decision-making.

This doctoral thesis aimed to evaluate the safety and effectiveness profiles of SGLT2i and GLP1RA using real-world data from hospital settings and pharmacovigilance reports. Retrospective observational studies were conducted across emergency departments, inpatient hospitalizations, and outpatient consultations, complemented by an analysis of adverse drug reaction (ADR) reports from the EudraVigilance (EV) database.

Key findings highlight the effectiveness of SGLT2i in improving renal function, reducing systolic blood pressure, and lowering hospitalization rates for heart failure (HF). GLP1RA were particularly effective in achieving significant weight loss and reducing CV risk scores. Both drug classes demonstrated substantial reductions in glycated hemoglobin (HbA1c), consistent with clinical trial data. Safety analyses revealed low incidences of acute kidney injury (AKI) and major CV events, with gastrointestinal side effects being the most frequently reported ADRs for GLP1RA.

These results underscore the critical role of SGLT2i and GLP1RA in comprehensive T2DM management, particularly for high-risk populations with multiple comorbidities. The findings also emphasize the need for ongoing pharmacovigilance and tailored

therapeutic strategies to optimize patient outcomes. Future research should focus on mitigating adverse effects and validating these findings across diverse populations and healthcare settings.

Keywords

Adverse Drug Reactions; Cardiovascular Risk; Electrolytic balance; Gastrointestinal disorders; Glucagon-like peptide-1 receptor agonists; Heart Failure; Obesity; Pharmacovigilance; Renal function; Sodium-glucose cotransporter-2 inhibitors; Type 2 Diabetes Mellitus.

Table of Contents

List of Figures

List of Tables

List of Abbreviations

ACEis	Angiotensin-Converting Enzyme inhibitors
ACKD	Acute Chronic Kidney Disease
AMP	Cyclic-3'5' -adenosine monophosphate
ADRs	Adverse Drug Reactions
AF	Atrial Fibrillation
ALT	Alanine Aminotransferase
AMI	Acute Myocardial Infarction
ARBs	Angiotensin II Receptor Blockers
ASCVD	Atherosclerotic Cardiovascular Disease
AST	Aspartate Aminotransferase
ATP	Adenosine triphosphate
BMI	Body mass index
CKD	Chronic Kidney Disease
COPD	Chronic Obstructive Pulmonary Disease
CV	Cardiovascular
DHF	Decompensated Heart Failure
DPP4	Dipeptidyl peptidase-4
DPP4i	Dipeptidyl Peptidase-4 inhibitor
EEA	Economic European Area
eGFR	Estimated Glomerular Filtration Rate
EMA	European Medicines Agency
EV	EudraVigilance
FDA	U.S. Food and Drug Administration
GIP	Gastric inhibitory polypeptide
GLP1	Glucagon-like peptide-1
GLP1R	Glucagon-like peptide-1 receptor
GLP1RA	Glucagon-like peptide-1 receptor agonist
GLUT	Glucose Transporters
GPCRs	G protein-coupled receptors
GTIs	Genitourinary infections
HbA1c	Glycated hemoglobin
HBP	High Blood Pressure
HF	Heart Failure

HFrEF	Heart Failure with reduced Ejection Fraction
HDL	High-density lipoprotein
HU	Hyperuricemia
ICSRs	Individual Cases Safety Reports
IDF	International Diabetes Federation
KDIGO	Kidney Disease: Improving Global Outcomes
LHUCB	Local Health Unit of Cova da Beira
LHUG	Local Health Unit of Guarda
LDL	Low-density lipoprotein
MACE	Major Adverse Cardiovascular Events
MASH	Metabolic-associated steatohepatitis
NAFLD	Non-alcoholic Fatty Liver Disease
PE	Pulmonary Embolism
SBP	Systolic Blood Pressure
SGLT	Sodium-glucose cotransporters
SGLT1	Sodium-glucose cotransporter-1
SGLT2	Sodium-glucose cotransporter-2
SGLT2i	Sodium-glucose cotransporter-2 inhibitors
SNAC	Synthetic N-acylated amino acid derivative of salicylic acid
SOC	System Organ Classes
T2DM	Type 2 Diabetes Mellitus
TGF	Tubuloglomerular Feedback
UTIs	Urinary Tract Infections

Thesis Overview

The primary goal of this doctoral thesis is to evaluate the safety and effectiveness profiles of sodium-glucose cotransporter 2 inhibitors (SGLT2i) and glucagon-like peptide-1 receptor agonists (GLP1RA) in a real-world context. This is achieved through an integrated analysis focusing on the following objectives:

- **Assessment of clinical and pharmacological profiles:** Examining patients with type 2 diabetes mellitus (T2DM) admitted to the emergency department to identify how their clinical condition upon admission is influenced by pre-existing comorbidities and prior use of antidiabetic medications.

- **Evaluation of real-world effectiveness:** Investigating the impact of SGLT2i and GLP1RA on renal function, cardiovascular (CV) risk, weight, and glycemic control over a one-year period in a cohort of patients with T2DM followed in a hospital diabetology consultation.

- **Analysis of short-term effects:** Assessing the effects of dapagliflozin on renal function and electrolyte balance in hospitalized patients receiving the drug for the first time.

- **Comparison with adverse event data:** Analyzing adverse event reports from the European EudraVigilance (EV) database to provide a comprehensive understanding of the safety and therapeutic value of these agents in routine clinical practice.

- **Enhancing clinical decision-making:** Incorporating data from older patients with multiple comorbidities and polypharmacy can provide valuable insights into therapeutic strategies in complex real-world populations.

This thesis is organized into eight chapters:

- **Chapter 1:** Provides a literature review covering the mechanisms of action, characteristics, clinical indications, and main Adverse Drug Reactions (ADRs) of SGLT2i and GLP1RA.
- **Chapter 2:** Presents thesis objectives and overall structure.
- **Chapter 3:** Details an analysis of gastrointestinal disorders potentially associated with semaglutide, employing qualitative, quantitative, and comparative methods based on EudraVigilance (EV) Individual Case Safety Reports (ICSRs). The chapter also provides a critical interpretation of the results, situating them within the current body of evidence and examining their potential clinical relevance.

- **Chapter 4:** Details a retrospective observational study assessing the clinical and pharmacotherapeutic profiles of patients with T2DM admitted to a hospital emergency department, including associations between antidiabetic therapy, metabolic parameters, and acute clinical conditions.
- **Chapter 5:** Examines the short-term renal and electrolyte effects of dapagliflozin, combining clinical data with comparisons to ADR profiles reported in the EV database.
- **Chapter 6:** Explores real-world effects of SGLT2i and GLP1RA in patients followed in a hospital diabetology consultation, assessing kidney function, CV risk, metabolic outcomes, electrolyte balance, and comparisons with pharmacovigilance data.
- **Chapter 7:** Provides an integrated general discussion, contextualizing the findings from all studies within the current state of the art and highlighting implications for clinical practice and pharmacotherapy.
- **Chapter 8:** Summarizes the main conclusions, addresses study limitations, and proposes recommendations for future research on SGLT2i and GLP1RA safety and effectiveness.

By addressing the aforementioned objectives, this thesis seeks to expand knowledge about the real-world application of SGLT2i and GLP1RA, providing valuable insights to inform and optimize clinical and therapeutic decision-making across diverse patient populations.

Chapter 1

Introduction

General Introduction

Diabetes is a chronic condition with significant morbidity and mortality rates worldwide. Its prevalence is intricately linked to poor dietary habits, physical inactivity, alcohol consumption, smoking, genetic factors, and the increased life expectancy observed in recent decades [1–3]. According to the International Diabetes Federation (IDF), approximately 537 million adults (20–79 years) were living with diabetes in 2021, a figure projected to rise to 700 million by 2045 (Fig 1.1). Notably, underdiagnosis remains a significant issue, with data suggesting that one in three patients is not diagnosed. [4–6].

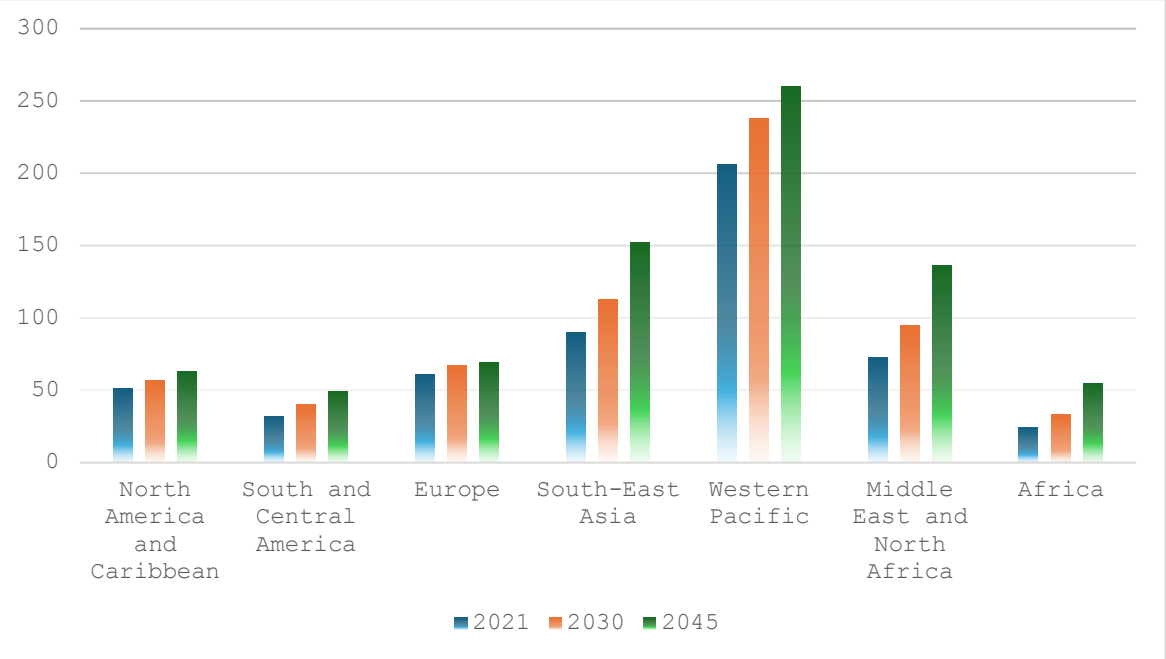


Figure 1.1. Number of people (millions) with diabetes worldwide and per IDF region in 2021, 2030 and 2045 (age 20–79 years). Source: IDF Diabetes Atlas Editions

Diabetes is multifactorial, complex, and heterogeneous, with its pathophysiology involving insulin resistance and hyperglycemia. These factors contribute to the dysfunction of various organs and systems. Among the types of diabetes, T2DM accounts for about 90% of cases [7–9]. T2DM is strongly associated with an increased risk of coronary heart disease, ischemic stroke, retinopathy, nephropathy, diabetic foot, and lower-limb amputations [10–12].

Despite substantial investments in clinical care and pharmaceutical research, the burden of diabetes continues to escalate. Contributing factors include global aging, rapid

urbanization, economic development, and dietary transitions toward high calorie, processed foods. Sedentary lifestyles further exacerbate the problem [1,13,14].

In response, innovative medications like SGLT2i and GLP1RA have been developed. These drug classes not only effectively manage blood glucose levels but also provide CV, renal, and weight-management benefits [15–21].

SGLT2i act by impeding renal glucose reabsorption and promoting urinary glucose excretion, through the inhibition of the glucose high-capacity transporter SGLT2 located in the proximal convoluted tubule. This distinctive mechanism of action operates independently of insulin and depends on blood glucose levels, concurrently enhancing sodium elimination [22–25]. Studies involving dapagliflozin and empagliflozin, have shown significant reductions in hospitalizations due to heart failure (HF), CV events, and mortality. As a consequence, the American College of Cardiology issued the "2020 Expert Consensus Decision Pathway on Novel Therapies for CV Risk Reduction in Patients with T2DM", specifically advocating for the use of SGLT2i in patients with or without T2DM, particularly those with HF and reduced ejection fraction (HFrEF) [26,27]. Likewise, DAPA-CKD and EMPA-KIDNEY studies have demonstrated the renal-protective effects of SGLT2i in patients with chronic kidney disease (CKD), regardless of T2DM status, reducing disease progression, prompting the American Diabetes Association and the Kidney Disease Improving Global Outcomes (KDIGO) to provide evidence-based recommendations for its use in CKD management [28–31].

Glucagon-like peptide-1 (GLP1) is an incretin hormone that acts by increasing endogenous insulin levels and decreasing glucagon secretion as a function of glucose levels [32,33]. GLP1RA are approved in the second-line treatment of poorly controlled T2DM and obesity (semaglutide, for example, has been approved by the U.S. Food and Drug Administration (FDA) for weight management and recently to reduce the risk of kidney disease worsening, kidney failure, and death from CV disease in adults with T2DM and CKD), allowing for better glycemic control, weight management, in addition to being associated with a cardioprotective effect [34–36]. Clinical trials are underway to evaluate the effect of semaglutide on the histological and metabolic aspects of non-alcoholic fatty liver disease (NAFLD) [36,37]. Previous studies examining the effects of GLP1RA on the lipid profile of T2DM patients indicated reductions in low-density lipoprotein (LDL) cholesterol, total cholesterol and triglycerides, without affecting high-density lipoprotein (HDL) cholesterol levels [38,39].

CV diseases constitute the leading cause of death in patients with T2DM, but most can be prevented through adopting a healthy lifestyle and using adjunctive medications, including antidiabetic agents [22,23]. Finding new therapeutic uses for existing drugs could lead to safe, affordable and timely new treatment options for most existing chronic diseases,

particularly in patients with multiple comorbidities [40]. Drug repositioning involves changing the indications of the drugs already being used or those in development for the treatment of other diseases or exploring the possibility of new disease treatments [41,42]. Based on the available evidence, after new studies and clinical trials, this was the principle that allowed SGLT2i and GLP1RA to be approved in new indications beyond T2DM treatment. On the one hand, repositioning presents undeniable advantages, expanding the spectrum of therapeutic action of existing drugs, but on the other, it leads to a significant increase in use, namely in different target populations, whose characteristics (such as average age, comorbidities and concomitant drugs, for example) may require a review of safety and effectiveness profiles, which comes to highlight the importance of real-world studies in this domain [43,44].

1.1. Sodium-glucose cotransporter 2 inhibitors

1.1.1. Contextualization and Physiology

Glucose serves as a primary energy source for most living cells, and its blood levels are regulated by insulin. Insulin facilitates glucose uptake in peripheral tissues and regulates glucose production in the liver. Due to its polar nature and large molecular size, glucose cannot pass through cell membranes via simple diffusion. Instead, specialized glucose transporters enable its movement through two primary mechanisms [45]: facilitated diffusion, mediated by the GLUT (glucose transporters) family of transporters, which equalize glucose concentrations across membranes, and active sodium-glucose cotransport, which moves glucose against its concentration gradient using sodium ions. The latter mechanism is facilitated by sodium-glucose cotransporters (SGLT) [46–49].

The GLUT family includes 14 members, each with distinct tissue distribution and kinetics, playing critical roles in glucose metabolism. In peripheral tissues such as skeletal muscle and adipose tissue, GLUT4 is pivotal for insulin-stimulated glucose uptake and homeostasis [50–54].

Within the SGLT family, six isoforms have been identified, with SGLT1 and SGLT2 being the most studied. SGLT1 is primarily located in the small intestine's apical membrane, where it absorbs dietary glucose and galactose. It is also expressed in the proximal renal tubules and cardiac myocytes [55,56]. Is a high-affinity and low-capacity glucose transporter with an apparent 2 Na+:1 sugar coupling stoichiometry [57,58]. In contrast, SGLT2, a low-affinity, high-capacity transporter, is localized in the S1 and S2 segments of the proximal renal tubule, reabsorbing approximately 90% of the filtered glucose load. The remaining 10% is absorbed by SGLT1 in the S3 segment [59–62].

Inhibiting SGLT2 selectively prevents glucose reabsorption in the kidney, increasing urinary glucose excretion. This mechanism forms the basis for SGLT2i, an innovative class of oral antidiabetic drugs designed to manage blood glucose levels effectively in patients with T2DM [62–64].

1.1.2. Mechanisms of action

The discovery of phlorizin, an O-glucoside dihydrochalcone, in 1835 marked the foundation for the development of SGLT2i. Phlorizin demonstrated the ability to block both SGLT1 and SGLT2 but was unsuitable as an antihyperglycemic drug due to its poor bioavailability and gastrointestinal side effects, such as diarrhea and malabsorption. This limitation, caused by its inhibition of SGLT1 in the small intestine, led to the development of phlorizin derivatives with greater selectivity for SGLT2, which effectively minimized these side effects [65–68].
SGLT2i are high-affinity, competitive blockers that act extracellularly in the presence of sodium. They inhibit glucose and sodium reabsorption in the renal proximal tubules, resulting in enhanced glycosuria and natriuresis. This mechanism works independently of insulin, making SGLT2i particularly effective in T2DM management [69–71].
Beyond glucose-lowering effects, SGLT2i have demonstrated significant CV and renal benefits. These include osmotic diuresis, reduced blood pressure through natriuresis, decreased arterial stiffness, and weight loss due to caloric loss from glycosuria. Furthermore, they reduce oxidative stress and uric acid levels, contributing to cardioprotection (Figure 1.2) [64,72–75].

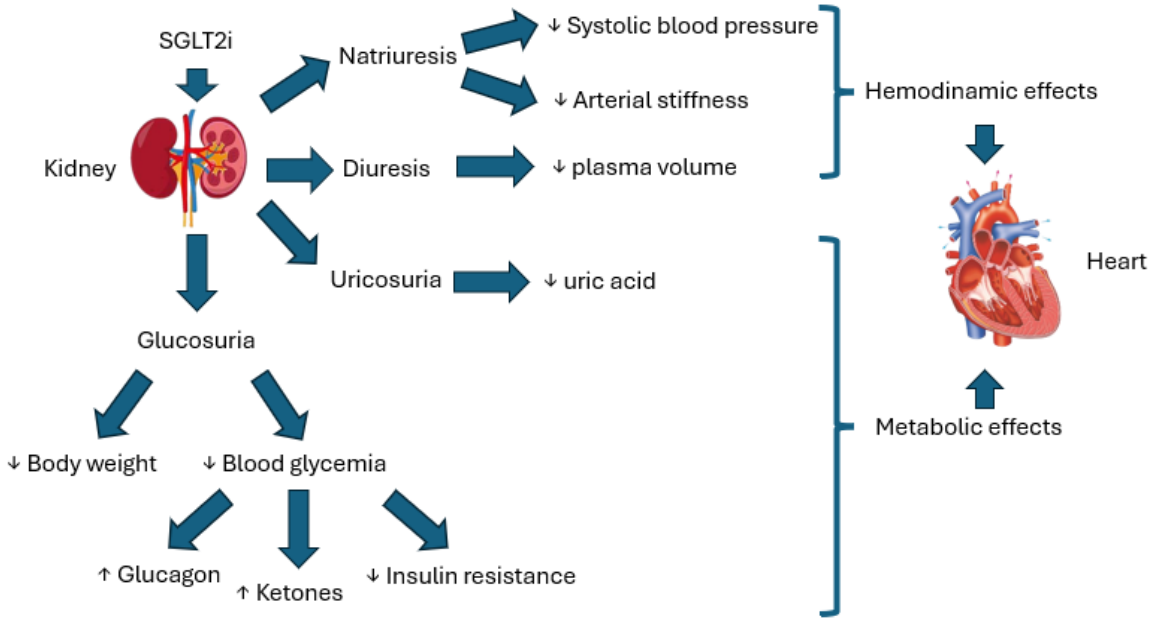


Figure 1.2. SGLT2i mechanisms of action and cardiovascular outcomes (Adapted from Scheen AJ. Cardiovascular Effects of New Oral Glucose-Lowering Agents: DPP-4 and SGLT-2 Inhibitors).

SGLT2i also impact the renal tubuloglomerular feedback (TGF) mechanism. By increasing glucose and sodium levels at the macula densa, SGLT2i promote the release of adenosine triphosphate (ATP) and adenosine, leading to afferent arteriole constriction and

a reduction in intraglomerular pressure. This process underpins the renoprotective effects observed in both diabetic and non-diabetic patients [75–77].

Additionally, SGLT2i influence myocardial metabolism. They increase the hepatic production of ketone bodies, regarded as "superfuels" for the failing heart, enhancing cardiac energy efficiency. This ketogenesis is driven by glycosuria-induced glucagon release and reduced insulin-to-glucagon ratios [76–78].

Overall, SGLT2i have expanded therapeutic applications, addressing hyperglycemia and offering substantial benefits in CV and renal health.

1.1.3. Characterization

The development of SGLT2i was propelled by the characterization of intestinal and renal SGLTs between 1987 and 1992. This discovery led to the creation of a new class of oral antidiabetic drugs [57,79–81]. Early studies by Tsujihara and colleagues evaluated phlorizin derivatives, such as the prodrug T-1095, which promoted renal glucose excretion in animal models [82,83]. These efforts culminated in the synthesis of high-affinity SGLT2i, including canagliflozin, dapagliflozin, empagliflozin, and ertugliflozin, which received regulatory approval between 2013 and 2018 (Figure 1.3) [84–87].

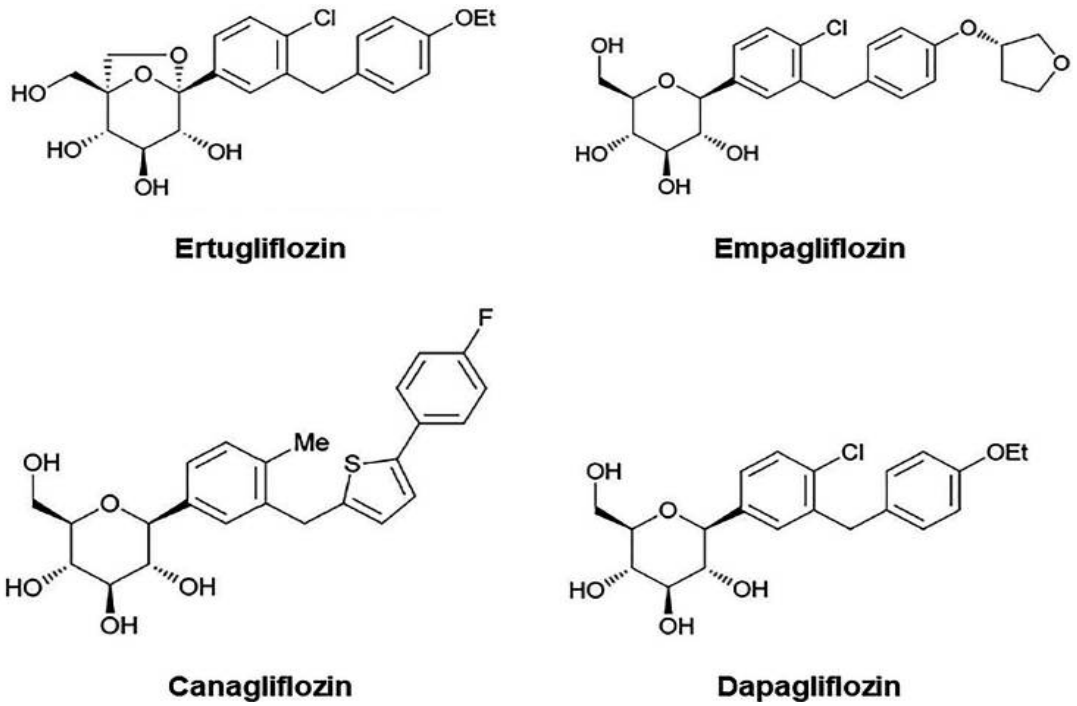


Figure 1.3. Chemical structure of ertugliflozin, empagliflozin, canagliflozin, and dapagliflozin

These agents selectively inhibit SGLT2, preventing the reabsorption of approximately 90% of the filtered glucose load in the kidneys. SGLT1 compensates by reabsorbing 30–40% of the glucose load, partially blunting the glucosuric effect. Despite this, SGLT2i have demonstrated significant clinical benefits [64].

Randomized clinical trials have provided robust evidence supporting their use in patients with T2DM at high CV risk. SGLT2i have been shown to reduce hospitalizations for HF, major adverse CV events (MACE), progression to end-stage renal disease, and CV mortality. These findings have established SGLT2i as a cornerstone in the management of T2DM, particularly in patients with comorbid CV or renal conditions [88,89].

SGLT2i differ in their selectivity for SGLT2 versus SGLT1, which influences their pharmacological profiles and clinical effects. For instance, empagliflozin demonstrates the

highest selectivity (approximately 2,680-fold) for SGLT2 compared to SGLT1, while canagliflozin exhibits weaker selectivity. These differences are reflected in their safety and effectiveness profiles (Table 1.1) [24,55,85,90,91].

Table 1.1. Differences between SGLTi in selectivity for SGLT2 vs. SGLT1 [68,92,93].

SGLT2i	IC50 for SGLT1 (nM)	IC50 for SGLT2 (nM)	Selectivity (SGLT2 vs SGLT1)
Canagliflozin	710	2.7	~260
Dapagliflozin	1,400	1.2	~1,200
Empagliflozin	8,300	3.1	~2,680
Ertugliflozin	1,960	0.87	~2,250

IC50 - Half-maximal inhibitory concentration

From a pharmacokinetic perspective, SGLT2i offer several advantages, including high oral bioavailability, long half-lives that allow for once-daily dosing, and minimal active metabolite excretion. These characteristics reduce the potential for drug-drug interactions and enhance patient compliance (Table 1.2) [24,94,95].

Table 1.2. Pharmacokinetic characteristics of SGLT2i [24,96,97].

	Canagliflozin	Dapagliflozin	Empagliflozin	Ertugliflozin
Absorption	1-2 hours	2 hours	1.5 hour	1 hour
Bioavailability	65%	78%	78%	100%
Fraction bound to protein	99%	91%	86%	93.6%
Volume of distribution (L)	83.5	118	73.8	86
Half-life time (hours)	13.1	12.9	12.4	17
Metabolism	Glucuronidation			
Elimination route	52% feces 33% urine	21% feces 75% urine	41% feces 54% urine	41% feces 50% urine

In summary, the introduction of SGLT2i represents a significant advancement in T2DM therapy. Their effectiveness extends beyond glycemic control, offering substantial CV and renal benefits that have redefined therapeutic guidelines for managing atherosclerotic CV disease (ASCVD) and CKD.

1.1.3.1. Canagliflozin

Canagliflozin was the first SGLT2i approved by the FDA in March 2013. Its approval was based on results from the CANagliflozin Treatment and Trial Analysis (CANTATA) studies, which highlighted its ability to significantly reduce HbA1c levels [98–101]. It is indicated

for adult patients with T2DM to improve blood glucose control in combination with diet and exercise [102,103]. The CANVAS Program demonstrated that canagliflozin offers cardiometabolic benefits, including reduced CV events and improvements in HF and kidney disease outcomes. Phase II trials comparing canagliflozin to a placebo showed significant reductions in blood pressure, body weight, and progression of albuminuria [98,104].
Canagliflozin acts on both SGLT1 and SGLT2 receptors, with lower selectivity for SGLT2 compared to other drugs in this class (Table 1.1) [105,106]. It is available in oral formulations of 100 mg and 300 mg, as well as in combination with metformin. [107,108].

1.1.3.2. Dapagliflozin

Dapagliflozin is a potent, highly selective, reversible, and orally active SGLT2i, approved by the FDA in January 2014. Its approval was supported by 16 clinical trials involving over 9,400 patients with T2DM, demonstrating significant improvements in HbA1c levels. Dapagliflozin exhibits greater selectivity for SGLT2 over SGLT1 than canagliflozin, with a selectivity ratio approximately 1,200-fold higher (Table 1.1) [90,109–111].
Dapagliflozin is associated with substantial CV and renal benefits, including a reduced risk of CV death and hospitalization for HF [112,113]. Studies have shown its effectiveness in lowering the combined risk of worsening HF or CV death among patients with mildly reduced or preserved ejection fraction [113–115]. Furthermore, the DAPA-CKD trial demonstrated that dapagliflozin significantly reduced the risk of sustained decline in estimated glomerular filtration rate (eGFR), end-stage kidney disease, or death from renal or CV causes, regardless of diabetes status [28,29].
Currently, dapagliflozin is available in 5 mg and 10 mg oral formulations, as well as combination therapies with metformin or saxagliptin [116–118].

1.1.3.3. Empagliflozin

Empagliflozin is an SGLT2i with the highest selectivity for SGLT2 compared to SGLT1 among its class, offering a selectivity ratio of approximately 2,680-fold higher. This property is particularly advantageous, as it minimizes the risk of SGLT1-associated adverse effects, such as diarrhea and dehydration, which can occur with intestinal glucose absorption inhibition [85,119].
The EMPA-KIDNEY study demonstrated that empagliflozin significantly reduced the risk of disease progression and death from renal or CV causes in patients with CKD, regardless of their T2DM status. Additionally, the EMPEROR-Preserved trial showed that

empagliflozin lowered the combined risk of CV death or hospitalization for HF in patients with HFrEF, irrespective of diabetes status [30,120].
A comparative cohort study using Scandinavian data revealed that empagliflozin and dapagliflozin have similar impacts on CV and renal outcomes, overall mortality, and diabetic ketoacidosis risk [121].
Empagliflozin is available in oral doses of 10 mg and 25 mg and in combination therapies with metformin or sitagliptin [122–124].

1.1.3.4. Ertugliflozin

A phase III clinical trial program (VERTIS) evaluated ertugliflozin efficacy and safety profile. When administered once daily in T2DM patients, either as monotherapy or associated with other antihyperglycemic agents, promoted significant reductions in HbA1c, body weight, and blood pressure, with a favorable safety and tolerability profile [125–128].
Ertugliflozin is a less specific inhibitor of SGLT2 receptors compared to empagliflozin (Fig. 1.2), having a longer half-life and a shorter peak onset of action, resulting in sustained and rapid blood glucose-lowering effects (Table 1.2) [96,129].
The long-term effects of ertugliflozin on CV and renal outcomes were assessed in the Evaluation of Ertugliflozin Efficacy and Safety CV Outcomes Trial (VERTIS CV), with non-superiority of placebo [130]. Ertugliflozin is a relatively recent SGLT2i, so further studies will be needed to determine its real safety and effectiveness profile, particularly in cardiorenal outcomes compared to other SGLT2i.
Ertugliflozin is available in doses of 5 and 10 mg, as well as in combination with metformin or sitagliptin [131–133].

1.1.4. Approved Clinical Indications

Initially developed as anti-hyperglycemic agents, SGLT2i have emerged as critical treatments for HF across the entire spectrum of left ventricular ejection fraction and for slowing the progression of CKD. While the cardiorenal protective effects of SGLT2i are recognized as a class-wide benefit, some differences exist among individual agents [134]. Studies suggest that dapagliflozin may exhibit superior efficacy compared to empagliflozin, canagliflozin, and ertugliflozin in HF patients [135,136]. However, no significant differences in efficacy have been observed among these agents in CKD patients. In populations without CKD, empagliflozin has been associated with a lower risk of CV outcomes than other SGLT2i [136]. Regarding glycemic control, indirect comparisons indicate that ertugliflozin (5 mg) may reduce HbA1c more effectively than dapagliflozin (5 mg) when added to metformin monotherapy. Higher doses of ertugliflozin (15 mg) have outperformed dapagliflozin (10 mg) and empagliflozin (25 mg) in HbA1c reduction when used with diet and exercise or metformin. However, its efficacy was comparable to canagliflozin across all populations [137,138].

Randomized clinical trials have solidified the role of SGLT2i in reducing adverse outcomes in T2DM, HF, and CKD. Notable examples include the EMPA-REG OUTCOME study for empagliflozin, the CANVAS Program for canagliflozin, the DECLARE-TIMI 58 study for dapagliflozin, and the VERTIS CV study for ertugliflozin. These trials have demonstrated significant reductions in MACE, hospitalizations for HF, progression to end-stage kidney disease, and CV mortality (Table 1.3).

International guidelines now recommend SGLT2i as a first-line therapy in T2DM patients at risk of CV or renal events. Furthermore, regulatory approvals have expanded their indications. Dapagliflozin was the first SGLT2i approved for HFrEF in 2020, followed by empagliflozin in 2021. Additionally, canagliflozin, dapagliflozin, and empagliflozin have been approved for CKD management in patients with or without T2DM [127–129,134–136,147–149].

By offering benefits beyond glycemic control, SGLT2i have redefined the management of cardiometabolic diseases, addressing unmet needs in CV and renal protection. Their multifaceted mechanism of action, including natriuretic, hemodynamic, and metabolic effects, further supports their therapeutic relevance in patients with complex comorbidity profiles.

Table1.3. Key cardiovascular and renal outcomes (relative risk reduction) from large-scale SGLT2i randomized studies. [75,112,114,120,130,139–145,145,146].

Study	MACE	CV death	Hospitalization for Heart Failure	Renal endpoint	All-cause mortality
Canvas Program Canagliflozin	↓14%	↓13%	↓33%	↓40%	↓13%
Declare-Timi 58 Dapagliflozin	↓7%	↓2%	↓27%	↓47%	↓7%
EMPA-REG OUTCOME Empagliflozin	↓14%	↓38%	↓35%	↓46%	↓32%
VERTIS-CV Ertugliflozin	↓3%	↓8%	↓30%	↓19%	↓7%
CREDENCE Canagliflozin	↓20%	↓22%	↓39%	↓34%	↓17%
DAPA-CKD Dapagliflozin		↓19%		↓39%	↓31%
SCORED Sotagliflozin	↓33%	↓10%	↓33%	↓29%	↓1%
DAPA-HF Dapagliflozin		↓18%	↓30%	↓29%	↓17%
EMPEROR-reduced Empagliflozin		↓8%	↓31%	↓50%	↓8%
EMPEROR-preserved Empagliflozin		↓9%	↓27%	↓5%	=
SOLOIST-WHF Sotagliflozin	↓28%	↓16%	↓36%	↓	↓18%

Statistically significant relative reduction reported

.

1.1.5. Adverse Drug Reactions

Major clinical trials evaluating SGLT2i have demonstrated their generally favorable safety profiles, with overall ADR rates lower than those of placebo groups [75,114,139]. This safety is attributed to the specific localization of SGLT2 in the renal proximal tubule and, to a lesser extent, in the heart [86,150].

Hypoglycemia is uncommon with SGLT2i due to their glucose-dependent mechanism of action, which reduces urinary glucose excretion as blood glucose levels normalize [150]. However, the glycosuric effect of SGLT2i can predispose patients to specific ADRs [151,152]. The most frequently reported include:

- Genitourinary tract infections (GTIs): Increased glycosuria enhances the risk of genital mycotic infections and urinary tract infections (UTIs), particularly in female patients. Despite some variability in study results, GTIs remain the most common complication associated with SGLT2i use [75,114,139].
- Volume depletion-related symptoms: Increased urinary frequency and nocturia are commonly reported, although significant dehydration is rare [72,153–156].
- Electrolyte imbalances: SGLT2i may heighten susceptibility to conditions such as hyponatremia and hyperkalemia, especially in patients with CKD or those taking angiotensin-converting enzyme inhibitors (ACEis) or angiotensin receptor blockers (ARBs) [157–160].
- Initial declines in eGFR: A temporary reduction in eGFR is often observed within the first two to four weeks of treatment, followed by partial recovery over time [161,162]. Clinicians are advised to monitor renal function but not discontinue treatment unless the decline is clinically significant [26,163,164].

Comparative safety analyses among SGLT2i have revealed differences in ADR profiles. Dapagliflozin and empagliflozin have been linked to a higher incidence of GTIs and urinary frequency, while no significant differences have been observed for severe ADRs, such as diabetic ketoacidosis, amputation, or severe hypoglycemia [125,165–173].

Figure 1.4 compares SGLT2i safety profile using data from ICSRs reported in EV database from January to December, 2023. The ADRs included, by System Organ Classes (SOC), are UTIs, pollakiuria, GTIs, and AKI.

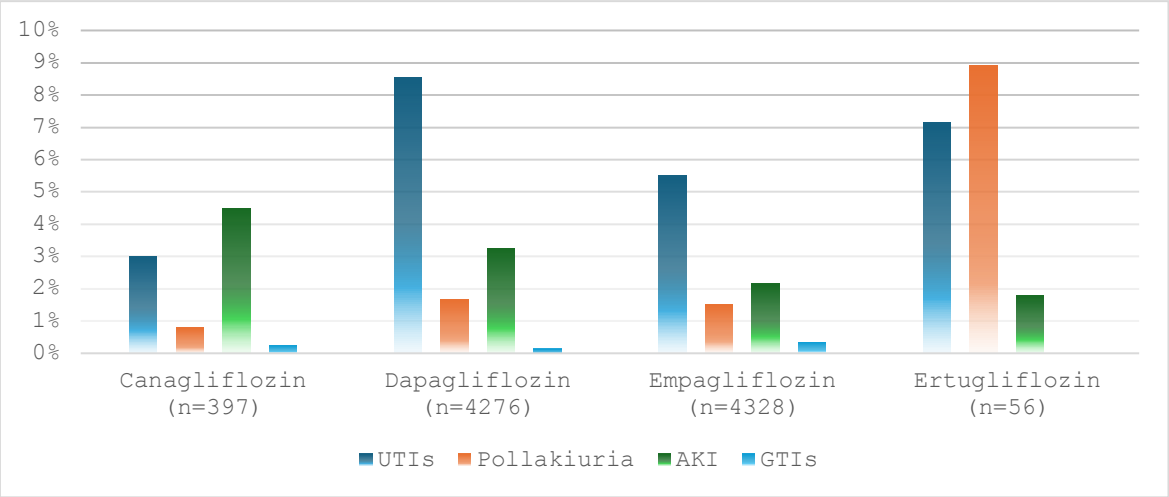


Figure 1.4. ADRs reported for canagliflozin, dapagliflozin, empagliflozin, and ertugliflozin by SOC, reported in EV database from January to December, 2023.

Real-world studies are increasingly essential in defining the safety profile of SGLT2i, especially in older adults and patients with polypharmacy. Such data will provide critical insights for optimizing treatment in diverse patient groups.

1.2. Glucagon-like peptide-1 receptor agonists

1.2.1. Contextualization and Physiology

Glucagon-like peptide-1 receptors (GLP1R) belong to the family of G protein-coupled receptors (GPCRs), which are integral to numerous physiological processes and represent key targets for many drugs. These receptors are expressed on various cell types and are widely distributed across multiple organs and tissues. By binding to the hormone GLP1, GLP1R plays a crucial role in regulating blood glucose levels and lipid metabolism [174–179].

GLP1 enhances glucose homeostasis by stimulating insulin secretion, reducing glucagon release, and promoting weight loss through increased satiety. Knockout studies have shown that GLP1R disruption leads to pancreatic dysfunction, hormonal imbalances, and impaired glucose regulation [176,180].

Incretin hormones, including GLP1 and glucose-dependent insulinotropic polypeptide (GIP), mediate the body's insulin response to nutrient intake. These gut-derived peptides are released in response to carbohydrate, fat, and protein ingestion, amplifying insulin secretion from pancreatic β-cells. However, GIP alone has limited therapeutic potential in T2DM, as its insulinotropic effect is reduced in these patients. Conversely, GLP1 exhibits strong and consistent effects on glucose-dependent insulin secretion and is a key target for T2DM treatment [181–188]. Table 1.4 summarizes some differences between GLP1 and GIP mechanisms of action.

Table 1.4. GIP vs GLP1 effects at the organ/tissue level [189,190].

		GLP1	**GIP**
Central Nervous System	Caloric intake	↓↓	↓
Heart	Heart rate	↑	↑
Pancreas	Insulin secretion	↑↑	↑↑
	Glucagon secretion	↓↓	↑
Stomach and Gut	Gastric emptying	↓↓	↔
	Chylomicron production	↓	
Adipose tissue		↔	Glucose and Triglycerides uptake ↑↑
			Triglycerides storage ↑↑
Kidneys	Sodium excretion (transient)	↓	↔
Bones	Meal-associated bone remodeling	↑	↑↑
		Indirect effects: ↑insulin ↓glucagon	**Indirect effects: ↑insulin ↑glucagon**
Liver		Glucose uptake, glycogen↑ Hepatic glucose production↓ Intrahepatic fat↓	Glucose uptake, glycogen↑ Hepatic glucose production↓

GLP1 secretion is transient due to rapid degradation by the enzyme dipeptidyl peptidase-4 (DPP4), which reduces its half-life to less than two minutes. This short half-life has necessitated the development of GLP1RA, which mimic the effects of native GLP1 while resisting DPP4 degradation [184,190].

The effects of GLP1 extend beyond glycemic control, encompassing delayed gastric emptying, suppression of pancreatic α-cell glucagon secretion, and reduction of β-cell apoptosis. GLP1 also promotes neurohormonal changes that reduce food intake, further contributing to weight loss [191,192].

In summary, GLP1 and its receptor are central to glucose regulation and metabolic health. The therapeutic development of GLP1RA has transformed T2DM management, offering glycemic control with additional benefits in weight management and CV protection.

1.2.2. Mechanism of action

GLP1 is an incretin hormone primarily secreted by L-cells in the intestinal mucosa, α-cells in the pancreatic islets, and neurons in the nucleus of the solitary tract. GLP1 plays a key role in glucose homeostasis, enhancing insulin secretion in response to oral glucose intake. However, its biological activity is short-lived, as DPP4 rapidly degrades GLP1 within 1–2 minutes of its release [193–195].

GLP1RA are synthetic analogs of GLP1, designed with structural modifications to resist DPP4 degradation and prolong their half-life [196,197]. By mimicking GLP1's biological activity, GLP1RA effectively lower blood glucose levels without increasing the risk of hypoglycemia, as their action is glucose-dependent [177].

Mechanistically, GLP1RA bind to GLP1R on pancreatic β-cells, stimulating intracellular AMP (cyclic-3'5' -adenosine monophosphate) production. This leads to enhanced glucose-dependent insulin release, suppression of glucagon secretion from α-cells, and improved glycemic control [198].

The pharmacological effects of GLP1RA extend beyond the pancreas. They delay gastric emptying, reduce food intake through satiety-promoting effects in the hypothalamus, and decrease β-cell apoptosis while promoting β-cell proliferation. Additionally, GLP1RA improve CV and renal outcomes, as demonstrated in numerous clinical trials (Figure 1.5) [21,199–204].

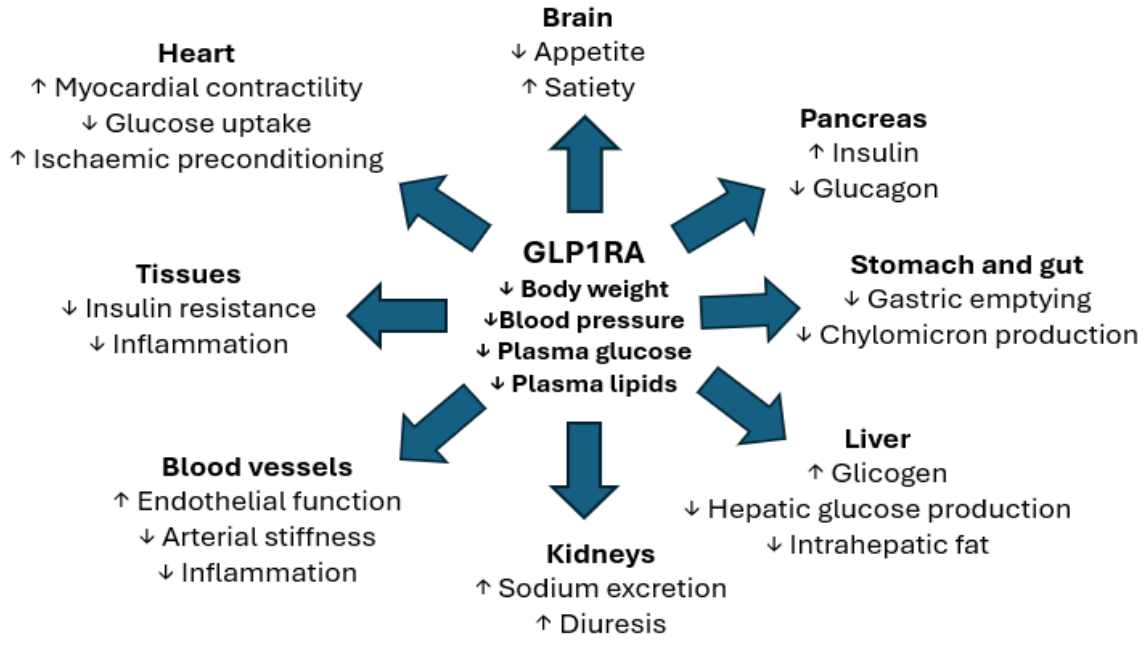


Figure 1.5. GLP1RA mechanisms in different organs and tissues.

Recent studies have shown that GLP1RA exert cardioprotective effects, reducing the risks of myocardial infarction, stroke, CV death, and overall mortality in patients with T2DM.

These benefits are attributed to their ability to reduce oxidative stress, inflammation, and fibrosis while promoting natriuresis [205–210].

In NAFLD, GLP1RA improve hepatic outcomes by increasing adiponectin levels, reducing hepatic fat accumulation, and inhibiting hepatocyte apoptosis caused by endoplasmic reticulum stress (Figure 1.6) [211–214].

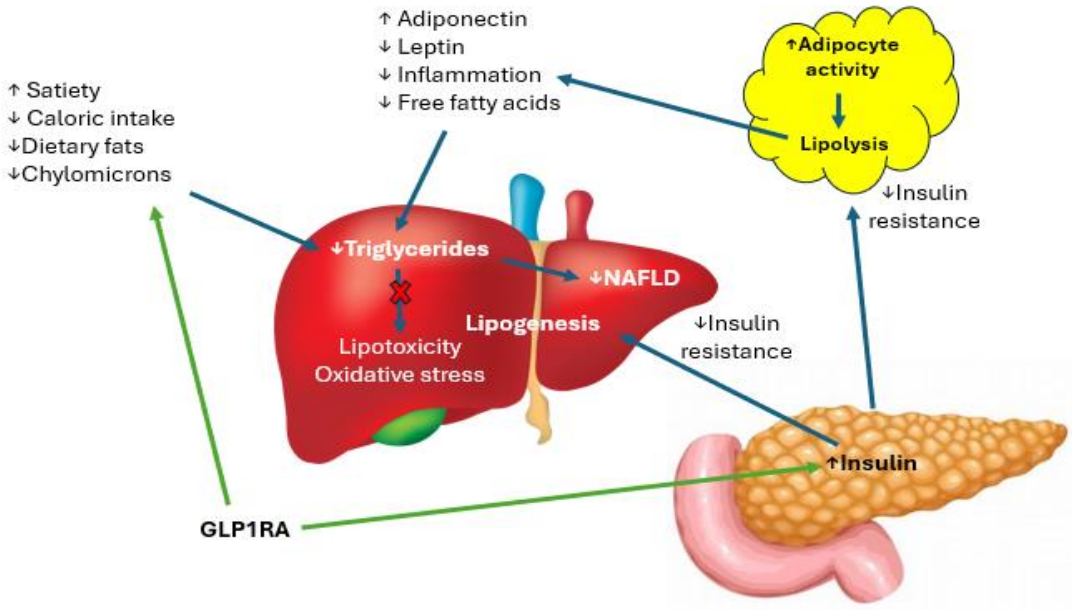


Figure 1.6. Potential targets of GLP1RA in the treatment of NAFLD (Adapted from Seghieri M, Christensen AS, Andersen A, Solini A, Knop FK, Vilsbøll T. Future Perspectives on GLP-1 Receptor Agonists and GLP-1/glucagon Receptor Co-agonists in the Treatment of NAFLD).

By targeting multiple organs and pathways, GLP1RA provide comprehensive metabolic benefits, addressing both glycemic control and associated cardiometabolic risks in T2DM patients.

1.2.3. Characterization

The development of GLP1RA began with the discovery of exenatide in 1992, an analog sharing 53% homology with human GLP1. Unlike native GLP1, exenatide resists degradation by DPP4 and remains active for approximately 12 hours. It was approved for T2DM treatment in 2005, marking the advent of GLP1RA-based therapies [215,216].
Subsequent research focused on creating analogs with greater homology to human GLP1 and extended durations of action. This led to the development of long-acting agents, such as liraglutide, dulaglutide, and semaglutide, as well as the dual GIP/GLP1 receptor agonist tirzepatide (Table 1.5). These agents offer improved glycemic control and additional benefits like weight loss and cardioprotection [217–220].

Table 1.5. Characteristics of Liraglutide, Dulaglutide, Semaglutide, and Tirzepatide [221–225].

GLP1RA	Administration route	Half-life	Dosage and frequency
Liraglutide	Subcutaneous	11-13 hours	0.6 than 1.2 mg daily (maximum dose of 1.8 mg)
Dulaglutide	Subcutaneous	108-112 hours	0.75 or 1.5 mg weekly (maximum dose of 4.5 mg)
Semaglutide	Subcutaneous	6-7 days	0.25 than 0.5 or 1 mg weekly (maximum dose of 2.4 mg)
	Oral	24 hours	3 than 7 or 14 mg daily
Tirzepatide	Subcutaneous	5 days	2.5 than 5mg weekly (maximum dose of 15 mg)

Long-acting GLP1RA generally demonstrate superior glycemic control compared to short-acting agents. Semaglutide, for instance, has a considerably longer half-life, allowing for once-weekly dosing, while its oral formulation provides an alternative to subcutaneous administration. Tirzepatide, approved in 2022, combines GIP and GLP1 receptor agonism, achieving greater reductions in HbA1c and body weight compared to other GLP1RA [192,226–228].
The choice of GLP1RA depends on patient-specific factors, such as dosing preferences, tolerability, and treatment goals. While short-acting agents are primarily used for glycemic control, long-acting GLP1RA also address obesity, CV risk, and renal protection [196,229–231].

1.3.3.1. Liraglutide

Liraglutide shares 97% structural similarity with human GLP1 and is approved for the treatment of T2DM at doses of up to 1.8 mg daily. It is also approved for weight management at a higher dose of 3 mg daily. Its effects are primarily mediated by activation of GLP1R in the hypothalamus, promoting satiety and reducing caloric intake [232–235].

In addition to reducing fasting glucose levels and HbA1c, liraglutide has demonstrated benefits in addressing cardiometabolic risk factors. These include reductions in waist circumference, blood pressure, and inflammatory markers. Modest improvements in fasting lipid levels have also been observed, although their clinical significance remains uncertain [236–238].
Liraglutide's dual role in glycemic control and weight management, coupled with its safety profile, has established it as a versatile agent for managing T2DM and associated comorbidities.

1.3.3.2. Dulaglutide

Dulaglutide is a long-acting GLP1RA approved for once-weekly subcutaneous administration in patients with T2DM. It is indicated as monotherapy for patients who cannot tolerate or have contraindications to metformin, or as an add-on therapy when other glucose-lowering medications, including insulin, fail to achieve adequate glycemic control [239].
Clinical trials and real-world studies have demonstrated that dulaglutide offers effective glycemic control. It has been shown to outperform liraglutide in improving HbA1c levels in some patient populations. Furthermore, dulaglutide's weekly dosing schedule enhances patient convenience and adherence compared to daily GLP1RA options [240–242].
Dulaglutide's safety profile and efficacy make it a valuable option for both initial and combination therapy in T2DM management.

1.3.3.3. Semaglutide

Semaglutide is a long-acting GLP1RA with a significantly extended half-life, allowing for once-weekly subcutaneous administration. It is approved for T2DM treatment and, more recently, has also been authorized by FDA to reduce the risk of MACE in adults with established CV disease and either obesity or overweight, to reduce excess body weight and maintain weight reduction long term, regardless of diabetes status, and to reduce the risk of sustained eGFR decline, end-stage kidney disease and CV death in adults with T2DM and CKD (Table 1.5) [243–248].
Compared to liraglutide, semaglutide demonstrates superior efficacy in HbA1c reduction and weight loss. Clinical trials have shown its efficacy in reducing the risk of clinically significant kidney outcomes and CV events in patients with T2DM and CKD [249–251].
In 2019, an oral formulation of semaglutide was introduced, providing a convenient alternative to subcutaneous injections. This formulation includes sodium N-(8-[2-

hydroxybenzoyl]amino) caprylate (SNAC), which enhances gastric absorption and protects the peptide from enzymatic degradation in the gastrointestinal tract [252].
Overall, semaglutide represents a versatile and effective treatment option for managing T2DM, obesity, and associated complications, with its multiple administration routes enhancing patient accessibility and adherence.

1.3.3.4. Tirzepatide

Tirzepatide is a dual agonist of GIP and GLP1 receptors. Engineered from the native GIP sequence, tirzepatide exhibits equivalent affinity for GIP receptors and approximately five times weaker affinity for GLP1R compared to native GLP1 [253,254]. This dual mechanism of action results in substantial reductions in HbA1c levels and body weight, outperforming other GLP1RA in clinical trials. The SURPASS trial program established tirzepatide as a highly effective agent for glycemic control and weight management, which led to its approval for T2DM treatment in 2022 [227,255–258].
Tirzepatide has also demonstrated significant benefits in reducing the risk of all-cause mortality, MACE, AKI, and negative kidney outcomes in T2DM patients when compared to other GLP1RA. Its unique dual agonist action provides synergistic effects, enhancing its therapeutic potential in metabolic diseases [259–261].
Tirzepatide is administered subcutaneously once weekly, with an initial dose of 2.5 mg titrated up to a maximum of 15 mg, based on patient tolerability and treatment goals (Table 1.5).

1.3.4. Approved Clinical Indications

Initially developed to improve glycemic control, GLP1RA have emerged as key therapies for CV risk reduction in patients with T2DM. While these agents are recognized for their beneficial effects on glycemic control, their ability to reduce MACE has become a cornerstone of their clinical utility in T2DM management. Notably, these agents have been shown to reduce the incidence of MACE in patients with T2DM, a population at high risk for CV complications, which remain the leading cause of death in this group (Table 1.6) [262].

Table 1.6. GLP1RA outcomes in patients with or at high risk for CV disease [33,204,259,263–273].

	HbA1C decrease	CV outcomes ASCVD/HF	Nephropathy	CV/Overall mortality
Liraglutide	-0.8 to -1.5	Benefit/Neutral	Benefit	Benefit/Benefit
Dulaglutide	-1 to -1.5	Benefit/Neutral	Benefit	Benefit/Benefit
Semaglutide (SC)	-1.5 to -2	Benefit/Benefit	Benefit	Benefit/Benefit
Semaglutide (oral)	-0.7 to -2	Neutral/?	Benefit	Benefit/Benefit
Tirzepatide	-2 to -2.5	Benefit/Benefit	Benefit	Benefit/Benefit

The American Diabetes Association, the American Association of Clinical Endocrinology, and other professional organizations have updated their clinical practice guidelines to recommend GLP1RA for T2DM patients with established CV disease, irrespective of HbA1c levels, and have even suggested them as a first-line treatment option for certain individuals. GLP1RA CV outcome trials, such as LEADER, REWIND, and SUSTAIN-6, have demonstrated significant reductions in MACE, highlighting the CV benefits of this class, particularly in those with or at risk for ASCVD (Table 1.6) [263,264].

The SURPASS program on tirzepatide further supports these findings, with pooled analyses from trials like SURPASS-1, -2, -3, and -4 providing additional evidence of the agents' efficacy in reducing CV events in patients with T2DM. These studies solidify the role of GLP1RA in managing both glycemic control and CV risk in T2DM patients (Table 1.6) [274].

The expanding use of GLP1RA for chronic weight management in individuals without diabetes has also drawn attention to their potential CV benefits in this population. The SELECT trial demonstrated that semaglutide 2.4 mg, when used in patients with ASCVD but without diabetes, led to a 20% relative risk reduction in MACE and a 19% relative risk reduction in all-cause mortality over a mean follow-up of 3.3 years. As a result, the FDA approved semaglutide for reducing CV events in individuals with CV disease and overweight or obesity in March 2024 [248,275,276].

Recent regulatory approvals of semaglutide for CKD and metabolic-associated steatohepatitis (MASH) have been catalyzed by pivotal data from the FLOW and ESSENCE trials, respectively. In FLOW, a phase 3b, randomized, double-blind study in patients with T2DM and CKD, weekly semaglutide (1.0 mg) reduced the composite risk of ≥50% decline in eGFR, kidney failure or death from renal or CV causes by ~24% versus placebo. Likewise, the ESSENCE trial, showed that once-daily subcutaneous semaglutide achieved MASH resolution without fibrosis worsening in up to 59% of patients (0.4 mg arm) versus 17% in placebo. These trials support the emerging role of GLP1RA as disease-modifying therapies in renal and hepatic metabolic pathologies [277-280].

Beyond weight reduction and glucose modulation, GLP1RA exert anti-inflammatory, anti-fibrotic, and cardiometabolic benefits, supporting their expanding role in multisystem metabolic disorders. Collectively, these approvals underscore the growing recognition of GLP1RA as disease-modifying therapies across diverse metabolic and renal pathologies.

1.3.5. Adverse Drug Reactions

The most commonly reported adverse effects associated with GLP1RA are upper gastrointestinal symptoms, including diarrhea, nausea, and vomiting [250,281–283]. These gastrointestinal adverse events appear to be dose-dependent and likely represent a class-wide effect [191,192]. They are typically transient, mild to moderate in severity, and tend to occur primarily during the initiation and dose-escalation phases of treatment. In contrast, constipation may persist longer than other gastrointestinal side effects, reflecting the more chronic nature of this condition [246,284].

The exact cause of gastrointestinal ADRs associated with GLP1RA remains unclear, with multiple factors likely contributing, depending on both the drug and patient characteristics. One potential factor is the duration of action of the GLP1RA. Short-acting agents, which are currently used only for the treatment of T2DM, are often linked to a higher incidence of nausea and vomiting, while longer-acting agents, used for both T2DM and weight management, tend to cause more diarrhea [285,286]. Nausea is thought to arise from direct effects on the central nervous system, mediated by GLP1R in the area postrema, a medullary structure in the brain that controls vomiting [287]. Additionally, gastrointestinal effects such as delayed gastric emptying and alterations in intestinal motility and transit time may contribute to the development of these side effects [192,286,288].

Figure 1.7 compares the main GLP1RA gastrointestinal ADRs reported in the EV database from January to December 2023.

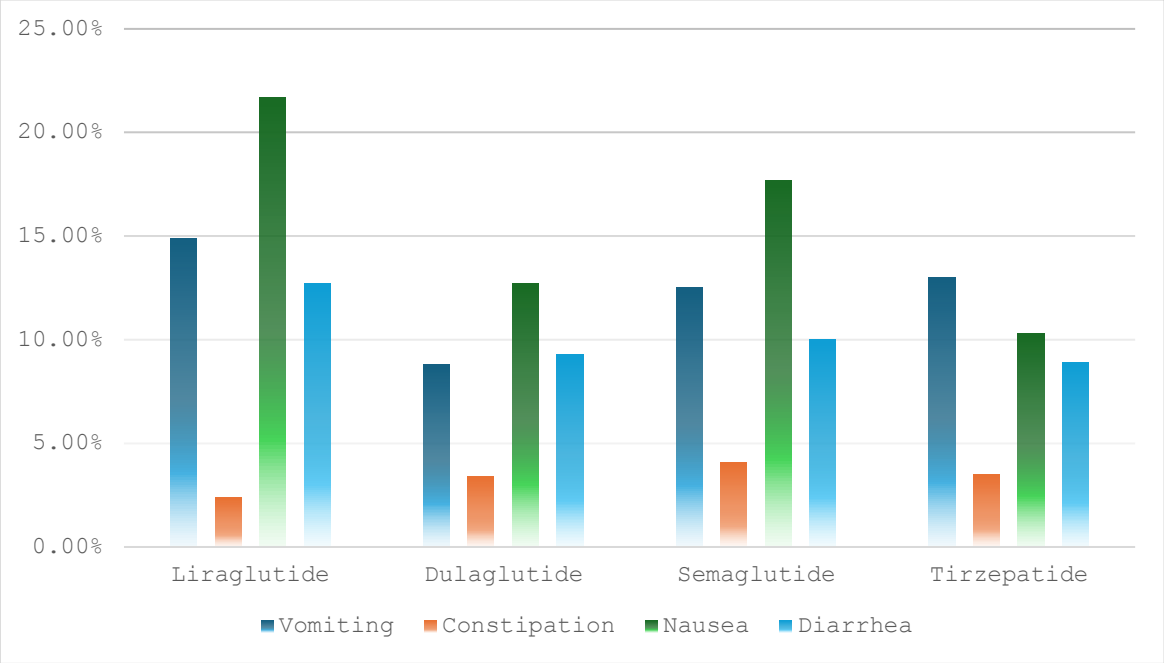


Figure 1.7. ADRs reported for liraglutide, dulaglutide, semaglutide (sc), and tirzepatide by SOC, reported in EV database from January to December, 2023.

The ADRs, categorized by SOC, include vomiting, constipation, nausea, and diarrhea. The safety and tolerability of oral semaglutide are comparable to those of the subcutaneous formulations. A phase 2 study found that patients who began treatment with a low dose of oral semaglutide experienced fewer instances of nausea, while the frequency of gastrointestinal ADRs was highest during the dose-escalation phase [252,289,290]. This highlights the importance of careful dose escalation when initiating semaglutide therapy.
Real-world studies report a variable incidence of gastrointestinal side effects, with some showing rates similar to those in clinical trials, while others indicate lower rates. Despite this variability, gastrointestinal ADRs remain the most common reason for patient discontinuation of treatment [291–293]. More long-term real-world studies are needed to better understand the full safety profile of GLP1RA.

1.4. References

1. Ong KL, Stafford LK, McLaughlin SA, Boyko EJ, Vollset SE, Smith AE, et al. Global, regional, and national burden of diabetes from 1990 to 2021, with projections of prevalence to 2050: a systematic analysis for the Global Burden of Disease Study 2021. The Lancet. 2023;402:203–34.

2. Nanda M, Sharma R, Mubarik S, Aashima A, Zhang K. Type-2 Diabetes Mellitus (T2DM): Spatial-temporal Patterns of Incidence, Mortality and Attributable Risk Factors from 1990 to 2019 among 21 World Regions. Endocrine. 2022;77:444–54.

3. Lopes A, Roque F, Morgado S, Dinis C, Herdeiro MT, Morgado M. Behavioral Sciences in the Optimization of Pharmacological and Non-Pharmacological Therapy for Type 2 Diabetes. Behavioral Sciences. 2021;11:153.

4. International Diabetes Federation. IDF Diabetes Atlas, 10th ed.; International Diabetes Federation: Brussels, Belgium, 2021.

5. IHME, Global Burden of Disease (2024) – with minor processing by Our World in Data. "Deaths from diabetes" [dataset]. IHME, Global Burden of Disease, "Global Burden of Disease - Deaths and DALYs" [original data]. Retrieved October 6, 2024 from https://ourworldindata.org/grapher/deaths-from-diabetes.

6. Kaiser AB, Zhang N, Der Pluijm WV. Global Prevalence of Type 2 Diabetes over the Next Ten Years (2018-2028). Diabetes. 2018;67:202-LB.

7. Morello CM, Chynoweth M, Kim H, Singh RF, Hirsch JD. Strategies to Improve Medication Adherence Reported by Diabetes Patients and Caregivers: Results of a Taking Control of Your Diabetes Survey. Ann Pharmacother. 2011;45:145–53.

8. Galicia-Garcia U, Benito-Vicente A, Jebari S, Larrea-Sebal A, Siddiqi H, Uribe KB, et al. Pathophysiology of Type 2 Diabetes Mellitus. Int J Mol Sci. 2020;21:E6275.

9. Krause M, De Vito G. Type 1 and Type 2 Diabetes Mellitus: Commonalities, Differences and the Importance of Exercise and Nutrition. Nutrients. 2023;15:4279.

10. Usman MS, Khan MS, Butler J. The Interplay Between Diabetes, Cardiovascular Disease, and Kidney Disease. Compendia. 2021;2021:13–8.

11. Marassi M, Fadini GP. The cardio-renal-metabolic connection: a review of the evidence. Cardiovasc Diabetol. 2023;22:195.

12. Li Z, Wei J, Lu S. Association between diabetic retinopathy and diabetic foot ulcer in patients with diabetes: A meta-analysis. International Wound Journal. 2023;20:4077–82.

13. Khan MAB, Hashim MJ, King JK, Govender RD, Mustafa H, Al Kaabi J. Epidemiology of Type 2 Diabetes – Global Burden of Disease and Forecasted Trends: JEGH. 2019;10:107.

14. Richards SE, Wijeweera C, Wijeweera A. Lifestyle and socioeconomic determinants of diabetes: Evidence from country-level data. Vall-llosera Camps M, editor. PLoS ONE. 2022;17:e0270476.

15. Zhou Z, Zheng M, Zuo Z, Wu T. Comparison of cardiovascular outcomes of new antihyperglycemic agents in Type 2 Diabetes Mellitus: a meta-analysis. ESC Heart Failure. 2024;11:1647–56.

16. Mone P, Ciccarelli M, Jankauskas SS, Guerra G, Vecchione C, Visco V, et al. SGLT2 inhibitors and GLP-1 receptor agonists: which is the best anti-frailty drug? The Lancet Healthy Longevity. 2024;5:100632.

17. Forst T, Mathieu C, Giorgino F, Wheeler DC, Papanas N, Schmieder RE, et al. New strategies to improve clinical outcomes for diabetic kidney disease. BMC Med. 2022;20:337.

18. Puglisi S, Rossini A, Poli R, Dughera F, Pia A, Terzolo M, et al. Effects of SGLT2 Inhibitors and GLP-1 Receptor Agonists on Renin-Angiotensin-Aldosterone System. Front Endocrinol. 2021;12:738848.

19. Nauck MA, Quast DR. Cardiovascular Safety and Benefits of Semaglutide in Patients With Type 2 Diabetes: Findings From SUSTAIN 6 and PIONEER 6. Front Endocrinol. 2021;12:645566.

20. Wang J-Y, Wang Q-W, Yang X-Y, Yang W, Li D-R, Jin J-Y, et al. GLP–1 receptor agonists for the treatment of obesity: Role as a promising approach. Front Endocrinol. 2023;14:1085799.

21. Sattar N, Lee MMY, Kristensen SL, Branch KRH, Del Prato S, Khurmi NS, et al. Cardiovascular, mortality, and kidney outcomes with GLP-1 receptor agonists in patients with type 2 diabetes: a systematic review and meta-analysis of randomised trials. The Lancet Diabetes & Endocrinology. 2021;9:653–62.

22. Hsia DS, Grove O, Cefalu WT. An update on sodium-glucose co-transporter-2 inhibitors for the treatment of diabetes mellitus. Current Opinion in Endocrinology, Diabetes & Obesity. 2017;24:73–9.

23. Wilding J, Fernando K, Milne N, Evans M, Ali A, Bain S, et al. SGLT2 Inhibitors in Type 2 Diabetes Management: Key Evidence and Implications for Clinical Practice. Diabetes Ther. 2018;9:1757–73.

24. Scheen AJ. Pharmacodynamics, Efficacy and Safety of Sodium–Glucose Co-Transporter Type 2 (SGLT2) Inhibitors for the Treatment of Type 2 Diabetes Mellitus. Drugs. 2015;75:33–59.

25. Clar C, Gill JA, Court R, Waugh N. Systematic review of SGLT2 receptor inhibitors in dual or triple therapy in type 2 diabetes. BMJ Open. 2012;2:e001007.

26. Packer M, Anker SD, Butler J, Filippatos G, Pocock SJ, Carson P, et al. Cardiovascular and Renal Outcomes with Empagliflozin in Heart Failure. N Engl J Med. 2020;383:1413–24.

27. Das SR, Everett BM, Birtcher KK, Brown JM, Januzzi JL, Kalyani RR, et al. 2020 Expert Consensus Decision Pathway on Novel Therapies for Cardiovascular Risk Reduction in Patients With Type 2 Diabetes. Journal of the American College of Cardiology. 2020;76:1117–45.

28. Heerspink HJL, Stefánsson BV, Correa-Rotter R, Chertow GM, Greene T, Hou F-F, et al. Dapagliflozin in Patients with Chronic Kidney Disease. N Engl J Med. 2020;383:1436–46.

29. Kurata Y, Nangaku M. Dapagliflozin for the treatment of chronic kidney disease. Expert Review of Endocrinology & Metabolism. 2022;17:275–91.

30. The EMPA-KIDNEY Collaborative Group. Empagliflozin in Patients with Chronic Kidney Disease. N Engl J Med. 2023;388:117–27.

31. De Boer IH, Khunti K, Sadusky T, Tuttle KR, Neumiller JJ, Rhee CM, et al. Diabetes Management in Chronic Kidney Disease: A Consensus Report by the American Diabetes Association (ADA) and Kidney Disease: Improving Global Outcomes (KDIGO). Diabetes Care. 2022;45:3075–90.

32. Gibbons C, Blundell J, Tetens Hoff S, Dahl K, Bauer R, Bækdal T. Effects of oral semaglutide on energy intake, food preference, appetite, control of eating and body weight in subjects with type 2 diabetes. Diabetes Obes Metab. 2021;23:581–8.

33. Trujillo JM, Nuffer W, Smith BA. GLP-1 receptor agonists: an updated review of head-to-head clinical studies. Therapeutic Advances in Endocrinology. 2021;12:2042018821997320.

34. Rodbard HW. The Clinical Impact of GLP-1 Receptor Agonists in Type 2 Diabetes: Focus on the Long-Acting Analogs. Diabetes Technology & Therapeutics. 2018;20:S2-33-S2-41.

35. Deacon CF, Mannucci E, Ahrén B. Glycaemic efficacy of glucagon-like peptide-1 receptor agonists and dipeptidyl peptidase-4 inhibitors as add-on therapy to metformin in subjects with type 2 diabetes-a review and meta analysis. Diabetes, Obesity and Metabolism. 2012;14:762–7.

36. Baggio LL, Drucker DJ. Glucagon-like peptide-1 receptor co-agonists for treating metabolic disease. Molecular Metabolism. 2021;46:101090.

37. Newsome PN, Buchholtz K, Cusi K, Linder M, Okanoue T, Ratziu V, et al. A Placebo-Controlled Trial of Subcutaneous Semaglutide in Nonalcoholic Steatohepatitis. N Engl J Med. 2021;384:1113–24.

38. Sun F, Wu S, Wang J, Guo S, Chai S, Yang Z, et al. Effect of Glucagon-like Peptide-1 Receptor Agonists on Lipid Profiles Among Type 2 Diabetes: A Systematic Review and Network Meta-analysis. Clinical Therapeutics. 2015;37:225-241.e8.

39. Ajabnoor GMA, Hashim KT, Alzahrani MM, Alsuheili AZ, Alharbi AF, Alhozali AM, et al. The Possible Effect of the Long-Term Use of Glucagon-like Peptide-1 Receptor Agonists (GLP-1RA) on Hba1c and Lipid Profile in Type 2 Diabetes Mellitus: A Retrospective Study in KAUH, Jeddah, Saudi Arabia. Diseases. 2023;11:50.

40. Verbaanderd C, Rooman I, Huys I. Exploring new uses for existing drugs: innovative mechanisms to fund independent clinical research. Trials. 2021;22:322.

41. Kim H-S. Drug Repositioning: Exploring New Indications for Existing Drug-Disease Relationships. Endocrinol Metab. 2022;37:62–4.

42. Wang Y, Aldahdooh J, Hu Y, Yang H, Vähä-Koskela M, Tang J, et al. DrugRepo: a novel approach to repurposing drugs based on chemical and genomic features. Sci Rep. 2022;12:21116.

43. Pinzi L, Bisi N, Rastelli G. How drug repurposing can advance drug discovery: challenges and opportunities. Front Drug Discov. 2024;4:1460100.

44. Chen D. Real-world studies: bridging the gap between trial-assessed efficacy and routine care. J Biomed Res. 2022;36:147.

45. Navale AM, Paranjape AN. Glucose transporters: physiological and pathological roles. Biophys Rev. 2016;8:5–9.

46. Mueckler M. Facilitative glucose transporters. European Journal of Biochemistry. 1994;219:713–25.

47. Joost H-G, Thorens B. The extended GLUT-family of sugar/polyol transport facilitators: nomenclature, sequence characteristics, and potential function of its novel members. Molecular Membrane Biology. 2001;18:247–56.

48. Kim G-H, Martin SW, Fernández-Llama P, Masilamani S, Packer RK, Knepper MA. Long-term regulation of renal Na-dependent cotransporters and ENaC: response to altered acid-base intake. American Journal of Physiology-Renal Physiology. 2000;279:F459–67.

49. Sano R, Shinozaki Y, Ohta T. Sodium–glucose cotransporters: Functional properties and pharmaceutical potential. J of Diabetes Invest. 2020;11:770–82.

50. Sun B, Chen H, Xue J, Li P, Fu X. The role of GLUT2 in glucose metabolism in multiple organs and tissues. Mol Biol Rep. 2023;50:6963–74.

51. Scheepers A, Joost H, Schurmann A. The glucose transporter families SGLT and GLUT: molecular basis of normal and aberrant function. J Parenter Enteral Nutr. 2004;28:364–71.

52. Huang S, Czech MP. The GLUT4 Glucose Transporter. Cell Metabolism. 2007;5:237–52.

53. Vargas E, Podder V, Carrillo Sepulveda MA. Physiology, Glucose Transporter Type 4. StatPearls [Internet]. Treasure Island (FL): StatPearls Publishing; 2024 [cited 2024 Oct 9]. Available from: http://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK537322/

54. Wang T, Wang J, Hu X, Huang X, Chen G-X. Current understanding of glucose transporter 4 expression and functional mechanisms. WJBC. 2020;11:76–98.

55. Takebayashi K, Inukai T. Effect of Sodium Glucose Cotransporter 2 Inhibitors With Low SGLT2/SGLT1 Selectivity on Circulating Glucagon-Like Peptide 1 Levels in Type 2 Diabetes Mellitus. J Clin Med Res. 2017;9:745–53.

56. Szablewski L. Glucose transporters in healthy heart and in cardiac disease. International Journal of Cardiology. 2017;230:70–5.

57. Wright EM, Loo DDF, Hirayama BA. Biology of Human Sodium Glucose Transporters. Physiological Reviews. 2011;91:733–94.

58. Hummel CS, Lu C, Loo DDF, Hirayama BA, Voss AA, Wright EM. Glucose transport by human renal Na^+ / D -glucose cotransporters SGLT1 and SGLT2. American Journal of Physiology-Cell Physiology. 2011;300:C14–21.

59. Han L, Qu Q, Aydin D, Panova O, Robertson MJ, Xu Y, et al. Structure and mechanism of the SGLT family of glucose transporters. Nature. 2022;601:274–9.

60. Wright EM. Renal Na^+ -glucose cotransporters. American Journal of Physiology-Renal Physiology. 2001;280:F10–8.

61. Plosker GL. Dapagliflozin: A Review of Its Use in Patients with Type 2 Diabetes. Drugs. 2014;74:2191–209.

62. Hiraizumi M, Akashi T, Murasaki K, Kishida H, Kumanomidou T, Torimoto N, et al. Transport and inhibition mechanism of the human SGLT2–MAP17 glucose transporter. Nat Struct Mol Biol. 2024;31:159–69.

63. Isaji M. SGLT2 inhibitors: molecular design and potential differences in effect. Kidney International. 2011;79:S14–9.

64. DiPiro JT, editor. Pharmacotherapy: a pathophysiologic approach. Eleventh edition. New York: McGraw Hill Medical; 2020.

65. Fattah H, Vallon V. The Potential Role of SGLT2 Inhibitors in the Treatment of Type 1 Diabetes Mellitus. Drugs. 2018;78:717–26.

66. Rieg T, Vallon V. Development of SGLT1 and SGLT2 inhibitors. Diabetologia. 2018;61:2079–86.

67. Haider K, Pathak A, Rohilla A, Haider MR, Ahmad K, Yar MS. Synthetic strategy and SAR studies of C-glucoside heteroaryls as SGLT2 inhibitor: A review. European Journal of Medicinal Chemistry. 2019;184:111773.

68. Batra S, Bamrah PK, Choudhary M. Sodium-glucose transporter (SGLT2) inhibition: A potential target for treatment of type-2 Diabetes Mellitus with Natural and Synthetic compounds. Egyptian Journal of Basic and Applied Sciences. 2023;10:69–82.

69. Loo DDF, Wright EM. Sugar Transport Across Epithelia. In: Hamilton KL, Devor DC, editors. Studies of Epithelial Transporters and Ion Channels [Internet]. Cham: Springer International Publishing; 2020 [cited 2024 Oct 13]. p. 211–54. Available from: https://link.springer.com/10.1007/978-3-030-55454-5_6

70. Ghezzi C, Hirayama BA, Gorraitz E, Loo DDF, Liang Y, Wright EM. SGLT2 inhibitors act from the extracellular surface of the cell membrane. Physiol Rep. 2014;2:e12058.

71. Loo DDF, Jiang X, Gorraitz E, Hirayama BA, Wright EM. Functional identification and characterization of sodium binding sites in Na symporters. Proc Natl Acad Sci USA [Internet]. 2013 [cited 2024 Oct 13];110. Available from: https://pnas.org/doi/full/10.1073/pnas.1319218110

72. Ni L, Yuan C, Chen G, Zhang C, Wu X. SGLT2i: beyond the glucose-lowering effect. Cardiovasc Diabetol. 2020;19:98.

73. Heerspink HJL, Kosiborod M, Inzucchi SE, Cherney DZI. Renoprotective effects of sodium-glucose cotransporter-2 inhibitors. Kidney International. 2018;94:26–39.

74. Filippatos TD, Liontos A, Papakitsou I, Elisaf MS. SGLT2 inhibitors and cardioprotection: a matter of debate and multiple hypotheses. Postgraduate Medicine. 2019;131:82–8.

75. Zinman B, Wanner C, Lachin JM, Fitchett D, Bluhmki E, Hantel S, et al. Empagliflozin, Cardiovascular Outcomes, and Mortality in Type 2 Diabetes. N Engl J Med. 2015;373:2117–28.

76. Heidenreich PA, Bozkurt B, Aguilar D, Allen LA, Byun JJ, Colvin MM, et al. 2022 AHA/ACC/HFSA Guideline for the Management of Heart Failure: A Report of the American College of Cardiology/American Heart Association Joint Committee on Clinical Practice Guidelines. Circulation [Internet]. 2022 [cited 2024 Oct 12];145. Available from: https://www.ahajournals.org/doi/10.1161/CIR.0000000000001063

77. Peppa M, Manta A, Mavroeidi I, Asimakopoulou A, Syrigos A, Nastos C, et al. Changes in Cardiovascular and Renal Biomarkers Associated with SGLT2 Inhibitors Treatment in Patients with Type 2 Diabetes Mellitus. Pharmaceutics. 2023;15:2526.

78. Aubert G, Martin OJ, Horton JL, Lai L, Vega RB, Leone TC, et al. The Failing Heart Relies on Ketone Bodies as a Fuel. Circulation. 2016;133:698–705.

79. Hediger MA, Turk E, Wright EM. Homology of the human intestinal Na+/glucose and Escherichia coli Na+/proline cotransporters. Proc Natl Acad Sci USA. 1989;86:5748–52.

80. Wells RG, Pajor AM, Kanai Y, Turk E, Wright EM, Hediger MA. Cloning of a human kidney cDNA with similarity to the sodium-glucose cotransporter. American Journal of Physiology-Renal Physiology. 1992;263:F459–65.

81. Gyimesi G, Pujol-Giménez J, Kanai Y, Hediger MA. Sodium-coupled glucose transport, the SLC5 family, and therapeutically relevant inhibitors: from molecular discovery to clinical application. Pflugers Arch - Eur J Physiol. 2020;472:1177–206.

82. Tsujihara K, Hongu M, Saito K, Inamasu M, Arakawa K, Oku A, et al. Na+-Glucose Cotransporter Inhibitors as Antidiabetics. I. Synthesis and Pharmacological Properties of 4'-Dehydroxyphlorizin Derivatives Based on a New Concept. Chem Pharm Bull. 1996;44:1174–80.

83. Oku A, Ueta K, Arakawa K, Ishihara T, Nawano M, Kuronuma Y, et al. T-1095, an inhibitor of renal Na+-glucose cotransporters, may provide a novel approach to treating diabetes. Diabetes. 1999;48:1794–800.

84. Washburn WN. Development of the Renal Glucose Reabsorption Inhibitors: A New Mechanism for the Pharmacotherapy of Diabetes Mellitus Type 2. J Med Chem. 2009;52:1785–94.

85. Grempler R, Thomas L, Eckhardt M, Himmelsbach F, Sauer A, Sharp DE, et al. Empagliflozin, a novel selective sodium glucose cotransporter-2 (SGLT-2) inhibitor: characterisation and comparison with other SGLT-2 inhibitors. Diabetes Obesity Metabolism. 2012;14:83–90.

86. Wright EM. SGLT2 Inhibitors: Physiology and Pharmacology. Kidney360. 2021;2:2027–37.

87. Marrs JC, Anderson SL. Ertugliflozin in the treatment of type 2 diabetes mellitus. DIC. 2020;9:1–10.

88. McDonagh TA, Metra M, Adamo M, Gardner RS, Baumbach A, Böhm M, et al. 2021 ESC Guidelines for the diagnosis and treatment of acute and chronic heart failure. European Heart Journal. 2021;42:3599–726.

89. Pitt B, Bhatt DL, Metra M. Does SGLT1 inhibition add to the benefits of SGLT2 inhibition in the prevention and treatment of heart failure? European Heart Journal. 2022;43:4754–7.

90. Da Silva PN, Da Conceição RA, Do Couto Maia R, De Castro Barbosa ML. Sodium–glucose cotransporter 2 (SGLT-2) inhibitors: a new antidiabetic drug class. Med Chem Commun. 2018;9:1273–81.

91. Zeng Q, Zhou Q, Liu W, Wang Y, Xu X, Xu D. Mechanisms and Perspectives of Sodium-Glucose Co-transporter 2 Inhibitors in Heart Failure. Front Cardiovasc Med. 2021;8:636152.

92. Azizogli A, Vitti MR, Mishra R, Osorno L, Heffernan C, Kumar VA. Comparison of SGLT1, SGLT2, and Dual Inhibitor Biological Activity in Treating Type 2 Diabetes Mellitus. Advanced Therapeutics. 2023;6:2300143.

93. Cinti F, Moffa S, Impronta F, Cefalo CMA, Sun VA, Sorice GP, et al. Spotlight on ertugliflozin and its potential in the treatment of type 2 diabetes: evidence to date. DDDT. 2017;Volume 11:2905–19.

94. Scheen AJ. Drug–Drug Interactions with Sodium-Glucose Cotransporters Type 2 (SGLT2) Inhibitors, New Oral Glucose-Lowering Agents for the Management of Type 2 Diabetes Mellitus. Clin Pharmacokinet. 2014;53:295–304.

95. Papakitsou I, Vougiouklakis G, Elisaf MS, Filippatos TD. Differential pharmacology and clinical utility of dapagliflozin in type 2 diabetes. CPAA. 2019;Volume 11:133–43.

96. Scheen AJ. Pharmacokinetic and Pharmacodynamic Profile of Empagliflozin, a Sodium Glucose Co-Transporter 2 Inhibitor. Clin Pharmacokinet. 2014;53:213–25.

97. Filippas-Ntekouan S, Tsimihodimos V, Filippatos T, Dimitriou T, Elisaf M. SGLT-2 inhibitors: pharmacokinetics characteristics and effects on lipids. Expert Opinion on Drug Metabolism & Toxicology. 2018;1–9.

98. Cefalu WT, Leiter LA, Yoon K-H, Arias P, Niskanen L, Xie J, et al. Efficacy and safety of canagliflozin versus glimepiride in patients with type 2 diabetes inadequately controlled with metformin (CANTATA-SU): 52 week results from a randomised, double-blind, phase 3 non-inferiority trial. The Lancet. 2013;382:941–50.

99. Davis SN. Canagliflozin versus glimepiride treatment in patients with Type 2 diabetes inadequately controlled with metformin (CANTATA-SU trial). Expert Review of Clinical Pharmacology. 2014;7:21–3.

100. Yale J -F., Bakris G, Cariou B, Nieto J, David-Neto E, Yue D, et al. Efficacy and safety of canagliflozin over 52 weeks in patients with type 2 diabetes mellitus and chronic kidney disease. Diabetes Obesity Metabolism. 2014;16:1016–27.

101. Wilding JPH, Charpentier G, Hollander P, González-Gálvez G, Mathieu C, Vercruysse F, et al. Efficacy and safety of canagliflozin in patients with type 2 diabetes mellitus inadequately controlled with metformin and sulphonylurea: a randomised trial. Int J Clin Pract. 2013;67:1267–82.

102. Padda IS, Mahtani AU, Parmar M. Sodium-Glucose Transport Protein 2 (SGLT2) Inhibitors. StatPearls [Internet]. Treasure Island (FL): StatPearls Publishing; 2024 [cited 2024 Oct 13]. Available from: http://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK576405/

103. Carbone S, Dixon DL. The CANVAS Program: implications of canagliflozin on reducing cardiovascular risk in patients with type 2 diabetes mellitus. Cardiovasc Diabetol. 2019;18:64.

104. Plosker GL. Canagliflozin: A Review of Its Use in Patients with Type 2 Diabetes Mellitus. Drugs. 2014;74:807–24.

105. Mudaliar S, Polidori D, Zambrowicz B, Henry RR. Sodium–Glucose Cotransporter Inhibitors: Effects on Renal and Intestinal Glucose Transport. Diabetes Care. 2015;38:2344–53.

106. Jakher H, Chang TI, Tan M, Mahaffey KW. Canagliflozin review – safety and efficacy profile in patients with T2DM. DMSO. 2019;Volume 12:209–15.

107. US Food and Drug Administration INVOKANA® (canagliflozin) tablets, for oral use [prescribing information] https://www.accessdata.fda.gov/drugsatfda_docs/label/2020/204042s034lbl.pdf.

108. https://www.ema.europa.eu/pt/documents/product-information/vokanamet-epar-product-information_pt.pdf.

109. Komoroski B, Vachharajani N, Boulton D, Kornhauser D, Geraldes M, Li L, et al. Dapagliflozin, a Novel SGLT2 Inhibitor, Induces Dose-Dependent Glucosuria in Healthy Subjects. Clin Pharmacol Ther. 2009;85:520–6.

110. Obermeier M, Yao M, Khanna A, Koplowitz B, Zhu M, Li W, et al. In Vitro Characterization and Pharmacokinetics of Dapagliflozin (BMS-512148), a Potent Sodium-Glucose Cotransporter Type II Inhibitor, in Animals and Humans. Drug Metab Dispos. 2010;38:405–14.

111. Shah NK, Deeb WE, Choksi R, Epstein BJ. Dapagliflozin: A Novel Sodium-Glucose Cotransporter Type 2 Inhibitor for the Treatment of Type 2 Diabetes Mellitus. Pharmacotherapy. 2012;32:80–94.

112. McMurray JJV, Solomon SD, Inzucchi SE, Køber L, Kosiborod MN, Martinez FA, et al. Dapagliflozin in Patients with Heart Failure and Reduced Ejection Fraction. N Engl J Med. 2019;381:1995–2008.

113. Solomon SD, McMurray JJV, Claggett B, De Boer RA, DeMets D, Hernandez AF, et al. Dapagliflozin in Heart Failure with Mildly Reduced or Preserved Ejection Fraction. N Engl J Med. 2022;387:1089–98.

114. Wiviott SD, Raz I, Bonaca MP, Mosenzon O, Kato ET, Cahn A, et al. Dapagliflozin and Cardiovascular Outcomes in Type 2 Diabetes. N Engl J Med. 2019;380:347–57.

115. Peikert A, Goyal P, Vaduganathan M, Claggett BL, Kulac IJ, Miao ZM, et al. Dapagliflozin in Heart Failure With Mildly Reduced or Preserved Ejection Fraction According to Polypharmacy Status. JACC: Heart Failure. 2023;11:1380–93.

116. https://www.ema.europa.eu/pt/documents/product-information/forxiga-epar-product-information_pt.pdf.

117. https://www.ema.europa.eu/pt/documents/product-information/ebymect-epar-product-information_pt.pdf.

118. https://www.ema.europa.eu/pt/documents/product-information/qtern-epar-product-information_pt.pdf.

119. Chawla G, Chaudhary KK. A complete review of empagliflozin: Most specific and potent SGLT2 inhibitor used for the treatment of type 2 diabetes mellitus. Diabetes & Metabolic Syndrome: Clinical Research & Reviews. 2019;13:2001–8.

120. Anker SD, Butler J, Filippatos G, Ferreira JP, Bocchi E, Böhm M, et al. Empagliflozin in Heart Failure with a Preserved Ejection Fraction. N Engl J Med. 2021;385:1451–61.

121. Engström A, Söderling J, Hviid A, Eliasson B, Gudbjörnsdottir S, Wintzell V, et al. Comparative cardiovascular and renal effectiveness of empagliflozin and dapagliflozin: Scandinavian cohort study. European Heart Journal - Cardiovascular Pharmacotherapy. 2024;10:432–43.

122. https://www.ema.europa.eu/pt/documents/product-information/jardiance-epar-product-information_pt.pdf.

123. https://www.ema.europa.eu/pt/documents/product-information/glyxambi-epar-product-information_pt.pdf.

124. https://www.ema.europa.eu/pt/documents/product-information/synjardy-epar-product-information_pt.pdf.

125. Terra SG, Focht K, Davies M, Frias J, Derosa G, Darekar A, et al. Phase III, efficacy and safety study of ertugliflozin monotherapy in people with type 2 diabetes mellitus inadequately controlled with diet and exercise alone. Diabetes Obesity Metabolism. 2017;19:721–8.

126. Aronson R, Frias J, Goldman A, Darekar A, Lauring B, Terra SG. Long-term efficacy and safety of ertugliflozin monotherapy in patients with inadequately controlled T2DM despite diet and exercise: VERTIS MONO extension study. Diabetes Obesity Metabolism. 2018;20:1453–60.

127. Dagogo-Jack S, Liu J, Eldor R, Amorin G, Johnson J, Hille D, et al. Efficacy and safety of the addition of ertugliflozin in patients with type 2 diabetes mellitus inadequately controlled with metformin and sitagliptin: The VERTIS SITA2 placebo-controlled randomized study. Diabetes Obesity Metabolism. 2018;20:530–40.

128. Pratley RE, Eldor R, Raji A, Golm G, Huyck SB, Qiu Y, et al. Ertugliflozin plus sitagliptin versus either individual agent over 52 weeks in patients with type 2 diabetes mellitus inadequately controlled with metformin: The VERTIS FACTORIAL randomized trial. Diabetes Obesity Metabolism. 2018;20:1111–20.

129. Li Y, Nucci G, Yamamoto Y, Fediuk DJ, Sahasrabudhe V. Pharmacokinetics and Pharmacodynamics of Ertugliflozin in Healthy Japanese and Western Subjects. Clinical Pharm in Drug Dev. 2021;10:765–76.

130. Cannon CP, McGuire DK, Pratley R, Dagogo-Jack S, Mancuso J, Huyck S, et al. Design and baseline characteristics of the eValuation of ERTugliflozin effIcacy and Safety CardioVascular outcomes trial (VERTIS-CV). American Heart Journal. 2018;206:11–23.

131. https://www.ema.europa.eu/pt/documents/product-information/steglatro-epar-product-information_pt.pdf.

132. https://www.ema.europa.eu/pt/documents/product-information/segluromet-epar-product-information_pt.pdf.

133. https://www.ema.europa.eu/pt/documents/product-information/steglujan-epar-product-information_pt.pdf.

134. Baigent C, Emberson JonathanR, Haynes R, Herrington WG, Judge P, Landray MJ, et al. Impact of diabetes on the effects of sodium glucose co-transporter-2 inhibitors on kidney

outcomes: collaborative meta-analysis of large placebo-controlled trials. The Lancet. 2022;400:1788–801.

135. Ghosal S, Sinha B. Exploring the comparative cardiovascular death benefits of sodium–glucose cotransporter 2 inhibitors in type 2 diabetes: a frequentist and Bayesian network meta-analysis-based scoring. Front Endocrinol. 2023;14:1168755.

136. Kani R, Watanabe A, Miyamoto Y, Ejiri K, Iwagami M, Takagi H, et al. Comparison of Effectiveness Among Different Sodium-Glucose Cotransoporter-2 Inhibitors According to Underlying Conditions: A Network Meta-Analysis of Randomized Controlled Trials. JAHA. 2024;13:e031805.

137. Kyriakos G, Quiles-Sanchez LV, Garmpi A, Farmaki P, Kyre K, Savvanis S, et al. SGLT2 Inhibitors and Cardiovascular Outcomes: Do They Differ or There is a Class Effect? New Insights from the EMPA-REG OUTCOME trial and the CVD-REAL Study. CCR. 2021;16:258–65.

138. McNeill AM, Davies G, Kruger E, Kowal S, Reason T, Ejzykowicz F, et al. Ertugliflozin Compared to Other Anti-hyperglycemic Agents as Monotherapy and Add-on Therapy in Type 2 Diabetes: A Systematic Literature Review and Network Meta-Analysis. Diabetes Ther. 2019;10:473–91.

139. Neal B, Perkovic V, Mahaffey KW, De Zeeuw D, Fulcher G, Erondu N, et al. Canagliflozin and Cardiovascular and Renal Events in Type 2 Diabetes. N Engl J Med. 2017;377:644–57.

140. Cosentino F, Cannon CP, Cherney DZI, Masiukiewicz U, Pratley R, Dagogo-Jack S, et al. Efficacy of Ertugliflozin on Heart Failure–Related Events in Patients With Type 2 Diabetes Mellitus and Established Atherosclerotic Cardiovascular Disease: Results of the VERTIS CV Trial. Circulation. 2020;142:2205–15.

141. Packer M, Anker SD, Butler J, Filippatos G, Ferreira JP, Pocock SJ, et al. Effect of Empagliflozin on the Clinical Stability of Patients With Heart Failure and a Reduced Ejection Fraction: The EMPEROR-Reduced Trial. Circulation. 2021;143:326–36.

142. Silva-Cardoso J, Andrade A, Brito D, Ferreira J, Fonseca C, Peres M, et al. SGLT-2 inhibitors: A step forward in the treatment of heart failure with reduced ejection fraction. Revista Portuguesa de Cardiologia (English Edition). 2021;40:687–93.

143. Savarese G, Uijl A, Lund LH, Anker SD, Asselbergs FW, Fitchett D, et al. Empagliflozin in Heart Failure With Predicted Preserved Versus Reduced Ejection Fraction: Data From the EMPA-REG OUTCOME Trial. Journal of Cardiac Failure. 2021;27:888–95.

144. Bhatt DL, Szarek M, Steg PG, Cannon CP, Leiter LA, McGuire DK, et al. Sotagliflozin in Patients with Diabetes and Recent Worsening Heart Failure. N Engl J Med. 2021;384:117–28.

145. Wilding JPH, Evans M, Fernando K, Gorriz JL, Cebrian A, Diggle J, et al. The Place and Value of Sodium-Glucose Cotransporter 2 Inhibitors in the Evolving Treatment Paradigm for Type 2 Diabetes Mellitus: A Narrative Review. Diabetes Ther. 2022;13:847–72.

146. Kosiborod M, Cavender MA, Fu AZ, Wilding JP, Khunti K, Holl RW, et al. Lower Risk of Heart Failure and Death in Patients Initiated on Sodium-Glucose Cotransporter-2 Inhibitors Versus Other Glucose-Lowering Drugs: The CVD-REAL Study (Comparative Effectiveness of Cardiovascular Outcomes in New Users of Sodium-Glucose Cotransporter-2 Inhibitors). Circulation. 2017;136:249–59.

147. American Diabetes Association Professional Practice Committee, ElSayed NA, Aleppo G, Bannuru RR, Bruemmer D, Collins BS, et al. 9. Pharmacologic Approaches to Glycemic Treatment: *Standards of Care in Diabetes—2024*. Diabetes Care. 2024;47:S158–78.

148. Seidu S, Alabraba V, Davies S, Newland-Jones P, Fernando K, Bain SC, et al. SGLT2 Inhibitors – The New Standard of Care for Cardiovascular, Renal and Metabolic Protection in Type 2 Diabetes: A Narrative Review. Diabetes Ther. 2024;15:1099–124.

149. Cefalo CMA, Cinti F, Moffa S, Impronta F, Sorice GP, Mezza T, et al. Sotagliflozin, the first dual SGLT inhibitor: current outlook and perspectives. Cardiovasc Diabetol. 2019;18:20.

150. Wright EM, Loo DDF, Hirayama BA. Biology of Human Sodium Glucose Transporters. Physiological Reviews. 2011;91:733–94.

151. Sarafidis P, Ferro CJ, Morales E, Ortiz A, Malyszko J, Hojs R, et al. SGLT-2 inhibitors and GLP-1 receptor agonists for nephroprotection and cardioprotection in patients with diabetes mellitus and chronic kidney disease. A consensus statement by the EURECA-m and the DIABESITY working groups of the ERA-EDTA. Nephrology Dialysis Transplantation. 2019;34:208–30.

152. Sarafidis PA, Ortiz A. The risk for urinary tract infections with sodium-glucose cotransporter 2 inhibitors: no longer a cause of concern? Clinical Kidney Journal. 2020;13:24–6.

153. Vallon V, Thomson SC. Renal Function in Diabetic Disease Models: The Tubular System in the Pathophysiology of the Diabetic Kidney. Annu Rev Physiol. 2012;74:351–75.

154. Tang J, Ye L, Yan Q, Zhang X, Wang L. Effects of Sodium-Glucose Cotransporter 2 Inhibitors on Water and Sodium Metabolism. Front Pharmacol. 2022;13:800490.

155. Scholtes RA, Muskiet MHA, van Baar MJB, Hesp AC, Greasley PJ, Karlsson C, et al. Natriuretic Effect of Two Weeks of Dapagliflozin Treatment in Patients With Type 2 Diabetes and Preserved Kidney Function During Standardized Sodium Intake: Results of the DAPASALT Trial. Diabetes Care. 2021;44:440–7.

156. Tanaka H, Takano K, Iijima H, Kubo H, Maruyama N, Hashimoto T, et al. Factors Affecting Canagliflozin-Induced Transient Urine Volume Increase in Patients with Type 2 Diabetes Mellitus. Adv Ther. 2017;34:436–51.

157. Velat I, Bušić Ž, Jurić Paić M, Čulić V. Furosemide and spironolactone doses and hyponatremia in patients with heart failure. BMC Pharmacol Toxicol. 2020;21:57.

158. Yavin Y, Mansfield TA, Ptaszynska A, Johnsson K, Parikh S, Johnsson E. Effect of the SGLT2 Inhibitor Dapagliflozin on Potassium Levels in Patients with Type 2 Diabetes Mellitus: A Pooled Analysis. Diabetes Ther. 2016;7:125–37.

159. Fukushima S, Oishi M, Aso H, Arai K, Sasaki Y, Tochikura N, et al. Effects of angiotensin II receptor blockers on serum potassium level and hyperkalemia risk: retrospective single-centre analysis. Eur J Hosp Pharm. 2023;30:208–13.

160. Raebel MA. Hyperkalemia Associated with Use of Angiotensin-Converting Enzyme Inhibitors and Angiotensin Receptor Blockers. Cardiovascular Therapeutics [Internet]. 2012 [cited 2024 Feb 10];30. Available from: https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1755-5922.2010.00258.x

161. Yau K, Dharia A, Alrowiyti I, Cherney DZI. Prescribing SGLT2 Inhibitors in Patients With CKD: Expanding Indications and Practical Considerations. Kidney International Reports. 2022;7:1463–76.

162. Adamson C, Docherty KF, Heerspink HJL, De Boer RA, Damman K, Inzucchi SE, et al. Initial Decline (Dip) in Estimated Glomerular Filtration Rate After Initiation of Dapagliflozin in Patients With Heart Failure and Reduced Ejection Fraction: Insights From DAPA-HF. Circulation. 2022;146:438–49.

163. Perkovic V, Jardine MJ, Neal B, Bompoint S, Heerspink HJL, Charytan DM, et al. Canagliflozin and Renal Outcomes in Type 2 Diabetes and Nephropathy. N Engl J Med. 2019;380:2295–306.

164. Heerspink HJL, Stefánsson BV, Correa-Rotter R, Chertow GM, Greene T, Hou F-F, et al. Dapagliflozin in Patients with Chronic Kidney Disease. N Engl J Med. 2020;383:1436–46.

165. Kaku K, Watada H, Iwamoto Y, Utsunomiya K, Terauchi Y, Tobe K, et al. Efficacy and safety of monotherapy with the novel sodium/glucose cotransporter-2 inhibitor tofogliflozin in Japanese patients with type 2 diabetes mellitus: a combined Phase 2 and 3 randomized, placebo-controlled, double-blind, parallel-group comparative study. Cardiovasc Diabetol. 2014;13:65.

166. List JF, Woo V, Morales E, Tang W, Fiedorek FT. Sodium-Glucose Cotransport Inhibition With Dapagliflozin in Type 2 Diabetes. Diabetes Care. 2009;32:650–7.

167. Seino Y, Sasaki T, Fukatsu A, Sakai S, Samukawa Y. Efficacy and safety of luseogliflozin monotherapy in Japanese patients with type 2 diabetes mellitus: a 12-week, randomized, placebo-controlled, phase II study. Current Medical Research and Opinion. 2014;30:1219–30.

168. Rosenstock J, Allison D, Birkenfeld AL, Blicher TM, Deenadayalan S, Jacobsen JB, et al. Effect of Additional Oral Semaglutide vs Sitagliptin on Glycated Hemoglobin in Adults With Type 2 Diabetes Uncontrolled With Metformin Alone or With Sulfonylurea: The PIONEER 3 Randomized Clinical Trial. JAMA. 2019;321:1466.

169. Hussain M, Elahi A, Iqbal J, Ghafoor M, Rehman H, Akhtar S. Comparison of Efficacy and Safety Profile of Sodium-Glucose Cotransporter-2 Inhibitors as Add-On Therapy in Patients With Type 2 Diabetes. Cureus [Internet]. 2021 [cited 2024 Oct 20]; Available from: https://www.cureus.com/articles/54954-comparison-of-efficacy-and-safety-profile-of-sodium-glucose-cotransporter-2-inhibitors-as-add-on-therapy-in-patients-with-type-2-diabetes

170. Bode B, Stenlöf K, Sullivan D, Fung A, Usiskin K. Efficacy and Safety of Canagliflozin Treatment in Older Subjects With Type 2 Diabetes Mellitus: A Randomized Trial. Hospital Practice. 2013;41:72–84.

171. Wilding JPH. Long-Term Efficacy of Dapagliflozin in Patients With Type 2 Diabetes Mellitus Receiving High Doses of Insulin: A Randomized Trial. Ann Intern Med. 2012;156:405.

172. Bailey CJ, Morales Villegas EC, Woo V, Tang W, Ptaszynska A, List JF. Efficacy and safety of dapagliflozin monotherapy in people with Type 2 diabetes: a randomized double-blind placebo-controlled 102-week trial. Diabet Med. 2015;32:531–41.

173. Li CX, Liu LY, Zhang CX, Geng XH, Gu SM, Wang YQ, et al. Comparative safety of different sodium-glucose transporter 2 inhibitors in patients with type 2 diabetes: a systematic review and network meta-analysis of randomized controlled trials. Front Endocrinol. 2023;14:1238399.

174. Ibrahim SS, Ibrahim RS, Arabi B, Brockmueller A, Shakibaei M, Büsselberg D. The effect of GLP-1R agonists on the medical triad of obesity, diabetes, and cancer. Cancer Metastasis Rev [Internet]. 2024 [cited 2024 Oct 22]; Available from: https://link.springer.com/10.1007/s10555-024-10192-9

175. Zhang M, Chen T, Lu X, Lan X, Chen Z, Lu S. G protein-coupled receptors (GPCRs): advances in structures, mechanisms and drug discovery. Sig Transduct Target Ther. 2024;9:88.

176. Marzook A, Tomas A, Jones B. The Interplay of Glucagon-Like Peptide-1 Receptor Trafficking and Signalling in Pancreatic Beta Cells. Front Endocrinol. 2021;12:678055.

177. Zheng Z, Zong Y, Ma Y, Tian Y, Pang Y, Zhang C, et al. Glucagon-like peptide-1 receptor: mechanisms and advances in therapy. Sig Transduct Target Ther. 2024;9:234.

178. MacDonald PE, El-kholy W, Riedel MJ, Salapatek AMF, Light PE, Wheeler MB. The Multiple Actions of GLP-1 on the Process of Glucose-Stimulated Insulin Secretion. Diabetes. 2002;51:S434–42.

179. Bu T, Sun Z, Pan Y, Deng X, Yuan G. Glucagon-Like Peptide-1: New Regulator in Lipid Metabolism. Diabetes Metab J. 2024;48:354–72.

180. Holst JJ. The Physiology of Glucagon-like Peptide 1. Physiological Reviews. 2007;87:1409–39.

181. Perreault L, Skyler JS, Rosenstock J. Novel therapies with precision mechanisms for type 2 diabetes mellitus. Nat Rev Endocrinol. 2021;17:364–77.

182. Nauck MA, Meier JJ. The incretin effect in healthy individuals and those with type 2 diabetes: physiology, pathophysiology, and response to therapeutic interventions. The Lancet Diabetes & Endocrinology. 2016;4:525–36.

183. Elrick H, Stimmler L, Hlad CJ, Arai Y. Plasma Insulin Response to Oral and Intravenous Glucose Administration1. The Journal of Clinical Endocrinology & Metabolism. 1964;24:1076–82.

184. Creutzfeldt W. The incretin concept today. Diabetologia. 1979;16:75–85.

185. Davies MJ, D'Alessio DA, Fradkin J, Kernan WN, Mathieu C, Mingrone G, et al. Management of Hyperglycemia in Type 2 Diabetes, 2018. A Consensus Report by the American Diabetes Association (ADA) and the European Association for the Study of Diabetes (EASD). Dia Care. 2018;41:2669–701.

186. Christensen M, Vedtofte L, Holst JJ, Vilsbøll T, Knop FK. Glucose-Dependent Insulinotropic Polypeptide. Diabetes. 2011;60:3103–9.

187. Lind M, Jendle J, Torffvit O, Lager I. Glucagon-like peptide 1 (GLP-1) analogue combined with insulin reduces HbA1c and weight with low risk of hypoglycemia and high treatment satisfaction. Primary Care Diabetes. 2012;6:41–6.

188. El K, Gray SM, Capozzi ME, Knuth ER, Jin E, Svendsen B, et al. GIP mediates the incretin effect and glucose tolerance by dual actions on α cells and β cells. Sci Adv. 2021;7:eabf1948.

189. Nauck MA, Quast DR, Wefers J, Pfeiffer AFH. The evolving story of incretins (GIP and GLP -1) in metabolic and cardiovascular disease: A pathophysiological update. Diabetes Obesity Metabolism. 2021;23:5–29.

190. Seino Y, Fukushima M, Yabe D. GIP and GLP-1, the two incretin hormones: Similarities and differences. J of Diabetes Invest. 2010;1:8–23.

191. Nauck MA, Meier JJ. MANAGEMENT OF ENDOCRINE DISEASE: Are all GLP-1 agonists equal in the treatment of type 2 diabetes? European Journal of Endocrinology. 2019;181:R211–34.

192. Nauck MA, Quast DR, Wefers J, Meier JJ. GLP-1 receptor agonists in the treatment of type 2 diabetes – state-of-the-art. Molecular Metabolism. 2021;46:101102.

193. D'Alessio D. Is GLP -1 a hormone: Whether and When? J of Diabetes Invest. 2016;7:50–5.

194. Campbell JE, Drucker DJ. Pharmacology, Physiology, and Mechanisms of Incretin Hormone Action. Cell Metabolism. 2013;17:819–37.

195. Deacon CF. Circulation and Degradation of GIP and GLP-1. Horm Metab Res. 2004;36:761–5.

196. Gilbert MP, Pratley RE. GLP-1 Analogs and DPP-4 Inhibitors in Type 2 Diabetes Therapy: Review of Head-to-Head Clinical Trials. Front Endocrinol. 2020;11:178.

197. Sun L, Zheng Z-M, Shao C-S, Zhang Z-Y, Li M-W, Wang L, et al. Rational Design by Structural Biology of Industrializable, Long-Acting Antihyperglycemic GLP-1 Receptor Agonists. Pharmaceuticals. 2022;15:740.

198. Drucker DJ. Mechanisms of Action and Therapeutic Application of Glucagon-like Peptide-1. Cell Metabolism. 2018;27:740–56.

199. Garber AJ. Long-Acting Glucagon-Like Peptide 1 Receptor Agonists. Diabetes Care. 2011;34:S279–84.

200. Gallwitz B. GLP-1 Agonists and Dipeptidyl-Peptidase IV Inhibitors. In: Schwanstecher M, editor. Diabetes - Perspectives in Drug Therapy [Internet]. Berlin, Heidelberg: Springer Berlin Heidelberg; 2011 [cited 2024 Oct 26]. p. 53–74. Available from: http://link.springer.com/10.1007/978-3-642-17214-4_3

201. Okerson T, Chilton RJ. The Cardiovascular Effects of GLP-1 Receptor Agonists. Cardiovascular Therapeutics [Internet]. 2012 [cited 2024 Oct 26];30. Available from: https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1755-5922.2010.00256.x

202. Baggio LL, Drucker DJ. Glucagon-like peptide-1 receptors in the brain: controlling food intake and body weight. J Clin Invest. 2014;124:4223–6.

203. Giugliano D, Maiorino MI, Bellastella G, Longo M, Chiodini P, Esposito K. GLP-1 receptor agonists for prevention of cardiorenal outcomes in type 2 diabetes: An updated meta-analysis including the REWIND and PIONEER 6 trials. Diabetes Obesity Metabolism. 2019;21:2576–80.

204. Kristensen SL, Rørth R, Jhund PS, Docherty KF, Sattar N, Preiss D, et al. Cardiovascular, mortality, and kidney outcomes with GLP-1 receptor agonists in patients with type 2 diabetes: a systematic review and meta-analysis of cardiovascular outcome trials. The Lancet Diabetes & Endocrinology. 2019;7:776–85.

205. Drucker DJ, Habener JF, Holst JJ. Discovery, characterization, and clinical development of the glucagon-like peptides. Journal of Clinical Investigation. 2017;127:4217–27.

206. Yamamoto H, Lee CE, Marcus JN, Williams TD, Overton JM, Lopez ME, et al. Glucagon-like peptide-1 receptor stimulation increases blood pressure and heart rate and activates autonomic regulatory neurons. J Clin Invest. 2002;110:43–52.

207. Bose AK, Mocanu MM, Carr RD, Brand CL, Yellon DM. Glucagon-like Peptide 1 Can Directly Protect the Heart Against Ischemia/Reperfusion Injury. Diabetes. 2005;54:146–51.

208. Green BD, Hand KV, Dougan JE, McDonnell BM, Cassidy RS, Grieve DJ. GLP-1 and related peptides cause concentration-dependent relaxation of rat aorta through a pathway involving KATP and cAMP. Archives of Biochemistry and Biophysics. 2008;478:136–42.

209. Huisamen B, Genade S, Lochner A. Signalling pathways activated by glucagon-like peptide-1 (7-36) amide in the rat heart and their role in protection against ischaemia. Cardiovasc J Afr. 2008;19:77–83.

210. Ravassa S, Zudaire A, Diez J. GLP-1 and cardioprotection: from bench to bedside. Cardiovascular Research. 2012;94:316–23.

211. Dong Z, Zhuang Q, Ye X, Ning M, Wu S, Lu L, et al. Adiponectin Inhibits NLRP3 Inflammasome Activation in Nonalcoholic Steatohepatitis via AMPK-JNK/ErK1/2-NFκB/ROS Signaling Pathways. Front Med. 2020;7:546445.

212. Hartman ML, Sanyal AJ, Loomba R, Wilson JM, Nikooienejad A, Bray R, et al. Effects of Novel Dual GIP and GLP-1 Receptor Agonist Tirzepatide on Biomarkers of Nonalcoholic Steatohepatitis in Patients With Type 2 Diabetes. Diabetes Care. 2020;43:1352–5.

213. Zhao X, Wang M, Wen Z, Lu Z, Cui L, Fu C, et al. GLP-1 Receptor Agonists: Beyond Their Pancreatic Effects. Front Endocrinol. 2021;12:721135.

214. Seghieri M, Christensen AS, Andersen A, Solini A, Knop FK, Vilsbøll T. Future Perspectives on GLP-1 Receptor Agonists and GLP-1/glucagon Receptor Co-agonists in the Treatment of NAFLD. Front Endocrinol. 2018;9:649.

215. Eng J, Kleinman WA, Singh L, Singh G, Raufman JP. Isolation and characterization of exendin-4, an exendin-3 analogue, from Heloderma suspectum venom. Further evidence for an exendin receptor on dispersed acini from guinea pig pancreas. J Biol Chem. 1992;267:7402–5.

216. Furman BL. The development of Byetta (exenatide) from the venom of the Gila monster as an anti-diabetic agent. Toxicon. 2012;59:464–71.

217. Longwell CK, Hanna S, Hartrampf N, Sperberg RAP, Huang P-S, Pentelute BL, et al. Identification of N-Terminally Diversified GLP-1R Agonists Using Saturation Mutagenesis and Chemical Design. ACS Chem Biol. 2021;16:58–66.

218. Mapelli C, Natarajan SI, Meyer J-P, Bastos MM, Bernatowicz MS, Lee VG, et al. Eleven Amino Acid Glucagon-like Peptide-1 Receptor Agonists with Antidiabetic Activity. J Med Chem. 2009;52:7788–99.

219. Malone J, Trautmann M, Wilhelm K, Taylor K, Kendall DM. Exenatide once weekly for the treatment of type 2 diabetes. Expert Opinion on Investigational Drugs. 2009;18:359–67.

220. Gao Z, Wei Y, Ma G. A review of recent research and development on GLP-1 receptor agonists-sustained-release microspheres. J Mater Chem B. 2023;11:11184–97.

221. https://www.ema.europa.eu/pt/documents/product-information/victoza-epar-product-information_pt.pdf.

222. European Medicines Agency. Trulicity (Dulaglutide): EU summary of product characteristics. 2019. https://www.ema.europ a.eu/.

223. https://www.ema.europa.eu/pt/documents/product-information/ozempic-epar-product-information_pt.pdf.

224. https://www.ema.europa.eu/pt/documents/product-information/rybelsus-epar-product-information_pt.pdf.

225. https://www.ema.europa.eu/pt/documents/product-information/mounjaro-epar-product-information_pt.pdf.

226. Huthmacher JA, Meier JJ, Nauck MA. Efficacy and Safety of Short- and Long-Acting Glucagon-Like Peptide 1 Receptor Agonists on a Background of Basal Insulin in Type 2 Diabetes: A Meta-analysis. Diabetes Care. 2020;43:2303–12.

227. Yao H, Zhang A, Li D, Wu Y, Wang C-Z, Wan J-Y, et al. Comparative effectiveness of GLP-1 receptor agonists on glycaemic control, body weight, and lipid profile for type 2 diabetes: systematic review and network meta-analysis. BMJ. 2024;e076410.

228. Isaacs DM, Kruger DF, Spollett GR. Optimizing Therapeutic Outcomes With Oral Semaglutide: A Patient-Centered Approach. Diabetes Spectrum. 2021;34:7–19.

229. Guo X-H. The value of short- and long-acting glucagon-like peptide-1 agonists in the management of type 2 diabetes mellitus: experience with exenatide. Current Medical Research and Opinion. 2016;32:61–76.

230. Marso SP, Bain SC, Consoli A, Eliaschewitz FG, Jódar E, Leiter LA, et al. Semaglutide and Cardiovascular Outcomes in Patients with Type 2 Diabetes. N Engl J Med. 2016;375:1834–44.

231. Mann JFE, Ørsted DD, Brown-Frandsen K, Marso SP, Poulter NR, Rasmussen S, et al. Liraglutide and Renal Outcomes in Type 2 Diabetes. N Engl J Med. 2017;377:839–48.

232. Blonde L, Russell-Jones D. The safety and efficacy of liraglutide with or without oral antidiabetic drug therapy in type 2 diabetes: an overview of the LEAD 1–5 studies. Diabetes Obesity Metabolism. 2009;11:26–34.

233. on behalf of the NN8022-1807 Investigators, Astrup A, Carraro R, Finer N, Harper A, Kunesova M, et al. Safety, tolerability and sustained weight loss over 2 years with the once-daily human GLP-1 analog, liraglutide. Int J Obes. 2012;36:843–54.

234. Van Can J, Sloth B, Jensen CB, Flint A, Blaak EE, Saris WHM. Effects of the once-daily GLP-1 analog liraglutide on gastric emptying, glycemic parameters, appetite and energy metabolism in obese, non-diabetic adults. Int J Obes. 2014;38:784–93.

235. Tilinca MC, Tiuca RA, Burlacu A, Varga A. A 2021 Update on the Use of Liraglutide in the Modern Treatment of 'Diabesity': A Narrative Review. Medicina. 2021;57:669.

236. Pi-Sunyer X, Astrup A, Fujioka K, Greenway F, Halpern A, Krempf M, et al. A Randomized, Controlled Trial of 3.0 mg of Liraglutide in Weight Management. N Engl J Med. 2015;373:11–22.

237. Howell R, Wright AM, Clements JN. Clinical potential of liraglutide in cardiovascular risk reduction in patients with type 2 diabetes: evidence to date. DMSO. 2019;Volume 12:505–12.

238. Marre M, Shaw J, Brändle M, Bebakar WMW, Kamaruddin NA, Strand J, et al. Liraglutide, a once-daily human GLP-1 analogue, added to a sulphonylurea over 26 weeks produces greater improvements in glycaemic and weight control compared with adding rosiglitazone or placebo in subjects with Type 2 diabetes (LEAD-1 SU). Diabetic Medicine. 2009;26:268–78.

239. Scott LJ. Dulaglutide: A Review in Type 2 Diabetes. Drugs. 2020;80:197–208.

240. Chang K-C, Shao S-C, Kuo S, Yang C-Y, Chen H-Y, Chan Y-Y, et al. Comparative effectiveness of dulaglutide versus liraglutide in Asian type 2 diabetes patients: a multi-institutional cohort study and meta-analysis. Cardiovasc Diabetol. 2020;19:172.

241. Dungan KM, Povedano ST, Forst T, González JGG, Atisso C, Sealls W, et al. Once-weekly dulaglutide versus once-daily liraglutide in metformin-treated patients with type 2 diabetes (AWARD-6): a randomised, open-label, phase 3, non-inferiority trial. The Lancet. 2014;384:1349–57.

242. Morieri ML, Rigato M, Frison V, Simioni N, D'Ambrosio M, Tadiotto F, et al. Effectiveness of dulaglutide vs liraglutide and exenatide once-weekly. A real-world study and meta-analysis of observational studies. Metabolism. 2020;106:154190.

243. Smits MM, Van Raalte DH. Safety of Semaglutide. Front Endocrinol. 2021;12:645563.

244. Chao AM, Tronieri JS, Amaro A, Wadden TA. Semaglutide for the treatment of obesity. Trends in Cardiovascular Medicine. 2021;S1050173821001584.

245. Kushner RF, Calanna S, Davies M, Dicker D, Garvey WT, Goldman B, et al. Semaglutide 2.4 mg for the Treatment of Obesity: Key Elements of the STEP Trials 1 to 5. Obesity. 2020;28:1050–61.

246. Wilding JPH, Batterham RL, Calanna S, Davies M, Van Gaal LF, Lingvay I, et al. Once-Weekly Semaglutide in Adults with Overweight or Obesity. N Engl J Med. 2021;384:989–1002.

247. https://www.accessdata.fda.gov/drugsatfda_docs/label/2024/215256s015lbl.pdf

248. https://www.accessdata.fda.gov/drugsatfda_docs/label/2025/209637s025lbl.pdf

249. Perkovic V, Tuttle KR, Rossing P, Mahaffey KW, Mann JFE, Bakris G, et al. Effects of Semaglutide on Chronic Kidney Disease in Patients with Type 2 Diabetes. N Engl J Med. 2024;391:109–21.

250. Pratley RE, Aroda VR, Lingvay I, Lüdemann J, Andreassen C, Navarria A, et al. Semaglutide versus dulaglutide once weekly in patients with type 2 diabetes (SUSTAIN 7): a randomised, open-label, phase 3b trial. The Lancet Diabetes & Endocrinology. 2018;6:275–86.

251. Traverse M, Singh G, Krecic C, Abrams K, Dodson S, Haykal S, et al. Retrospective Analysis Comparing the Efficacy of GLP-1 Receptor Agonists Dulaglutide and Semaglutide. The Guthrie Journal. 2024;76:12–9.

252. Solis-Herrera C, Kane MP, Triplitt C. Current Understanding of Sodium N-(8-[2-Hydroxylbenzoyl] Amino) Caprylate (SNAC) as an Absorption Enhancer: The Oral Semaglutide Experience. Clinical Diabetes. 2024;42:74–86.

253. Jastreboff AM, Aronne LJ, Ahmad NN, Wharton S, Connery L, Alves B, et al. Tirzepatide Once Weekly for the Treatment of Obesity. N Engl J Med. 2022;387:205–16.

254. Coskun T, Sloop KW, Loghin C, Alsina-Fernandez J, Urva S, Bokvist KB, et al. LY3298176, a novel dual GIP and GLP-1 receptor agonist for the treatment of type 2 diabetes mellitus: From discovery to clinical proof of concept. Molecular Metabolism. 2018;18:3–14.

255. Sun B, Willard FS, Feng D, Alsina-Fernandez J, Chen Q, Vieth M, et al. Structural determinants of dual incretin receptor agonism by tirzepatide. Proc Natl Acad Sci USA. 2022;119:e2116506119.

256. Nauck MA, D'Alessio DA. Tirzepatide, a dual GIP/GLP-1 receptor co-agonist for the treatment of type 2 diabetes with unmatched effectiveness regrading glycaemic control and body weight reduction. Cardiovasc Diabetol. 2022;21:169.

257. Gao L, Lee BW, Chawla M, Kim J, Huo L, Du L, et al. Tirzepatide versus insulin glargine as second-line or third-line therapy in type 2 diabetes in the Asia-Pacific region: the SURPASS-AP-Combo trial. Nat Med. 2023;29:1500–10.

258. Davies MJ, Aroda VR, Collins BS, Gabbay RA, Green J, Maruthur NM, et al. Management of Hyperglycemia in Type 2 Diabetes, 2022. A Consensus Report by the American Diabetes Association (ADA) and the European Association for the Study of Diabetes (EASD). Diabetes Care. 2022;45:2753–86.

259. Chuang M-H, Chen J-Y, Wang H-Y, Jiang Z-H, Wu V-C. Clinical Outcomes of Tirzepatide or GLP-1 Receptor Agonists in Individuals With Type 2 Diabetes. JAMA Netw Open. 2024;7:e2427258.

260. Sattar N, McGuire DK, Pavo I, Weerakkody GJ, Nishiyama H, Wiese RJ, et al. Tirzepatide cardiovascular event risk assessment: a pre-specified meta-analysis. Nat Med. 2022;28:591–8.

261. Caruso I, Giorgino F. Renal effects of GLP-1 receptor agonists and tirzepatide in individuals with type 2 diabetes: seeds of a promising future. Endocrine. 2024;84:822–35.

262. Sharma A, Pagidipati NJ, Califf RM, McGuire DK, Green JB, Demets D, et al. Impact of Regulatory Guidance on Evaluating Cardiovascular Risk of New Glucose-Lowering Therapies to Treat Type 2 Diabetes Mellitus: Lessons Learned and Future Directions. Circulation. 2020;141:843–62.

263. Gerstein HC, Colhoun HM, Dagenais GR, Diaz R, Lakshmanan M, Pais P, et al. Dulaglutide and cardiovascular outcomes in type 2 diabetes (REWIND): a double-blind, randomised placebo-controlled trial. The Lancet. 2019;394:121–30.

264. Marso SP, Daniels GH, Brown-Frandsen K, Kristensen P, Mann JFE, Nauck MA, et al. Liraglutide and Cardiovascular Outcomes in Type 2 Diabetes. N Engl J Med. 2016;375:311–22.

265. Marso SP, Bain SC, Consoli A, Eliaschewitz FG, Jódar E, Leiter LA, et al. Semaglutide and Cardiovascular Outcomes in Patients with Type 2 Diabetes. N Engl J Med. 2016;375:1834–44.

266. Husain M, Birkenfeld AL, Donsmark M, Dungan K, Eliaschewitz FG, Franco DR, et al. Oral Semaglutide and Cardiovascular Outcomes in Patients with Type 2 Diabetes. N Engl J Med. 2019;381:841–51.

267. Tsapas A, Karagiannis T, Kakotrichi P, Avgerinos I, Mantsiou C, Tousinas G, et al. Comparative efficacy of glucose-lowering medications on body weight and blood pressure in patients with type 2 diabetes: A systematic review and network meta-analysis. Diabetes Obes Metab. 2021;23:2116–24.

268. Kanie T, Mizuno A, Takaoka Y, Suzuki T, Yoneoka D, Nishikawa Y, et al. Dipeptidyl peptidase-4 inhibitors, glucagon-like peptide 1 receptor agonists and sodium-glucose co-transporter-2 inhibitors for people with cardiovascular disease: a network meta-analysis. Cochrane Heart Group, Cochrane Stroke Group, editors. Cochrane Database of Systematic Reviews [Internet]. 2021 [cited 2024 Nov 3];2021. Available from: http://doi.wiley.com/10.1002/14651858.CD013650.pub2

269. Cornell S. A review of GLP-1 receptor agonists in type 2 diabetes: A focus on the mechanism of action of once-weekly agents. J Clin Pharm Ther. 2020;45:17–27.

270. https://investor.lilly.com/news-releases/news-release-details/lillys-tirzepatide-successful-phase-3-study-showing-benefit.

271. Kosiborod MN, Abildstrøm SZ, Borlaug BA, Butler J, Rasmussen S, Davies M, et al. Semaglutide in Patients with Heart Failure with Preserved Ejection Fraction and Obesity. N Engl J Med. 2023;389:1069–84.

272. Mima A, Kidooka S, Nakamoto T, Kido S, Gotoda H, Lee R, et al. Effects of Oral Semaglutide on Renal Function in Diabetic Kidney Disease: A Short-term Clinical Study. In Vivo. 2024;38:308–12.

273. Sinha B, Ghosal S. Forecasting Trial Milestones: A Predictive Analysis for Early Termination of the SOUL Study. Diabetes Ther. 2024;15:2199–209.

274. Nicholls SJ, Bhatt DL, Buse JB, Prato SD, Kahn SE, Lincoff AM, et al. Comparison of tirzepatide and dulaglutide on major adverse cardiovascular events in participants with type 2 diabetes and atherosclerotic cardiovascular disease: SURPASS-CVOT design and baseline characteristics. American Heart Journal. 2024;267:1–11.

275. Lincoff AM, Brown-Frandsen K, Colhoun HM, Deanfield J, Emerson SS, Esbjerg S, et al. Semaglutide and Cardiovascular Outcomes in Obesity without Diabetes. N Engl J Med. 2023;389:2221–32.

276. U.S. Food and Drug Administration. FDA Approves First Treatment to Reduce Risk of Serious Heart Problems Specifically in Adults with Obesity or Overweight (U.S. Food and Drug Administration website). 2024. Available at: https://www.fda.gov/news-events/press-announcements/fda-approves-first-treatment-reduce-risk-serious-heart-problems-specifically-adults-obesity-or.

277. Rossing P, Baeres FMM, Bakris G, Bosch-Traberg H, Gislum M, Gough SCL, Idorn T, Lawson J, Mahaffey KW, Mann JFE, Mersebach H, Perkovic V, Tuttle K, Pratley R. The rationale, design and baseline data of FLOW, a kidney outcomes trial with once-weekly semaglutide in people with type 2 diabetes and chronic kidney disease. Nephrol Dial Transplant. 2023 Aug 31;38(9):2041-2051. doi: 10.1093/ndt/gfad009. Erratum in: Nephrol Dial Transplant. 2024 Mar 27;39(4):724. doi: 10.1093/ndt/gfad252. PMID: 36651820; PMCID: PMC10469096.

278. Mann JFE, Rossing P, Bakris G, Belmar N, Bosch-Traberg H, Busch R, Charytan DM, Hadjadj S, Gillard P, Górriz JL, Idorn T, Ji L, Mahaffey KW, Perkovic V, Rasmussen S, Schmieder RE, Pratley RE, Tuttle KR. Effects of semaglutide with and without concomitant SGLT2 inhibitor use in participants with type 2 diabetes and chronic kidney disease in the FLOW trial. Nat Med. 2024 Oct;30(10):2849-2856. doi: 10.1038/s41591-024-03133-0. Epub 2024 Jun 24. PMID: 38914124; PMCID: PMC11485243.

279. Newsome PN, Sanyal AJ, Engebretsen KA, Kliers I, Østergaard L, Vanni D, Bugianesi E, Rinella ME, Roden M, Ratziu V. Semaglutide 2.4 mg in Participants With Metabolic Dysfunction-Associated Steatohepatitis: Baseline Characteristics and Design of the Phase 3 ESSENCE Trial. Aliment Pharmacol Ther. 2024 Dec;60(11-12):1525-1533. doi: 10.1111/apt.18331. Epub 2024 Oct 16. PMID: 39412509; PMCID: PMC11599791.

280. Novo Nordisk A/S. *ESSENCE Phase 3 trial results demonstrating statistically significant and superior improvements with semaglutide 2.4 mg in people with MASH presented at AASLD 2024*. Press release.

281. Ahmann AJ, Capehorn M, Charpentier G, Dotta F, Henkel E, Lingvay I, et al. Efficacy and Safety of Once-Weekly Semaglutide Versus Exenatide ER in Subjects With Type 2 Diabetes (SUSTAIN 3): A 56-Week, Open-Label, Randomized Clinical Trial. Diabetes Care. 2018;41:258.

282. Zinman B, Bhosekar V, Busch R, Holst I, Ludvik B, Thielke D, et al. Semaglutide once weekly as add-on to SGLT-2 inhibitor therapy in type 2 diabetes (SUSTAIN 9): a randomised, placebo-controlled trial. The Lancet Diabetes & Endocrinology. 2019;7:356–67.

283. Lingvay I, Hansen T, Macura S, Marre M, Nauck MA, de la Rosa R, et al. Superior weight loss with once-weekly semaglutide versus other glucagon-like peptide-1 receptor agonists is independent of gastrointestinal adverse events. BMJ Open Diab Res Care. 2020;8:e001706.

284. Davies M, Færch L, Jeppesen OK, Pakseresht A, Pedersen SD, Perreault L, et al. Semaglutide 2·4 mg once a week in adults with overweight or obesity, and type 2 diabetes (STEP 2): a randomised, double-blind, double-dummy, placebo-controlled, phase 3 trial. The Lancet. 2021;397:971–84.

285. Bettge K, Kahle M, Abd El Aziz MS, Meier JJ, Nauck MA. Occurrence of nausea, vomiting and diarrhoea reported as adverse events in clinical trials studying glucagon-like peptide-1 receptor agonists: A systematic analysis of published clinical trials. Diabetes Obesity Metabolism. 2017;19:336–47.

286. Wharton S, Davies M, Dicker D, Lingvay I, Mosenzon O, Rubino DM, et al. Managing the gastrointestinal side effects of GLP-1 receptor agonists in obesity: recommendations for clinical practice. Postgraduate Medicine. 2022;134:14–9.

287. Kanoski SE, Hayes MR, Skibicka KP. GLP-1 and weight loss: unraveling the diverse neural circuitry. American Journal of Physiology-Regulatory, Integrative and Comparative Physiology. 2016;310:R885–95.

288. Thazhath SS, Marathe CS, Wu T, Chang J, Khoo J, Kuo P, et al. The Glucagon-Like Peptide 1 Receptor Agonist Exenatide Inhibits Small Intestinal Motility, Flow, Transit, and Absorption of Glucose in Healthy Subjects and Patients With Type 2 Diabetes: A Randomized Controlled Trial. Diabetes. 2016;65:269–75.

289. Overgaard RV, Navarria A, Hertz CL, Ingwersen SH. Similar efficacy and gastrointestinal tolerability versus exposure for oral and subcutaneous semaglutide. Diabetologia 2019;62(Suppl. 1):S375–S376.

290. Davies M, Pieber TR, Hartoft-Nielsen M-L, Hansen OKH, Jabbour S, Rosenstock J. Effect of Oral Semaglutide Compared With Placebo and Subcutaneous Semaglutide on Glycemic Control in Patients With Type 2 Diabetes: A Randomized Clinical Trial. JAMA. 2017;318:1460.

291. Wharton S, Kuk JL, Luszczynski M, Kamran E, Christensen RAG. Liraglutide 3.0 mg for the management of insufficient weight loss or excessive weight regain post-bariatric surgery. Clinical Obesity. 2019;9:e12323.

292. Gautier J-F, Martinez L, Penfornis A, Eschwège E, Charpentier G, Huret B, et al. Effectiveness and Persistence with Liraglutide Among Patients with Type 2 Diabetes in Routine Clinical Practice—EVIDENCE: A Prospective, 2-Year Follow-Up, Observational, Post-Marketing Study. Adv Ther. 2015;32:838–53.

293. Sikirica M, Martin A, Wood R, Leith A, Piercy J, Higgins V. Reasons for discontinuation of GLP1 receptor agonists: data from a real-world cross-sectional survey of physicians and their patients with type 2 diabetes. DMSO. 2017;Volume 10:403–12.

Chapter 2

Thesis Objectives and Overall Structure

This dissertation aims to evaluate the safety and effectiveness profiles of SGLT2i and GLP1RA using real-world patient data. To accomplish this, retrospective studies were conducted, focusing on three key levels of hospital care: emergency department visits, hospitalizations, and outpatient consultations. Additionally, safety data for the drugs under investigation, sourced from the EV database, were incorporated to enhance the analysis (Fig. 2.1).

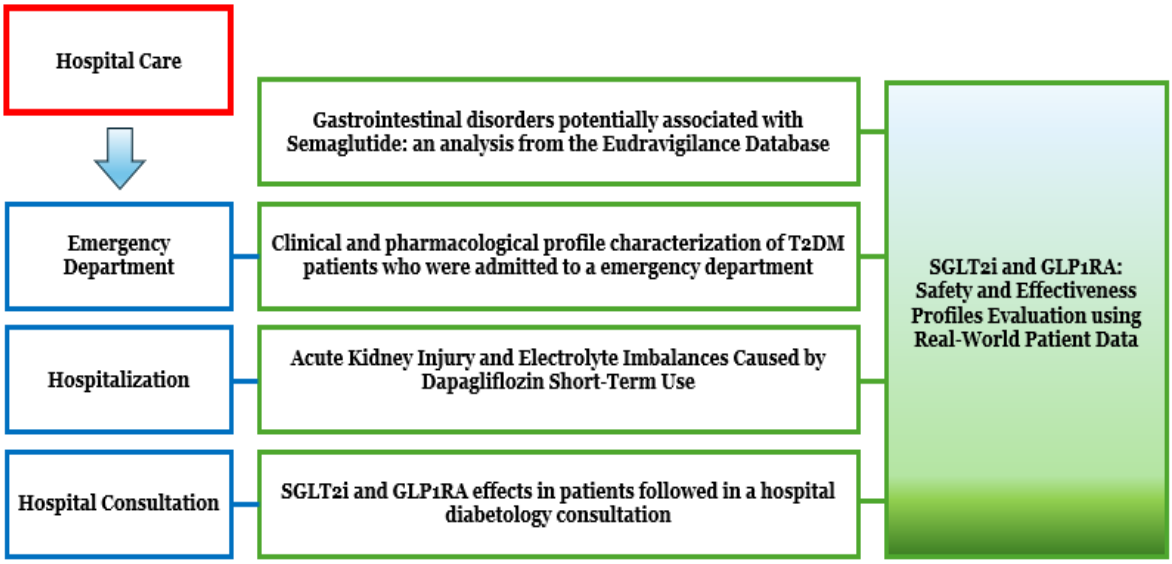


Figure 2.1. General Organization of the Thesis

2.1. Semaglutide Safety Profile: an analysis from the EudraVigilance Database

Studies utilizing EV ICSRs are crucial for understanding the safety profiles of drugs and ensuring patient safety in clinical practice. ICSRs provide real-world data that help identify potential ADRs that may not have been detected during clinical trials. They include detailed information about the nature of suspected adverse reactions, patient demographics, drug dosing, and other relevant factors, such as concomitant medications and underlying conditions. This comprehensive data allows for a thorough evaluation of drug-related risks [1,2].

GLP1RA belong to a class of drugs not currently included in the hospital formulary. The aim of the study titled "*Gastrointestinal Disorders Potentially Associated with Semaglutide: An Analysis from the Eudravigilance Database*" was to evaluate the safety profile of semaglutide, offering valuable insights that could not be obtained from data on hospitalized patients.

2.2. SGLT2i and GLP1RA Safety and effectiveness Profile: retrospective studies conducted within the context of hospital healthcare

2.2.1. Emergency Department Care

The Emergency Department serves as the point of entry for patients experiencing acute medical conditions that require immediate attention. Retrospective studies, which analyze pharmacological profiles at the time of patient admission, can provide valuable insights into the interactions between pre-existing treatments and the patient's current condition:

- **Medication-Related Issues:** identification of medication errors, drug-drug interactions, or ADRs that may have contributed to the patient's condition or prolonged recovery.
- **Multiple concomitant drugs:** mainly older adults are admitted to the Emergency Department with complex therapeutic regimens, which increases the risk of ADRs, drug-drug interactions, and contraindications. Retrospective analyses are helpful to identify common patterns of polypharmacy and guide strategies to reduce medication-related complications.
- **Assessing drug appropriateness at admission:** It also enables the evaluation of whether patients are receiving appropriate medications for their conditions upon Emergency Department admission.

The study "*Clinical and Pharmacotherapeutic Profile of Patients with Type 2 Diabetes Mellitus Admitted to a Hospital Emergency Department*" aimed to characterize the clinical and pharmacological profile of T2DM patients admitted to the emergency department of the Local Health Unit of Guarda (LHUG), identifying how their clinical condition, on admission, can be influenced by pre-existing comorbidities and by antidiabetic drugs previously used.

2.2.2. Hospitalization (Inpatient Care)

Retrospective studies are valuable for assessing drug effects in hospitalized patients, as they provide insights into how these drugs influence patient outcomes based on historical data. These studies are especially useful for evaluating the real-world impact of drugs, identifying potential ADRs, and determining treatment effectiveness in specific patient populations:

- To evaluate drug safety and effectiveness profile when used in routine clinical practice. In clinical trials, patient populations are often more homogenous and monitored in controlled environments. Hospitalized patients are generally older,

with multiple comorbidities, and may be on multiple concomitant drugs, which reflects the diversity seen in everyday medical practice.

- To analyze drug performance in different subgroups of hospitalized patients (e.g., those with diabetes, renal failure, or heart disease), identifying whether the drug's effectiveness varies depending on comorbidities or age.
- Helping to identify ADRs that are seen more frequently in hospital settings, where drugs may be used in combination or in patients with underlying health issues.

The study "*Short-term effect of dapagliflozin on renal function and electrolyte balance*" aimed to assess the short-term effects of dapagliflozin on renal function and electrolyte balance in hospitalized patients (LHUG and Local Health Unit of Cova da Beira (LHUCB)) after drug initiation, comparing results to ADRs profiles reported in the EV database.

2.2.3. Hospital Consultation (Specialist Care)

Hospital consultation involves expert input from clinicians for medical conditions that cannot be fully managed by primary care. Retrospective studies are crucial for assessing drug effects in patients undergoing hospital consultations, as they provide valuable real-world data on:

- Drug effectiveness and safety profiles in complex, multi-comorbidity patient populations;
- Identification of ADRs and drug-drug interactions that may be missed in clinical trials;
- Optimizing monitoring strategies and developing more personalized treatment plans for hospitalized patients;
- Assessing the cost-effectiveness of specialized medications and their impact on health system resources.

The study "*SGLT2i and GLP1RA effects in patients followed in a hospital diabetology consultation*" aimed to evaluate the real-world effectiveness of SGLT2i and GLP1RA in a cohort of patients with T2DM followed in a hospital diabetology consultation (LHUG).

2.3. References

1. Postigo R, Brosch S, Slattery J, Van Haren A, Dogné J-M, Kurz X, et al. EudraVigilance Medicines Safety Database: Publicly Accessible Data for Research and Public Health Protection. Drug Saf. 2018;41:665–75.

2. Khan MAA, Sara T, Babar Z-U-D. Pharmacovigilance: the evolution of drug safety monitoring. Journal of Pharmaceutical Policy and Practice. 2024;17:2417399.

Chapter 3

Gastrointestinal disorders potentially associated with Semaglutide: an analysis from the Eudravigilance Database

3.1. Introduction

GLP1 is an incretin hormone that enhances glucose-dependent insulin secretion and suppresses glucagon release, thereby contributing to physiologic glycemic regulation. GLP1 RA exploit these mechanisms to improve glycemic control in T2DM and are recommended as second-line therapy, either as monotherapy or in combination with other antidiabetic agents or insulin, particularly in patients requiring additional metabolic or cardiometabolic benefit. Beyond their glucose-lowering effects, GLP1RA promote clinically meaningful weight loss and confer CV protection, supporting their approval for both T2DM and obesity management [1-3].

Semaglutide, a long-acting GLP1RA available in weekly injectable and daily oral formulations, has demonstrated robust efficacy and safety. Despite these benefits, GLP1RA are associated with gastrointestinal adverse events and a potential transient worsening of diabetic retinopathy, underscoring the relevance of ongoing pharmacovigilance [4,5].

This study aims to characterize the safety profile of semaglutide by analyzing suspected ADRs reported in the EV database.

3.2. Materials and Methods

3.2.1. Evaluation of semaglutide's safety profile through Individual Case Safety Reports reported in the EudraVigilance database

The EV system is used to manage and analyze information on suspected adverse reactions to medicines that are either authorized or being studied in clinical trials within the European Economic Area (EEA). Managed by the European Medicines Agency (EMA) on behalf of the European Union medicines regulatory network, it plays a key role in monitoring drug safety [6].

- 3.2.1.1. Qualitative and quantitative analysis for the main outcomes of ICSRs was carried out from 1 January to 1 December, 2021.
- 3.2.1.2. A comparison was made between reported ICSRs for semaglutide (GLP1RA), sitagliptin (DPP4i), and empagliflozin (SGLT2i).
- 3.2.1.3. A more detailed analysis was also carried out by selecting all ICSRs with semaglutide as the suspected drug reported in the EV database from 1 October to 1 December 2021 (oral and injectable forms). Information was collected on sex, age group, outcome, number of gastrointestinal events per ICSR, the overall number of suspected ADRs and concomitant medications reported.
- 3.2.1.4. For the statistical analysis IBM SPSS statistics 28 (IBM, Armonk, NY, USA) was used. Categorical variables were described through their respective absolute and relative frequencies (percentages). Pearson's Chi-Square test was used to verify a possible relationship between these variables with a statistical significance level of 5% ($p < 0.05$).

3.3. Results

3.3.1. Demographic characteristics of ICSRs

Since semaglutide's marketing authorization in the European Union (injectable dosage form: 8 February 2018; oral dosage form: 3 April 2020) until 1 December 2021, 6,584 ICSRs have been reported due to suspected ADRs. Among these, 550 (8.4%) reports were linked to the oral dosage form, and 6,034 (91.6%) to the injectable dosage form. There was no statistically significant association between sex and the dosage form (p=0.204). Of the cases reported, 44.7% involved male patients (n=2,942), 53.0% female (n=3,491), and 2.3% (n=151) did not specify sex. Adults aged 18–64 years constituted the largest proportion of cases (38.6%, n=2,544), followed by those aged 65–85 years (24.2%, n=1,593). Most reports originated from health professionals (67.7%, n=4,455), and 56.4% (n=3,715) occurred within the European Economic Area.

Table 3.1 summarizes the demographic characteristics of ICSRs involving semaglutide.

Table 3.1. Demographic characteristics of ICSRs involving semaglutide reported in the EudraVigilance spontaneous reporting system from 8 February 2018 (injectable form) or 3 April 2020 (oral dosage form) to 1 December 2021.

	Individual Case Safety Reports 6584 (%)			
	Oral dosage form	**Injectable dosage form**	**Total**	
	N=550	**N=6034**	**N=6584**	***p*-value[1]**
Male	246 (44.7)	2696 (44.7)	2942 (44.7)	
Female	262 (47.6)	3229 (53.5)	3491 (53.0)	0.204
Not specified	42 (7.6)	109 (1.8)	151 (2.3)	
Age group				
Pediatrics (<18 Years)	0	6 (0)	6 (0.1)	
Adult (18–64 Years)	171 (31.1)	2373 (39.3)	2544 (38.6)	
Elderly (65–85 Years)	123 (22.4)	1470 (24.4)	1593 (24.2)	
Very Elderly (>85 Years)	6 (1.1)	31 (0.5)	37 (0.6)	
Not Specified	250 (45.5)	2154 (35.7)	2404 (36.5)	
Type of reporter				
Health Care Professional	398 (72.4)	4057 (67.2)	4455 (67.7)	
Non-Health Care Professional	152 (27.6)	1977 (32.8)	2129 (32.3)	
Region				
European Economic Area	193 (35.1)	3522 (58.4)	3715 (56.4)	
Non-European Economic Area	357 (64.9)	2512 (41.6)	2869 (43.6)	
Individual cases reported by system organ classes*				
Total adverse events	1029	11967	12996	
Gastrointestinal disorders	294 (53.5)	3208 (53.2)	3502 (53.2)	
Nervous system disorders	85 (15.5)	817 (13.5)	902 (13.7)	
Metabolism and nutritional disorders	82 (14.9)	926 (15.3)	1008 (15.3)	
Cardiac disorders	41 (7.45)	251 (4.2)	292 (4.4)	
Eye disorders	29 (5.3)	424 (7.0)	453 (6.9)	
Infections and infestations	22 (4.0)	303 (5.0)	325 (4.9)	
Musculoskeletal and connective tissue disorders	24 (4.4)	267 (4.4)	291 (4.4)	
Renal and urinary disorders	30 (5.5)	292 (4.8)	322 (4.9)	
Psychiatric disorders	28 (5.1)	244 (4.0)	272 (4.1)	
Skin and subcutaneous disorders	32 (5.8)	380 (6.3)	412 (6.3)	
Number of individual cases				***p*-value[1]**
Serious	369 (67.1)	3112 (51.6)	3481 (52.9)	<0.00001
Non serious	181 (32.9)	2922 (48.4)	3103 (47.1)	

*10 most reported ADRs were considered (percentages presented by reported cases).
[1]Pearson's Chi-Square test was used to verify a possible relationship between these variables with a statistical significance level of 5% (p<0.05).

Regarding ADRs severity, a significantly higher proportion of serious events were reported for the oral dosage form (67.1%, n=369) compared to the injectable form (51.6%, n=3,112; *p*<0.00001).

3.3.2. Main reported SOCs

The most frequently reported ADRs were gastrointestinal disorders (53.2%, n=3,502). Other notable SOCs included nervous system disorders (13.7%, n=902) and metabolism and nutrition disorders (15.3%, n = 1,008) (Table 4.1). No significant differences were observed in the prevalence of main SOCs between the oral and injectable dosage forms (p>0.05). Table 3.2 provides a detailed breakdown of reported SOCs.

Table 3.2. Main reported SOCs for oral and injectable semaglutide dosage forms from 1 January to 1 December 2021.

SOC		Individual Case Safety Reports (%)				*p*-value[1]
		Oral dosage form Total (N=266)		Injectable dosage form Total (N=1246)		
Gastrointestinal disorders	Vomiting	133 (50.0)	40 (30.1)	588 (47.2)	153 (26.0)	0.40534
	Pancreatitis		35 (26.3)		126 (21.4)	
	Nausea		31 (23.3)		161 (27.4)	
	Diarrhea		20 (15.0)		134 (22.8)	
Metabolism and nutritional disorders	Diabetes inadequate control	40 (15.0)	6 (15.0)	236 (18.9)	6 (2.5)	0.13467
	Dehydration		10 (25.0)		75 (31.8)	
	Decreased appetite		15 (37.5)		75 (31.8)	
	Diabetic Ketoacidosis		6 (15.0)		21 (8.9)	
Eye disorders	Visual impairment	20 (7.5)	5 (25.0)	99 (7.9)	18 (18.2)	0.81453
	Blindness		2 (10.0)		2 (2.0)	
	Diabetic retinopathy		2 (10.0)		11 (11.1)	
	Vision blurred		2 (10.0)		9 (9.1)	
Renal and urinary disorders	Acute kidney injury	21 (7.9)	12 (57.1)	113 (9.1)	40 (35.4)	0.54072
	Renal failure		0		16 (14.2)	
	Nephropathy		0		3 (2.7)	
	Chronic kidney disease		3 (14.3)		11 (9.7)	
Cardiac disorders	Angina pectoris	27 (10.2)	0	88 (7.1)	6 (6.8)	0.08461
	Atrial fibrillation		7 (25.9)		10 (11.4)	
	Tachycardia		2 (7.4)		6 (6.8)	
	Myocardial infarction		8 (29.6)		15 (17.0)	

[1]Pearson's Chi-Square test

3.3.3. Comparative analysis between semaglutide, sitagliptin, and empagliflozin

From 1 January to 1 December 2021, semaglutide was associated with a higher proportion of gastrointestinal ADRs (47.7%) compared to sitagliptin (34.7%) and empagliflozin (9.8%; p<0.00001). Similarly, semaglutide reports showed a higher prevalence of eye disorders (7.9%) compared to sitagliptin (4.2%) and empagliflozin (0.8%; p<0.00001). Pearson's Chi-

Square test was used to verify a possible relationship between these variables with a statistical significance level of 5% ($p<0.05$).

Figure 3.1 highlights these comparative findings.

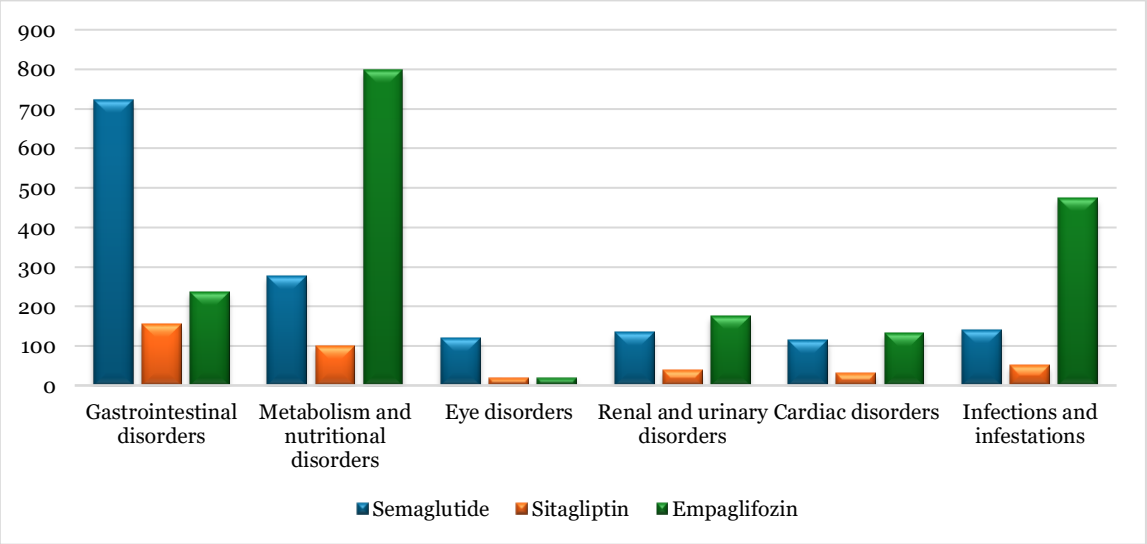


Figure 3.1. Comparative analysis for the main reported system organ classes (SOCs) adverse events for semaglutide, sitagliptin and empagliflozin from January 1st to December 1st, 2021.

3.3.4. Characteristics of ICSRs which include gastrointestinal disorders

Table 3.3. Characteristics of individual cases reported for patients treated with semaglutide (oral and injectable forms) which include gastrointestinal disorders, over 2 months (from 1st October to 1st December 2021).

Gastrointestinal disorders ICSR (N = 164)	
Sex (%)	
Male	69 (42.1)
Female	93 (56.7)
Unknown	2 (1.2)
Age group (%)	
18–64 Years	69 (42.1)
65–85 Years	50 (30.5)
>85 Years	6 (3.7)
Not Specified	39 (23.8)
Outcome (%)	
Fatal	3 (1.8)
Not Recovered/Not Resolved	29 (17.7)
Recovered/Resolved	52 (31.7)
Recovering/Resolving	8 (4.9)
Unknown	72 (43.9)
Number of gastrointestinal disorders per ICSR (%)	
1	85 (51.8)
2	35 (21.3)
3	21 (12.8)
4	15 (9.1)
5 or more	8 (4.9)
Global analysis of reported suspected ADRs	
Total number	745
Median per ICSR	3
Other drugs	
Total number	379
Median per ICSR	4
Other drugs used chronically to treat gastrointestinal disorders	
Yes	14 cases reported (18 drugs mentioned)

Within a two-month observation period, 164 ICSRs reported at least one gastrointestinal ADR associated with semaglutide. Females accounted for a higher proportion of these reports (56.7%) than males (42.1%). The most reported gastrointestinal ADRs included nausea, vomiting, and diarrhea.

Table 3.3 details the characteristics of these ICSRs.

3.4. Discussion

Semaglutide has emerged as a highly effective treatment for T2DM, significantly reducing HbA1c levels and promoting weight loss with a relatively low incidence of ADRs [7,8]. It is used as monotherapy or in combination with other antidiabetic medications for both primary and secondary prevention [9,10].

Analysis of the EV database revealed 6,584 ICSRs for semaglutide, predominantly from healthcare professionals. The majority of reports involved female patients, a trend likely influenced by sex-specific factors, including hormonal differences and variations in pharmacokinetics [11,12]. The injectable form of semaglutide, favored for its weekly dosing schedule, enhances adherence and offers convenience, while also demonstrating effectiveness in reducing CV events and slowing renal disease progression [13–20].

The most reported ADRs were gastrointestinal disorders (53.2%), followed by metabolic disturbances (15.3%) and nervous system disorders (13.7%). Gastrointestinal ADRs, such as nausea, vomiting, and diarrhea, were more severe at higher doses, underscoring the importance of a gradual dose-escalation strategy [21–25].

Comparative analysis indicated that semaglutide was associated with a higher prevalence of gastrointestinal ADRs compared to sitagliptin and empagliflozin. Despite these side effects, semaglutide tolerability and pharmacoeconomic advantages make it a viable option for patients with inadequately controlled T2DM and weight management. Effective management of ADRs, including dietary adjustments and dose escalation, can enhance patient outcomes and satisfaction [26–28].

Pharmacovigilance remains critical for early ADRs detection, promoting safer drug use, and improving patient quality of life while reducing healthcare system burdens.

3.5. Main Conclusions

- ✓ Gastrointestinal disorders represent the most frequently reported adverse drug reactions and warrant targeted clinical attention.
- ✓ The higher proportion of gastrointestinal adverse events reported for semaglutide compared with sitagliptin and empagliflozin underscores class-specific tolerability issues associated with GLP1RA.
- ✓ Most ADRs occurred in adult and elderly populations, with relatively few fatal outcomes, though a substantial proportion of reports lacked complete outcome data.
- ✓ Management strategies such as dose-escalation protocols and dietary modifications may help mitigate gastrointestinal intolerance in clinical practice.
- ✓ Continued pharmacovigilance is essential to identify patient subgroups at higher risk of serious ADRs and to optimize the safe and effective use of semaglutide in real-world settings.

3.6. References

1. Rodbard HW. The clinical impact of GLP-1 receptor agonists in type 2 diabetes: focus on the long-acting analogs. Diabetes Technol Ther. 2018;20(S2):33–41.

2. Arzu Kalayci, James Louis Januzzi, Makiko Mitsunami, Ibrahim Halil Tanboga, Can Yucel Karabay, Charles Michael Gibson, Clinical features modifying the cardiovascular benefits of GLP-1 receptor agonists: a systematic review and meta-analysis, *European Heart Journal - Cardiovascular Pharmacotherapy*, Volume 11, Issue 6, September 2025, Pages 552–561, https://doi.org/10.1093/ehjcvp/pvaf037

3. Gupta, N., Zayyad, Z., Bhattaram, R. *et al.* Beyond Blood Sugar: A Scoping Review of GLP-1 Receptor Agonists in Cardiovascular Care. *Cardiol Ther* **14**, 351–366 (2025). https://doi.org/10.1007/s40119-025-00426-4

4. Vilsbøll T, Bain SC, Leiter LA, et al. Semaglutide, reduction in glycated haemoglobin and the risk of diabetic retinopathy. Diabetes Obes Metab. 2018;20(4):889–897.

5. Wharton S, Davies M, Dicker D, et al. Managing the gastrointestinal side effects of GLP-1 receptor agonists in obesity: recommenda tions for clinical practice. Postgrad Med. 2022;134(1):14–19.

6. https://www.ema.europa.eu/en/human-regulatory-overview/research development/ pharmacovigilance-research-development/eudravigilance/access-eudravigilance-data.

7. Smits MM, Van Raalte DH. Safety of Semaglutide. Front Endocrinol. 2021;12:645563.

8. Mahapatra MK, Karuppasamy M, Sahoo BM. Semaglutide, a glucagon like peptide-1 receptor agonist with cardiovascular benefits for management of type 2 diabetes. Rev Endocr Metab Disord. 2022;23:521–39.

9. Rodbard HW, Lingvay I, Reed J, De La Rosa R, Rose L, Sugimoto D, et al. Semaglutide Added to Basal Insulin in Type 2 Diabetes (SUSTAIN 5): A Randomized, Controlled Trial. The Journal of Clinical Endocrinology & Metabolism. 2018;103:2291–301.

10. Kane MP, Triplitt CL, Solis-Herrera CD. Management of type 2 diabetes with oral semaglutide: Practical guidance for pharmacists. American Journal of Health-System Pharmacy. 2021;78:556–67.

11.Rademaker M. Do Women Have More Adverse Drug Reactions?: American Journal of Clinical Dermatology. 2001;2:349–51.

12. Khan MAB, Hashim MJ, King JK, Govender RD, Mustafa H, Al Kaabi J. Epidemiology of Type 2 Diabetes – Global Burden of Disease and Forecasted Trends: JEGH. 2019;10:107.

13. Meier JJ. Efficacy of Semaglutide in a Subcutaneous and an Oral Formulation. Front Endocrinol. 2021;12:645617.

14. Seidu S, Mellbin L, Kaiser M, Khunti K. Will oral semaglutide be a game-changer in the management of type 2 diabetes in primary care? Primary Care Diabetes. 2021;15:59–68.

15. Goldenberg RM, Steen O. Semaglutide: Review and Place in Therapy for Adults With Type 2 Diabetes. Canadian Journal of Diabetes. 2019;43:136–45.

16. Latini R, Staszewsky L. Semaglutide and effective weight control. The Lancet. 2021;397:942–3.

17. Lopes A, Roque F, Morgado S, Dinis C, Herdeiro MT, Morgado M. Behavioral Sciences in the Optimization of Pharmacological and Non-Pharmacological Therapy for Type 2 Diabetes. Behavioral Sciences. 2021;11:153.

18. Nauck MA, Quast DR. Cardiovascular Safety and Benefits of Semaglutide in Patients With Type 2 Diabetes: Findings From SUSTAIN 6 and PIONEER 6. Front Endocrinol. 2021;12:645566.

19. Ryan DH, Lingvay I, Colhoun HM, Deanfield J, Emerson SS, Kahn SE, et al. Semaglutide Effects on Cardiovascular Outcomes in People With Overweight or Obesity (SELECT) rationale and design. American Heart Journal. 2020;229:61–9.

20. Perkovic V, Tuttle KR, Rossing P, Mahaffey KW, Mann JFE, Bakris G, et al. Effects of Semaglutide on Chronic Kidney Disease in Patients with Type 2 Diabetes. N Engl J Med. 2024;391:109–21.

21. https://www.ema.europa.eu/pt/documents/product-information/ozempic-epar-product-information_pt.pdf.

22. https://www.ema.europa.eu/pt/documents/product-information/rybelsus-epar-product-information_pt.pdf.

23. Davies M, Pieber TR, Hartoft-Nielsen M-L, Hansen OKH, Jabbour S, Rosenstock J. Effect of Oral Semaglutide Compared With Placebo and Subcutaneous Semaglutide on Glycemic Control in Patients With Type 2 Diabetes: A Randomized Clinical Trial. JAMA. 2017;318:1460.

24. Williams DM, Ruslan AM, Khan R, Vijayasingam D, Iqbal F, Shaikh A, et al. Real-World Clinical Experience of Semaglutide in Secondary Care Diabetes: A Retrospective Observational Study. Diabetes Ther. 2021;12:801–11.

25. Jain AB, Kanters S, Khurana R, Kissock J, Severin N, Stafford SG. Real-World Effectiveness Analysis of Switching From Liraglutide or Dulaglutide to Semaglutide in Patients With Type 2 Diabetes Mellitus: The Retrospective REALISE-DM Study. Diabetes Ther. 2021;12:527–36.

26. Eliasson B, Ericsson Å, Fridhammar A, Nilsson A, Persson S, Chubb B. Long-Term Cost Effectiveness of Oral Semaglutide Versus Empagliflozin and Sitagliptin for the Treatment of Type 2 Diabetes in the Swedish Setting. Pharmacoecon Open. 2022;6:343–54.

27. Wharton S, Davies M, Dicker D, Lingvay I, Mosenzon O, Rubino DM, et al. Managing the gastrointestinal side effects of GLP-1 receptor agonists in obesity: recommendations for clinical practice. Postgraduate Medicine. 2022;134:14–9.

28. Buse JB, Bode BW, Mertens A, Cho YM, Christiansen E, Hertz CL, et al. Long-term efficacy and safety of oral semaglutide and the effect of switching from sitagliptin to oral semaglutide in patients with type 2 diabetes: a 52-week, randomized, open-label extension of the PIONEER 7 trial. BMJ Open Diab Res Care. 2020;8:e001649

Chapter 4

Clinical and Pharmacotherapeutic Profile of Patients with Type 2 Diabetes Mellitus Admitted to a Hospital Emergency Department

4.1. Introduction

T2DM results from a combination of insulin resistance and impaired pancreatic insulin secretion. Its prevalence has increased due to urbanization, lifestyle changes, and poor diet, with risk factors including obesity, physical inactivity, aging, hypertension, dyslipidemia, and family history. Treatment options range from classic drugs such as insulin, metformin, and sulfonylureas to newer agents, including SGLT2i and GLP1RA, which improve glycemic control and provide cardiorenal benefits, though potential adverse effects must be monitored [1-3].

This study aims to characterize the clinical and pharmacological profiles of T2DM patients admitted to the emergency department of the LHUG, assessing the influence of comorbidities and prior antidiabetic therapy on their clinical condition at admission.

4.2. Materials and Methods

4.2.1. Study Design and Sampling

A retrospective study was conducted on 420 T2DM patients admitted to the LHUG emergency department between June 2019 and September 2022. Ethics approval from LHUG Ethics Committee was obtained, as well as formal authorization by the Institution's Board of Directors. Patient consent was waived, as the Ethics Committee of the LHUG deemed it unnecessary for this retrospective study, once the data has been irreversibly anonymized.

About 140 patients are admitted to the LHUG emergency department per day, of which about 60% have a known diagnosis of T2DM. Our study includes 39 months of analysis, which amounts to approximately 163,800 admissions episodes in that period (approximately 98,280 patients with a previously known diagnosis of T2DM). This means 383 or more measurements are needed to achieve a 95% confidence level, ensuring that the true value lies within ±5% of the measured value.

Patients with the following characteristics were randomly selected:

- ✓ Diagnosis of T2DM before admission to the emergency department;
- ✓ At least 65 years of age;
- ✓ At least one antidiabetic drug included in the chronic treatment plan before admission;
- ✓ Complete and objective information described in the clinical diary regarding chronic medication, clinical history, and reason(s) for admission to the Emergency Department;
- ✓ Complete information regarding the analytical parameters included in the study upon admission;
- ✓ After applying these criteria, a sample of 613 patients was obtained, from which 420 were randomly selected.

4.2.2. Data Collection

Data on patients with T2DM were obtained from the SClinico® and Modulab® platforms. The following variables were analyzed:

- ✓ Age, gender, and condition (autonomous, family support, or institutionalized);
- ✓ Bioanalytical parameters at admission: blood glycemia; creatinine; hemoglobin; aspartate aminotransferase (AST), and alanine aminotransferase (ALT);

- ✓ Personal pathological history: T2DM; high blood pressure (HBP); HF; atrial fibrillation (AF); acute myocardial infarction (AMI); dyslipidemia; CKD; hyperuricemia (HU); stroke, obesity; chronic liver disease; oncological disease; chronic obstructive pulmonary disease (COPD); alcoholism; chronic anemia;
- ✓ Diagnosis that justifies admission: decompensated heart failure (DHF); acute chronic kidney disease (ACKD); AKI; UTI; pulmonary embolism (PE); stroke; AMI; respiratory tract infection (RTI); hydroelectrolytic disorders (HED); bleeding; gastroenteritis; acute chronic liver disease; pancreatitis; hypoglycemia; respiratory failure; sepsis;
- ✓ Antidiabetic drugs included in the therapeutic plan before admission: insulin; SGLT2i; DPP4i; GLP1RA; metformin and sulfonylureas.

4.2.3. Statistical Analysis

For the statistical analysis, IBM SPSS statistics 28 (IBM, Armonk, NY, USA) was used. Categorical variables were described through their respective absolute and relative frequencies (percentages). Pearson's Chi-Square, Fisher's exact test, and linear regression tests were used with a statistical significance level of 5% ($p < 0.05$).

4.3. Results

4.3.1. Sample Characterization

A total of 420 patients with T2DM were included in this analysis (Figure 4.1). The mean age was 80.59 ± 7.92 years, with a roughly equal distribution between males (n = 204) and females (n = 216). High blood pressure (84.3%), dyslipidemia (42.8%), CKD (37.2%), and HF (41.6%) were among the most prevalent comorbidities.

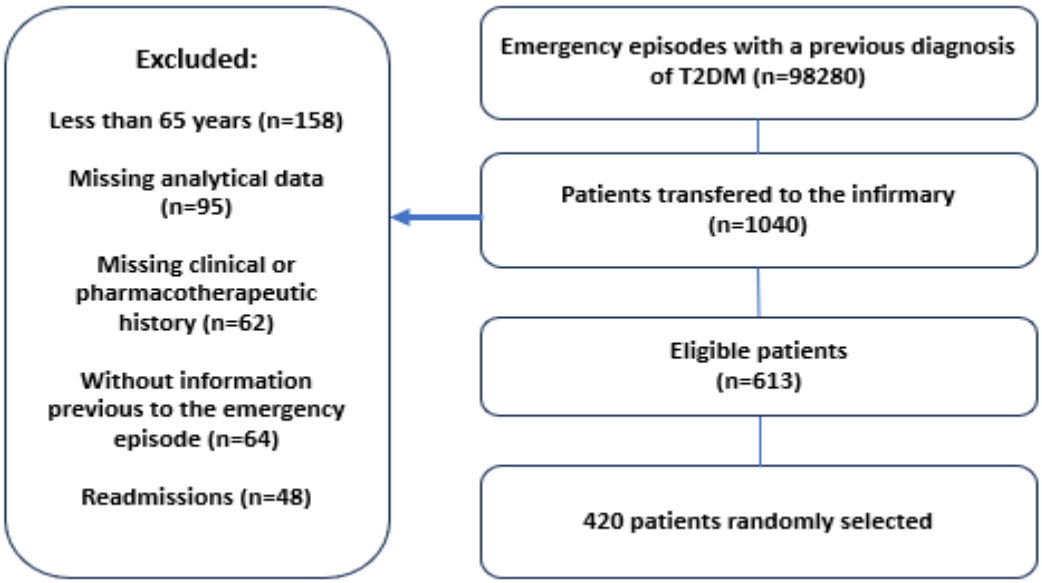


Figure 4.1. Sample Selection

Table 4.1 provides a detailed summary of the patients' characteristics, including their clinical and pharmacological profiles.

Table 4.1. Patients' characteristics at admission.

Age					
Mean	80.59	**Standard deviation**	7.92	**Min-Max**	65-99
			Gender		
			Male (n=204)		**Female (n=216)**
Autonomous			94 (22.4%)		61 (14.5%)
Family support			49 (11.7%)		42 (10.0%)
Institutionalized			61 (14.5%)		113 (26.9%)
Pathological history previous to admission					
Type 2 Diabetes Mellitus			204 (48.6%)		216 (51.4%)
High blood pressure			173 (41.2%)		181 (43.1%)
Heart failure			77 (18.3%)		98 (23.3%)
Atrial fibrillation			38 (9.0%)		45 (10.7%)
Acute myocardial infarction			14 (3.3%)		17 (4.0%)
Dyslipidemia			82 (19.5%)		98 (23.3%)
Chronic kidney disease			65 (15.5%)		91 (21.7%)
Hyperuricemia			30 (7.1%)		42 (10.0%)
Stroke			35 (8.3%)		39 (9.3%)
Obesity			27 (6.4%)		44 (10.5%)
Chronic liver disease			17 (4.0%)		6 (1.4%)
Oncological disease			25 (6.0%)		11 (2.6%)
Chronic obstructive pulmonary disease			19 (4.5%)		17 (4.0%)

Diagnosis at admission			
Decompensated heart failure		43 (10.2%)	66 (15.7%)
Acute chronic kidney disease		46 (11.0%)	67 (16.0%)
Acute kidney injury		66 (15.7%)	51 (12.1%)
Urinary tract infection		14 (3.3%)	28 (6.7%)
Pulmonary embolism		12 (2.9%)	9 (2.1%)
Stroke		18 (4.3%)	19 (4.5%)
Acute myocardial infarction		9 (2.1%)	8 (1.9%)
Respiratory tract infection		56 (12.9%)	65 (15.5%)
Hydroelectrolytic disorders		94 (22.4%)	92 (21.9%)
Bleeding		3 (0.7%)	0 (0.0%)
Gastroenteritis		4 (1.0%)	2 (0.5%)
Acute chronic liver disease		12 (2.9%)	5 (1.2%)
Pancreatitis		3 (0.7%)	3 (0.7%)
Hypoglycemia		2 (0.5%)	2 (0.5%)
Respiratory failure		59 (14.0%)	74 (17.6%)
Sepsis		5 (1.2%)	11 (2.6%)
Antidiabetic drugs included in the therapeutic plan before admission			
Insulin		100 (23.8%)	127 (30.2%)
Sodium-glucose cotransporter inhibitors		54 (12.9%)	54 (12.9%)
Dipeptidyl peptidase inhibitors		111 (26.4%)	107 (25.5%)
Glucagon-like peptide-1 receptor agonists		10 (2.4%)	17 (4.0%)
Metformin		107 (25.5%)	96 (22.9%)
Sulfonylureas		36 (8.6%)	22 (5.2%)
Laboratory parameters at admission			
Glycemia		**Blood creatinine**	
<180 mg/dl	**≥180 mg/dl**	**<1.2 mg/dL**	**≥1.2 mg/dL**
183 (43.6%)	237 (56.4%)	170 (40.5%)	250 (59.5%)

The American Diabetes Association classifies glycemia above 180 mg/dL as hyperglycemia; therefore, patients were classified according to this reference value [4].

A cut-off value of 1.2 mg/dL was considered for blood creatinine levels (the normal range for men is approximately 0.6 to 1.2 mg/dL, and for women, it is between 0.5 and 1.1 mg/dL) [5].

4.3.2. Relationship between Patient Condition prior to Admission, Age, and Gender, and Glycemia Levels

Patients with family support were less likely to be present with hyperglycemia (≥180 mg/dL) at admission (9.5%) compared to autonomous (23.1%) or institutionalized patients (23.8%; p=0.016). No significant associations were observed between gender or age and glycemia levels (p>0.05).

Table 4.2 summarizes association between glycemia levels and these variables.

Table 4.2. Relationship between patient condition, gender, age, and glycemia levels.

	Condition				
Glycemia	**Autonomous**	**Family support**	**Institutionalized**	**Total**	**p-value**
<180 mg/dl	58 (13.8%)	51 (12.1%)	74 (7.6%)	183 (43.6%)	
≥180 mg/dl	97 (23.1%)	40 (9.5%)	100 (23.8%)	237 (56.4%)	0.016[1]
Total	155 (36.9%)	91 (21.7%)	174 (41.4%)	420 (100%)	

[1]Pearson's Chi-Square

4.3.3. Hyperuricemia, Hemoglobin, and AST/ALT Ratio

Higher blood creatinine levels (≥1.2 mg/dL) were significantly associated with hyperuricemia (p=0.001) and glycemia levels ≥180 mg/dL (p=0.005). A linear regression model showed hemoglobin levels declined with age and were lower in females and those with creatinine ≥1.2 mg/dL.

Through a linear regression model, the AST/ALT ratio was inversely correlated with glycemia levels at admission (p<0.0001).

4.3.4. Obesity, Dyslipidemia, and Acute Cardiovascular Disorders

Obese patients with or without dyslipidemia were at higher risk for acute CV disorders, such as HF and stroke (p<0.05).

4.3.5. Antidiabetic Therapy and Heart Failure

Patients on insulin (p=0.003), GLP1RA (p=0.023), or a combination of both drugs (p=0.007) were at higher risk of decompensated HF. Conversely, patients on sulfonylureas or metformin-DPP4i combinations had a reduced risk (p<0.05).

Table 4.3 provides details.

Table 4.3. Relationship between Decompensated Heart Failure and Antidiabetic Therapy.

Previously diagnosed heart failure			**Decompensated heart failure at admission**		
Yes	No		Yes	No	
175 (41.7%)	245 (58.3%)		109 (26.0%)	311 (74.0%)	
Antidiabetic drugs	**Decompensated HF (No/Yes)**		**p-value**	**OR**	**Confidence interval 95%**
Insulin	155 (49.8%)	72 (66.1%)	p=0.003[1]	1.959	1.243-3.085
GLP1RA	15 (4.8%)	12 (11.0%)	p=0.023[1]	2.441	1.105-5.395
Sulfonylureas	51 (16.4%)	7 (6.4%)	p=0.009[1]	0.350	0.154-0.796
Insulin + GLP1RA	9 (2.9%)	10 (9.2%)	p=0.007[1]	3.389	1.339-8.579
Metformin + DPP4i	100 (32.2%)	23 (21.1%)	p=0.029[1]	0.564	0.336-0.947
Metformin + Sulfonylurea	38 (12.2%)	3 (2.8%)	p=0.003[2]	0.203	0.061-0.673

[1] Pearson's Chi-Square

[2] Fisher's exact test

4.3.6. Antidiabetic Therapy and Kidney Function

Patients undergoing treatment with metformin (p=0.017) or metformin and DPP4i association (p=0.014) were exposed to a lower risk of AKI or ACKD (Table 4.7). Patients using SGLT2i (p=0.0003), insulin and sulfonylurea association (p=0.026), metformin and SGLT2i association (p=0.026), and DPP4i and SGLT2i association (p=0.007) were exposed to a higher risk of HED. On the other hand, patients using GLP1RA (p= 0.017), insulin and DPP4i association (p=0.034), or DPP4i and GLP1RA association (p=0.003) had a lower risk of HED (Table 4.4).

Table 4.4. Relationship between antidiabetic therapy and acute kidney injury, acute chronic kidney injury, and hydroelectrolytic disorders

Antidiabetic drugs	AKI or ACKD (n=230)	p-value	OR	Confidence interval 95%
Metformin	99(43.0%)	0.017[1]	0.625	0.424-0.920
Metformin + DPP4i	56 (24.3%)	0.014[1]	0.521	0.387-0.902
	Hydroelectrolytic disorders			
SGLT2i	64(34.4%)	0.0003[1]	2.265	1.450-3.539
GLP1RA	6(3.2%)	0.017[1]	0.338	0.134-0.856
Insulin + DPP4i	38(20.4%)	0.034[1]	0.614	0.390-0.967
Insulin + Sulfonylurea	8(4.3%)	0.026[2]	5.213	1.094-24.853
Metformin + SGLT2i	34(18.3%)	0.026[1]	1.870	1.071-3.264
DPP4i + SGLT2i	29(15.6%)	0.007[1]	2.358	1.252-4.440
DPP4i + GLP1RA	0(0.0%)	0.003[2]	0.957	0.932-0.984

[1] Pearson's Chi-Square

[2] Fisher's exact test

4.3.7. Antidiabetic Therapy and Glycemia Levels

Insulin was mainly used by autonomous and institutionalized patients (p=0.0008), while metformin (p=0.003) and GLP1RA (p<0.0001) were mainly used by autonomous patients. Sulfonylureas were mostly used by male patients (p=0.027), while SGLT2i (p=0.0004) and GLP1RA (p<0.0001) by patients within the age group 65–85 years. Patients treated with sulfonylureas (p=0.008), insulin and metformin association (p=0.040), insulin and sulfonylurea association (p=0.048), and DPP4i and sulfonylurea association (p=0.031) were exposed to a higher risk of hyperglycemia (≥180 mg/dL) at admission (Table 4.5).

Table 4.5. Relationship between antidiabetic drugs and glycemia levels at admission

Antidiabetic drugs	Glycemia ≥180 mg/dL (No/Yes)		p-value	OR	Confidence interval 95%
Sulfonylureas	16 (8.7%)	42 (17.7%)	p=0.008[1]	2.248	1.219-4.145
Insulin + Metformin	20 (10.9%)	43 (18.1%)	p=0.040[1]	1.806	1.022-3.194
DPP4i + Sulfonylurea	11 (6.0%)	29 (12.2%)	p=0.031[1]	4.644	1.058-4.492

[1] Pearson's Chi-Square

4.4. Discussion

4.4.1. Glycemia Levels and Patients' Characteristics

Social and family support significantly influence glycemic control in T2DM patients [6,7]. Those with strong support systems exhibit better glycemic outcomes upon admission compared to autonomous or institutionalized individuals. Integrating family involvement into diabetes management can yield improved outcomes, emphasizing the value of educational interventions [8,9].

4.4.2. Impact of Hyperuricemia on Kidney Function and Cardiovascular System

HU is a notable risk factor for CKD and CV disease in T2DM patients. Elevated uric acid levels are linked to increased insulin resistance and kidney dysfunction [10–14]. This study highlighted that HU patients exhibited higher rates of acute CV events and kidney function deterioration, aligning with existing literature [15–18].

4.4.3. Relationship between Hemoglobin Levels, Gender, Age, and Kidney Function

Patients with T2DM are more susceptible to the development of chronic anemia, which may be due to inadequate glycemic control, CKD (that leads to erythropoietin production decrease), presence of T2DM complications, or age >60 years [19–21]. Previous studies have shown that diabetic women and older diabetic individuals are the most vulnerable groups to anemia; furthermore, elevated blood creatinine levels are a significant factor influencing this condition [22,23].

According to this study, female gender, older age, and serum creatinine values above 1.2 mg/dL, are related to lower hemoglobin levels.

4.4.4. Liver Function and Glycemia Levels

Abnormal liver enzyme levels are prevalent in T2DM patients. A decreasing ratio of AST to ALT is associated with declining glucose regulation, metabolic impairment, and organ dysfunction, including NAFDL and CV disease [24,25]. This study observed an inverse relationship between glycemia levels and the AST/ALT ratio, underscoring the intricate interplay between liver function, glycemic control, and metabolic health [26,27].

4.4.5. Patients' Pharmacotherapeutic Profile and Acute Cardiovascular Disease

T2DM is strongly linked to CV diseases, necessitating optimized pharmacotherapy [28,29].

This study revealed that patients treated with sulfonylureas or metformin combinations demonstrated lower risks of HF. However, findings on SGLT2i and HF require further investigation to clarify their cardioprotective roles.

4.4.6. Patients' Pharmacotherapeutic Profile and Kidney Disease

This study demonstrated that metformin and DPP4i combinations reduced the risks of AKI in T2DM patients. SGLT2i, while offering renoprotective benefits, were associated with electrolyte imbalances, necessitating close monitoring of renal parameters during treatment. Although a natriuretic effect and osmotic diuresis are expected, these compounds may also modulate the urinary excretion of potassium, magnesium, phosphate, and calcium. Some of the disturbances of homeostasis are transient, while others may persist, suggesting that the administration of these compounds may induce new electrolyte homeostasis [30].

4.4.7. Patterns of Antidiabetic Drug Use

Drug utilization patterns varied across demographics [31]. Metformin was predominantly prescribed to autonomous patients, while insulin was more common among institutionalized individuals. Gender and age also influenced drug choice, highlighting the need for personalized treatment strategies in T2DM management [32].

4.4.8. Relationship between Glycemic Levels at Admission and Antidiabetic Drugs

The effect of antidiabetic drugs on glycemic control in real-world settings often differs from the outcomes seen in clinical trials. Furthermore, factors related to the patient and the therapy itself may contribute to treatment non-adherence [33,34]. Previous studies have shown that the pattern of antidiabetic drug use varies across different age groups and genders [35,36]. On the other hand, therapy-related factors, such as route of administration, treatment duration, complexity (for example, a fixed-dose combination can significantly improve adherence to pharmacological therapy compared to a loose-dose combination), medication type, and side effects, also influence the patterns of antidiabetic drug use [37,38]. In addition, new-generation antidiabetic drugs are less studied than more traditional therapeutic options, so their effects, both in terms of effectiveness and safety, may be less predictable, particularly in more vulnerable populations, such as the elderly [39].

Several comparative studies were carried out to assess the effectiveness of different antidiabetic drugs in glycemic control. In general, inadequately-controlled T2DM patients can benefit from using a combination of two or more different antidiabetic drugs [40,41]. If

the HbA1C level exceeds 7.5% during treatment or if the baseline HbA1C is ≥9%, combination therapy with two oral antidiabetic drugs or insulin may be considered [42,43]. In recent years, significant advancements have been made in the pharmacological treatment of T2DM, making it challenging to stay updated on the latest innovative therapies. Different insulin analogs have varying pharmacokinetics: rapid-acting insulins are used for prandial insulin, while longer-acting insulins provide basal insulin over an extended period. However, insulin is rarely used as a first-line treatment due to the risk of severe hypoglycemia and CV complications, especially with increasing doses and insulin tolerance [44,45]. Metformin remains the recommended first-line treatment for T2DM, effectively lowering fasting plasma glucose and HbA1C [46,47]. Sulfonylureas, widely prescribed for T2DM, are affordable and can be used alone or with metformin, but they carry risks such as hypoglycemia and CV disorders, despite evidence supporting their CV safety [48–51]. DPP4i, which are well-tolerated with minimal side effects, are effective in improving glycemic control, especially when used in combination with metformin or other antidiabetic drugs. Its oral administration and fixed doses, which do not require titration, are additional features that facilitate adherence to this therapy [52,53]. GLP1RA help with glycemic control by promoting insulin secretion and inhibiting glucagon release, while also limiting weight gain and reducing the risk of CV events like heart attacks or strokes. This class is recommended for patients with ASCVD [54,55]. SGLT2i decrease renal glucose reabsorption promoting urinary excretion, and controlling effectively blood glycemia regardless of insulin levels [56,57].

This study suggests that patients treated with insulin (when associated with metformin or sulfonylurea) and sulfonylureas (with or without DPP4i associated) were exposed to a higher risk of hyperglycemia at admission. Some studies demonstrated that patients on insulin were more likely to have poorly controlled glycemia than those on metformin alone [58,59]. Sulfonylureas are generally associated with an increased risk of hypoglycemia, especially in the elderly, which contrasts with this study [60]. Although, most of these patients presented with clinical illnesses causing considerable stress. Stress-induced hyperglycemia is a common response in such situations. This condition develops due to increased peripheral insulin resistance, reduced insulin secretion, and enhanced glucose production [61]. Sulfonylureas stimulate insulin secretion, metformin decreases glucose synthesis, and endogenous insulin acts on its specific receptors. All these mechanisms are affected by stress-induced hyperglycemia, and a more robust approach to glycemic control and stabilization may be necessary. The treatment consists of intravenous insulin infusion [62].

4.5. Main Conclusions

- ✓ Patients with T2DM exhibit substantial clinical heterogeneity and frequently present with multiple comorbidities, necessitating a comprehensive and individualized pharmacotherapeutic approach.
- ✓ Effective disease management requires consideration of all clinical factors that may influence disease progression, including comorbidity burden, therapeutic complexity, and patient-specific risks.
- ✓ Health professionals play a critical role in enhancing patients' health literacy, which directly affects self-management capacity, glycemic control, treatment adherence, and overall quality of life, ultimately contributing to improved clinical outcomes.
- ✓ The findings of this study support previously established clinical and pharmacological associations and indicate that adequate social and family support is linked to better glycemic control and more effective disease self-management.
- ✓ Several factors may have influenced the results, including the monocentric design of the study, which may limit generalizability.

4.6. References

1. Hu, F.B. Globalization of diabetes: The role of diet, lifestyle, and genes. Diabetes Care 2011, 34, 1249–1257.

2. Cao, H.; Liu, T.; Wang, L.; Ji, Q. Comparative efficacy of novel antidiabetic drugs on cardiovascular and renal outcomes in patients with diabetic kidney disease: A systematic review and network meta-analysis. Diabetes Obes. Metab. 2022, 24, 1448–1457.

3. Giugliano, D.; Longo, M.; Signoriello, S.; Maiorino, M.I.; Solerte, B.; Chiodini, P.; Esposito, K. The effect of DPP-4 inhibitors, GLP-1 receptor agonists and SGLT-2 inhibitors on cardiorenal outcomes: A network meta-analysis of 23 CVOTs. Cardiovasc. Diabetol. 2022, 21, 42.

4. American Diabetes Association Professional Practice Committee. 6. Glycemic Targets: *Standards of Medical Care in Diabetes—2022*. Diabetes Care. 2022;45:S83–96.

5. Shahbaz H, Rout P, Gupta M. Creatinine Clearance. [Updated 2024 Jul 27]. In: StatPearls [Internet]. Treasure Island (FL): StatPearls Publishing; 2024 Jan-. Available from: https://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK544228/

6. Olagbemide OJ, Omosanya OE, Ayodapo AO, Agboola SM, Adeagbo AO, Olukokun TA. Family support and medication adherence among adult type 2 diabetes: Any meeting point? Ann Afr Med. 2021;20:282–7.

7. Bennich BB, Røder ME, Overgaard D, Egerod I, Munch L, Knop FK, et al. Supportive and non-supportive interactions in families with a type 2 diabetes patient: an integrative review. Diabetol Metab Syndr. 2017;9:57.

8. Pamungkas R, Chamroonsawasdi K, Vatanasomboon P. A Systematic Review: Family Support Integrated with Diabetes Self-Management among Uncontrolled Type II Diabetes Mellitus Patients. Behavioral Sciences. 2017;7:62.

9. Gonzalez-Zacarias AA, Mavarez-Martinez A, Arias-Morales CE, Stoicea N, Rogers B. Impact of Demographic, Socioeconomic, and Psychological Factors on Glycemic Self-Management in Adults with Type 2 Diabetes Mellitus. Front Public Health [Internet]. 2016 [cited 2024 Dec 8];4. Available from: http://journal.frontiersin.org/Article/10.3389/fpubh.2016.00195/abstract

10. Kushiyama A. Linking uric acid metabolism to diabetic complications. WJD. 2014;5:787.

11. Nishizawa H, Maeda N, Shimomura I. Impact of hyperuricemia on chronic kidney disease and atherosclerotic cardiovascular disease. Hypertens Res. 2022;45:635–40.

12. Agarwal AK, Singh M, Arya V, Garg U, Singh VP, Jain V. Prevalence of peripheral arterial disease in type 2 diabetes mellitus and its correlation with coronary artery disease and its risk factors. J Assoc Physicians India. 2012;60:28–32.

13. Arersa KK, Wondimnew T, Welde M, Husen TM. Prevalence and Determinants of Hyperuricemia in Type 2 Diabetes Mellitus Patients Attending Jimma Medical Center, Southwestern Ethiopia, 2019. DMSO. 2020;Volume 13:2059–67.

14. Ozsu S, Çoşar AM, Aksoy HB, Bülbül Y, Oztuna F, Karahan SC, et al. Prognostic Value of Uric Acid for Pulmonary Thromboembolism. Respir Care. 2017;62:1091–6.

15. Kim HK, Lee M, Lee Y, Lee B-W, Cha B-S, Kang ES. Uric Acid Variability as a Predictive Marker of Newly Developed Cardiovascular Events in Type 2 Diabetes. Front Cardiovasc Med. 2021;8:775753.

16. La Grotta R, De Candia P, Olivieri F, Matacchione G, Giuliani A, Rippo MR, et al. Anti-inflammatory effect of SGLT-2 inhibitors via uric acid and insulin. Cell Mol Life Sci. 2022;79:273.

17. Sheikhbahaei S, Fotouhi A, Hafezi-Nejad N, Nakhjavani M, Esteghamati A. Serum Uric Acid, the Metabolic Syndrome, and the Risk of Chronic Kidney Disease in Patients with Type 2 Diabetes. Metabolic Syndrome and Related Disorders. 2014;12:102–9.

18. Ji P, Zhu J, Feng J, Li H, Yu Q, Qin H, et al. Serum uric acid levels and diabetic kidney disease in patients with type 2 diabetes mellitus: A dose-response meta-analysis. Primary Care Diabetes. 2022;16:457–65.

19. Taderegew MM, Gebremariam T, Tareke AA, Woldeamanuel GG. Anemia and Its Associated Factors Among Type 2 Diabetes Mellitus Patients Attending Debre Berhan Referral Hospital, North-East Ethiopia: A Cross-Sectional Study. JBM. 2020;Volume 11:47–58.

20. Solomon D, Bekele K, Atlaw D, Mamo A, Gezahegn H, Regasa T, et al. Prevalence of anemia and associated factors among adult diabetic patients attending Bale zone hospitals, South-East Ethiopia. Singh K, editor. PLoS ONE. 2022;17:e0264007.

21. Fujita Y, Doi Y, Hamano T, Hatazaki M, Umayahara Y, Isaka Y, et al. Low erythropoietin levels predict faster renal function decline in diabetic patients with anemia: a prospective cohort study. Sci Rep. 2019;9:14871.

22. AlDallal SM, Jena N. Prevalence of Anemia in Type 2 Diabetic Patients. J Hematol. 2018;7:57–61.

23. Kim M, Lee S-H, Park KS, Kim E-J, Yeo S, Ha I-H. Association between diabetes mellitus and anemia among Korean adults according to sex: a cross-sectional analysis of data from the Korea National Health and Nutrition Examination Survey (2010–2016). BMC Endocr Disord. 2021;21:209.

24. Mandal A, Bhattarai B, Kafle P, Khalid M, Jonnadula SK, Lamicchane J, et al. Elevated Liver Enzymes in Patients with Type 2 Diabetes Mellitus and Non-alcoholic Fatty Liver Disease. Cureus [Internet]. 2018 [cited 2022 Oct 25]; Available from: https://www.cureus.com/articles/16144-elevated-liver-enzymes-in-patients-with-type-2-diabetes-mellitus-and-non-alcoholic-fatty-liver-disease

25. Vonbank A, Saely C, Rein P, Zanolin D, Leiherer A, Drexel H. The alanine aminotransferase/aspartate aminotransferase ratio predicts future cardiovascular events in patients with established coronary artery disease and homa insulin resistance. Atherosclerosis. 2016;252:e64–5.

26. Muzurović E, van der Lely AJ, Gurnell M. AST to ALT Ratio and Peripheral Arterial Disease in a Hypertensive Population—Is There a Link? Angiology. 2021;72:905–7.

27. Cao C, Zhang X, Yuan J, Zan Y, Zhang X, Xue C, et al. Nonlinear relationship between aspartate aminotransferase to alanine aminotransferase ratio and the risk of prediabetes: A retrospective study based on chinese adults. Front Endocrinol. 2022;13:1041616.

28. Einarson TR, Acs A, Ludwig C, Panton UH. Prevalence of cardiovascular disease in type 2 diabetes: a systematic literature review of scientific evidence from across the world in 2007–2017. Cardiovasc Diabetol. 2018;17:83.

29. Ma C-X, Ma X-N, Guan C-H, Li Y-D, Mauricio D, Fu S-B. Cardiovascular disease in type 2 diabetes mellitus: progress toward personalized management. Cardiovasc Diabetol. 2022;21:74.

30. Cianciolo G, De Pascalis A, Gasperoni L, Tondolo F, Zappulo F, Capelli I, et al. The Off-Target Effects, Electrolyte and Mineral Disorders of SGLT2i. Molecules. 2020;25:2757.

31. Baker C, Retzik-Stahr C, Singh V, Plomondon R, Anderson V, Rasouli N. Should metformin remain the first-line therapy for treatment of type 2 diabetes? Therapeutic Advances in Endocrinology. 2021;12:204201882098022.

32. Ober SK, Watts S, Lawrence RH. Insulin use in elderly diabetic patients. Clinical Interventions in Aging. 2006;1:107–13.

33. Lee WC, Balu S, Cobden D, Joshi AV, Pashos CL. Medication adherence and the associated health-economic impact among patients with type 2 diabetes mellitus converting to insulin pen therapy: An analysis of third-party managed care claims data. Clinical Therapeutics. 2006;28:1712–25.

34. Pollack MF, Purayidathil FW, Bolge SC, Williams SA. Patient-reported tolerability issues with oral antidiabetic agents: Associations with adherence; treatment satisfaction and health-related quality of life. Diabetes Research and Clinical Practice. 2010;87:204–10.

35. Gadgade A, B. S, Kotinatiot BC, C. CA. Drug utilization pattern in type II diabetes mellitus patients attending non-communicable disease clinic in a tertiary care hospital. Int J Basic Clin Pharmacol. 2019;8:539.

36. Orlando V, Guerriero F, Putignano D, M. Monetti V, U. Tari D, Farina G, et al. Prescription Patterns of Antidiabetic Treatment in the Elderly. Results from Southern Italy. CDR. 2015;12:100–6.

37. Hutchins V, Zhang B, Fleurence RL, Krishnarajah G, Graham J. A systematic review of adherence, treatment satisfaction and costs, in fixed-dose combination regimens in type 2 diabetes. Current Medical Research and Opinion. 2011;27:1157–68.

38. Bagonza J, Rutebemberwa E, Bazeyo W. Adherence to anti diabetic medication among patients with diabetes in eastern Uganda; a cross sectional study. BMC Health Serv Res. 2015;15:168.

39. Lunati ME, Cimino V, Gandolfi A, Trevisan M, Montefusco L, Pastore I, et al. SGLT2-inhibitors are effective and safe in the elderly: The SOLD study. Pharmacological Research. 2022;183:106396.

40. Mearns ES, Sobieraj DM, White CM, Saulsberry WJ, Kohn CG, Doleh Y, et al. Comparative Efficacy and Safety of Antidiabetic Drug Regimens Added to Metformin Monotherapy in Patients with Type 2 Diabetes: A Network Meta-Analysis. Wu W-CH, editor. PLoS ONE. 2015;10:e0125879.

41. Peng Y, Chen S, Liu X, Sun Q. Efficacy of different antidiabetic drugs based on metformin in the treatment of type 2 diabetes mellitus: A network meta-analysis involving eight eligible randomized-controlled trials. Journal Cellular Physiology. 2019;234:2795–806.

42. American Diabetes Association. 6. Glycemic Targets: *Standards of Medical Care in Diabetes—2019*. Diabetes Care. 2019;42:S61–70.

43. Chamberlain JJ, Rhinehart AS, Shaefer CF, Neuman A. Diagnosis and Management of Diabetes: Synopsis of the 2016 American Diabetes Association Standards of Medical Care in Diabetes. Ann Intern Med. 2016;164:542.

44. Van Den Boom L, Kaiser M, Kostev K. Prevalence of insulin as a first-line therapy and associated factors in people with type 2 diabetes in German primary care practices. Diabet Med. 2020;37:1333–9.

45. Lebovitz HE. Insulin: Potential Negative Consequences of Early Routine Use in Patients With Type 2 Diabetes. Diabetes Care. 2011;34:S225–30.

46. Piera-Mardemootoo C, Lambert P, Faillie J-L. Efficacy of metformin on glycemic control and weight in drug-naive type 2 diabetes mellitus patients: A systematic review and meta-analysis of placebo-controlled randomized trials. Therapies. 2021;76:647–56.

47. Hostalek U, Gwilt M, Hildemann S. Therapeutic Use of Metformin in Prediabetes and Diabetes Prevention. Drugs. 2015;75:1071–94.

48. Sola D, Rossi L, Schianca GPC, Maffioli P, Bigliocca M, Mella R, et al. State of the art paper Sulfonylureas and their use in clinical practice. aoms. 2015;4:840–8.

49. Rao AD, Kuhadiya N, Reynolds K, Fonseca VA. Is the Combination of Sulfonylureas and Metformin Associated With an Increased Risk of Cardiovascular Disease or All-Cause Mortality? Diabetes Care. 2008;31:1672–8.

50. Schramm TK, Gislason GH, Vaag A, Rasmussen JN, Folke F, Hansen ML, et al. Mortality and cardiovascular risk associated with different insulin secretagogues compared with metformin in type 2 diabetes, with or without a previous myocardial infarction: a nationwide study. European Heart Journal. 2011;32:1900–8.

51. Pop LM, Lingvay I. The Infamous, Famous Sulfonylureas and Cardiovascular Safety: Much Ado About Nothing? Curr Diab Rep. 2017;17:124.

52. Chai S, Zhang R, Zhang Y, Carr RD, Zheng Y, Rajpathak S, et al. Influence of dipeptidyl peptidase-4 inhibitors on glycemic variability in patients with type 2 diabetes: A meta-analysis of randomized controlled trials. Front Endocrinol. 2022;13:935039.

53. Kang SM, Park JH. Pleiotropic Benefits of DPP-4 Inhibitors Beyond Glycemic Control. Clin Med Insights Endocrinol Diabetes. 2021;14:117955142110516.

54. Nauck MA, Quast DR, Wefers J, Meier JJ. GLP-1 receptor agonists in the treatment of type 2 diabetes – state-of-the-art. Molecular Metabolism. 2021;46:101102.

55. Rowlands J, Heng J, Newsholme P, Carlessi R. Pleiotropic Effects of GLP-1 and Analogs on Cell Signaling, Metabolism, and Function. Front Endocrinol. 2018;9:672.

56. Pirklbauer M, Schupart R, Fuchs L, Staudinger P, Corazza U, Sallaberger S, et al. Unraveling reno-protective effects of SGLT2 inhibition in human proximal tubular cells. American Journal of Physiology-Renal Physiology. 2019;316:F449–62.

57. Ni L, Yuan C, Chen G, Zhang C, Wu X. SGLT2i: beyond the glucose-lowering effect. Cardiovasc Diabetol. 2020;19:98.

58. Unnikrishnan R, Anjana RM, Deepa M, Pradeepa R, Joshi SR, Bhansali A, et al. Glycemic Control Among Individuals with Self-Reported Diabetes in India—The ICMR–INDIAB Study. Diabetes Technology & Therapeutics. 2014;16:596–603.

59. Gebrie D, Manyazewal T, Ejigu DA, Makonnen E. Metformin-Insulin versus Metformin-Sulfonylurea Combination Therapies in Type 2 Diabetes: A Comparative Study of Glycemic Control and Risk of Cardiovascular Diseases in Addis Ababa, Ethiopia. DMSO. 2021;Volume 14:3345–59.

60. Ling S, Zaccardi F, Lawson C, Seidu SI, Davies MJ, Khunti K. Glucose Control, Sulfonylureas, and Insulin Treatment in Elderly People With Type 2 Diabetes and Risk of Severe Hypoglycemia and Death: An Observational Study. Diabetes Care. 2021;44:915–24.

61. Vedantam D, Poman DS, Motwani L, Asif N, Patel A, Anne KK. Stress-Induced Hyperglycemia: Consequences and Management. Cureus [Internet]. 2022 [cited 2022 Nov 5]; Available from: https://www.cureus.com/articles/100945-stress-induced-hyperglycemia-consequences-and-management

62. Xiu F, Stanojcic M, Diao L, Jeschke MG. Stress Hyperglycemia, Insulin Treatment, and Innate Immune Cells. International Journal of Endocrinology. 2014;2014:1–9.

Chapter 5

Acute Kidney Injury and Electrolyte Imbalances Caused by Dapagliflozin Short-Term Use

5.1. Introduction

Beyond its benefits in glycemic control, dapagliflozin has demonstrated substantial CV and renal benefits, including reductions in HF hospitalizations, MACE, and progression of CKD across diabetic and non-diabetic populations. Despite these therapeutic advantages, uncertainties remain regarding the short-term impact of SGLT2i on urinary sodium handling and electrolyte homeostasis, particularly in patients with CKD, who are inherently predisposed to hydroelectrolytic disturbances such as hyponatremia and hyperkalemia. Concomitant therapies, including ACEi, ARBs, and diuretics may further increase the risk of electrolyte imbalance or AKI. Given these concerns, real-world evidence on the early renal and electrolyte effects of dapagliflozin in hospitalized patients is still limited [1-3].

This study evaluates the short-term influence of dapagliflozin on renal function and electrolyte balance in inpatients receiving the drug for the first time, and compares these findings with adverse drug reaction patterns reported in the EV database. The aim is to generate clinically relevant insights to inform therapeutic decision-making and optimize patient outcomes.

5.2. Materials and Methods

5.2.1. Study Design and Sampling

A retrospective study was conducted involving adult patients, with or without T2DM, who received their first prescription of dapagliflozin during hospitalization. Patients who had not previously taken any SGLT2i, who had taken dapagliflozin for a minimum of 5 consecutive days, and for whom the bioanalytical parameters under study were available, were included.

The study period encompassed 23 months, from 1 September 2021 to 31 July 2023, at the LHUG and 30 months, from 1 January 2021 to 30 June 2023, at the LHUCB. Ethics approval was obtained from the Ethics Committee of the LHUG (SFTSS-REQ-22021; approval date: 3 April 2023) and the LHUCB (35/2023; approval date: 29 May 2023), as well as formal authorization by the Institution's Board of Directors. Patient consent was waived, as the Ethics Committees of the LHUG and LHUCB deemed it unnecessary for this retrospective study.

Therefore, the inclusion criteria were as follows:

- ✓ age ≥ 18 years;
- ✓ patients (with or withoutT2DM) who had never taken an SGLT2i;
- ✓ patients who took dapagliflozin for the first time for at least 5 consecutive days during the period of hospitalization;
- ✓ patients for whom the bioanalytical parameters under study (blood glucose, creatinine, sodium, and potassium levels) were available both before dapagliflozin prescription (baseline) and 5 to 8 days after prescription (endpoint).

To estimate the prevalence of short-term renal dysfunction and electrolyte imbalance among the patients receiving dapagliflozin, with a 95% confidence level and 5% precision, and assuming an expected prevalence of 20% (derived from a pilot study conducted by the researchers and which included 124 patients), a sample size of 246 patients was determined to be necessary.

5.2.2. Data Collection

The patients' data were retrieved from the GHAF®, SClinico®, and Modulab® hospital platforms (accessed between 24 March 2023 and 4 August 2023) for the Local Health Unit of Guarda. Similarly, data were gathered from the Glintt®—Integrated Management System of the Medicine Circuit and SClinico® hospital platforms (accessed from 24 June 2023 to 30 June 2023) for the Local Unit Health of Cova da Beira.

The following variables were analyzed:

- ✓ Age and gender;
- ✓ Medical history: T2DM, HBP, HF, and CKD;
- ✓ Blood glycemia, creatinine, sodium, and potassium levels [both before dapagliflozin prescription (baseline) and 5 to 8 days after prescription (endpoint)]. The exact endpoint day (between day 5 and day 8 after dapagliflozin prescription) was determined following the KDIGO guidelines, which define AKI as an abrupt decrease in kidney function occurring within 7 days [4]. Due to limitations in data availability, most of the hospitalized patients did not have analytical parameters available daily or on weekends.
- ✓ Concomitant medication: furosemide, spironolactone, ACEis, ARBs, and potassium supplementation.

Additionally, ICSRs data were obtained from the EV database, accessed at www.adrreports.eu (accessed on 7 February 2024):

I. Qualitative and quantitative analyses of the main outcomes of the ICSRs were conducted from 1 January to 31 December, 2023;

II. The information collected included sex, age group, outcomes, number of AKIs, hyponatremia, and hypokalemia events per ICSR, as well as reported concomitant medications (furosemide, ACEi, ARBs, or spironolactone)

5.2.3. Statistical Analysis

The statistical analysis was performed using IBM SPSS statistics 28 (IBM, Armonk, NY, USA). The categorical variables were described using absolute and relative frequencies (percentages). A Wilcoxon signed-rank test, Pearson's chi-square test, and Fisher's exact test were used, with a statistical significance level set at 5% ($p < 0.05$).

5.3. Results

5.3.1. Sample Characterization

A cohort of 246 patients was analyzed for short-term effects of dapagliflozin (Figure 5.1).

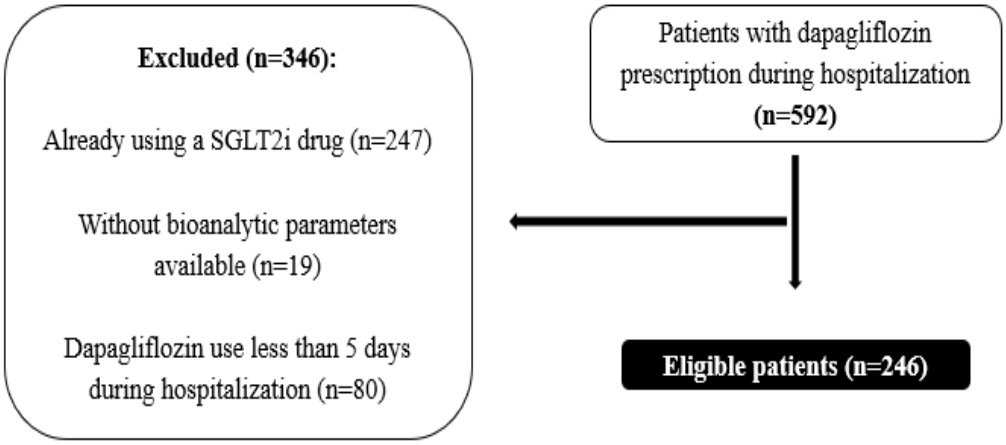


Figure 5.1. Sample selection

Comorbidities included a previous diagnosis of T2DM in 149 patients (60.6%), HBP in 185 (75.2%), HF in 114 (46.3%), and CKD in 64 (26.0%) (Table 5.1). Notably, 174 patients (70.7%) were concomitantly using furosemide, 94 (39.2%) spironolactone, 88 (35.8%) an ACEi, 86 (35.0%) an ARB, and 77 (31.7%) received potassium supplementation (Table 5.1).

Table 5.1. Sample characterization

Age (Mean ± Std)	**78.70 ± 10.72**
Comorbidities	
Type 2 diabetes mellitus	149 (60.6%)
High blood pressure	185 (75.2%)
Heart failure	114 (46.3%)
Chronic kidney disease	64 (26.0%)
Concomitant medication	
Furosemide	174 (70.7%)
Spironolactone	94 (38.2%)
Angiotensin-converting enzyme inhibitors	88 (35.8%)
Angiotensin receptor blockers	86 (35.0%)
Potassium supplementation	77 (31.7%)

5.3.2. Effects of Dapagliflozin on Renal Function

AKI occurred in 22.4% of cases, with higher blood creatinine levels at the endpoint compared to baseline (p=0.0001). Electrolyte imbalances included increased hyperkalemia and hyponatremia prevalence. Table 5.2 presents these findings.

Table 5.2. Blood creatinine levels and acute kidney injury (n= 246)

Blood creatinine (mg/dL)	Mean ± std	Min-Max	*p*-value
baseline	1.26 ± 0.59	0.49-4.18	0.0001[3]
endpoint	1.39 ± 0.77	0.39-6.55	
Creatinine increase ≥ 0.3 mg/dL (n=55)			
Gender	**Male**	28 (50.9%)	0.878[1]
	Female	27 (49.1%)	
Age (years)	**< 65**	4 (7.3%)	0.232[1]
	65-75	8 (14.5%)	
	76-85	22 (40.0%)	
	> 85	21 (38.2%)	

[1]Pearson's chi-square test
[3]Wilcoxon signed-rank test

5.3.3. Effects of Dapagliflozin on Electrolyte Balance

Blood sodium levels were significantly higher before dapagliflozin administration (mean rank = 117.36) than at the endpoint (mean rank = 107.55), (p=0.0009) as well as the percentage of patients with hyponatremia at the endpoint (p=0.0146) (Table 5.3). Conversely, blood potassium levels were significantly lower before dapagliflozin administration (mean rank = 98.64) than at the endpoint (mean rank = 127.82) (p<0.0001) as well as the percentage of patients with hyperkalemia at the endpoint (p=0.0002) (Table 5.4).

The use of furosemide did not show a statistically significant association with the occurrence of hyponatremia at the endpoint (p=0.089). Regarding hyperkalemia occurrence at the endpoint, there was no statistically significant association found with potassium supplementation (p=0.243), ACEis (p=0.096), or spironolactone administration (p=0.149). However, a statistically significant association was observed with the administration of ARBs and hyperkalemia occurrence (p=0.017) (Table 5.4).

Table 5.3. Blood sodium levels at baseline and at the endpoint (n=246)

Blood sodium (mEq/L)	Mean ± std				Min-Max	*p*-value
Baseline	139.05 ± 4.52				119-158	0.0009[3]
Endpoint	138.48 ± 5.36				115-161	
	Baseline (n; %)	T2DM (n; %)	HBP (n; %)	HF (n; %)	CKD (n; %)	
<135	25 (10.2%)	12 (4.9%)	20 (8.1%)	9 (3.7%)	11 (4.5%)	0.0146[1]
135-145	213 (86.6%)	133 (54.1%)	161 (65.4%)	102 (41.5%)	51 (20.7)	
>145	8 (3.3%)	4 (1.6%)	4 (1.6%)	3 (1.2%)	2 (0.8%)	
	Endpoint (n; %)					
<135	43 (17.5%)	26 (10.6%)	32 (13.0%)	26 (10.6%)	14 (5.7%)	
135-145	188 (76.4%)	112 (45.5%)	140 (56.9%)	83 (37.3%)	47 (19.1%)	
>145	15 (6.1%)	11 (4.5%)	13 (5.3%)	5 (2.0%)	3 (1.2%)	

[1]Pearson's chi-square test
[3]Wilcoxon signed-rank test

Table 5.4. Blood potassium levels at baseline and at the endpoint (n=246)

Blood potassium (mmol/L)	Mean ± std	Min-Max	*p*-value
baseline	4.19 ± 0.60	2.5-6.2	
endpoint	4.44 ± 0.62	2.8-6.4	<0.0001[3]

	Baseline (n; %)	T2DM (n; %)	HBP (n; %)	HF (n; %)	CKD (n; %)	
<3.5	28 (11.4%)	13 (5.3%)	24 (9.8%)	14 (5.7%)	4 (1.6%)	
3.5-5.0	196 (79.7%)	125 (50.8%)	144 (58.5%)	92 (37.4%)	55 (22.4%)	
>5.0	22 (8.9%)	11 (4.5%)	17 (6.9%)	8 (3.3%)	5 (2.0%)	
	Endpoint (n; %)					0.0002[1]
<3.5	8 (3.3%)	4 (1.6%)	5 (2.0%)	3 (1.2%)	1 (0.4%)	
3.5-5.0	197 (80.1%)	16 (51.2%)	149 (60.6%)	96 (39.0%)	50 (20.3%)	
>5.0	41 (16.7%)	19 (7.7%)	31 (12.6%)	15 (6.1%)	13 (5.3%)	
Blood potassium at the endpoint	**≤5 mmol/L (n; %)**	**>5 mmol/L (n; %)**				
Potassium supplementation	61 (79.2%)	16 (20.8%)				0.243[1]
ACEi	78 (88.6%)	10 (11.4%)				0.096[1]
ARB	65 (75.6%)	21 (24.4%)				0.017[1]
Spironolactone	74 (78.7%)	20 (21.3%)				0.149[1]

[1]Pearson's chi-square test
[3]Wilcoxon signed-rank test

5.3.4. Comparisons with Adverse Drug Reaction Profiles Reported in the EudraVigilance Database

From January 1, 2023, to December 31, 2023, a total of 2666 ICSRs have been reported based on suspicion of dapagliflozin use. Of these, 1517 (56.9%) were reported for male patients, 1033 (38.7%) for female patients, and 116 (4.4%) did not specify sex. The age distribution indicated that 1017 cases (38.1%) were in the age group 65–85 years, 612 (23.0%) were in the age group 18-64 years, 199 (6.5%) in the age group >85 years, and 833 (31.2%) had no specified age group. Among the reported cases, 1425 (53.5%) were for the treatment of Diabetes Mellitus, 237 (8.9%) for CKD, and 502 (18.9%) for HF (Table 5.5).

Regarding the most reported by system organ classes, 394 cases (14.8%) were related to Renal and Urinary disorders, 126 (4.7%) to Cardiac disorders, 314 (11.8%) to Gastrointestinal disorders, and 595 (22.3%) to Infections (Table 5.5).

Statistical analysis revealed no statistically significant difference between concomitant use of furosemide and AKI (p=0.770) or hyponatremia (p=0.066), nor between concomitant use of ACEis (p=0.335) or ARBs (p=1.000) and hyperkaliemia. However, there was a statistically significant difference between concomitant use of spironolactone and hyperkaliemia (p=0.002) (Table 5.5).

Table 5.5. Individual Cases Safety Reports Analysis from 1 January 2023 to 31 December 2023

Individual Case Safety Reports	**2666 (100%)**
Sex	
Male	1517 (56.9%)
Female	1033 (38.7%)
Not Specified	116 (4.4%)
Age group	
16-64	612 (23.0%)
65-85	1017 (38.1%)
>85	199 (7.5%)
Not specified	838 (31.4%)

		Use		
Individual cases reported by system organ classes	**Total**	**Chronic Kidney Disease** 237 (8.9%)	**Diabetes Mellitus** 1425 (53.5%)	**Heart Failure** 502 (18.9%)
Renal and urinary disorders	394 (14.8%)	53 (13.5%)	226 (57.4%)	113 (28.7%)
Cardiac disorders	126 (4.7%)	6 (4.8%)	41 (32.5%)	46 (36.5%)
Gastrointestinal disorders	314 (11.8%)	25 (8.0%)	137 (43.6%)	56 (17.8%)
Infections	595 (22.3%)	33 (5.5%)	303 (50.9%)	122 (20.5%)

Concomitant Drug/Adverse Drug Reaction				
	Acute Kidney Injury (n=98)	***p*-value**	**Hyponatremia (n=21)**	***p*-value**
Furosemide (n=120)	5 (4.2%)	0.770[1]	3 (2.5%)	0.066[2]
	Hyperkaliemia (n=17)		***p*-value**	
Spironolactone (n=89)	4 (4.5%)		0.002[2]	
ACEi (n=186)	2 (1.1%)		0.335[2]	
ARA (n=364)	2 (0.5%)		1.000[2]	

[1] Pearson's Chi-Square

[2] Fisher's exact test

5.4. Discussion

Studies have consistently shown that dapagliflozin improves glycemic control in T2DM patients. This study supports these findings, demonstrating a significant reduction in blood glucose levels within the first 5 to 8 days of dapagliflozin administration. While the glucose-lowering effect can start after a single dose, its clinical significance may take up to a week to become apparent [5].

Observational studies have reinforced the findings from placebo-controlled clinical trials, showing a decrease in AKI episodes among T2DM patients treated with SGLT2i compared to alternative glucose-lowering therapies [6,7]. SGLT2i are increasingly prescribed to non-diabetic patients with CKD due to their ability to slow renal function decline by reducing glomerular hypertension, regardless of their effect on blood glucose levels [8,9].

Dapagliflozin demonstrated rapid glycemic control in T2DM patients. However, its use was associated with transient declines in eGFR and increased risks of AKI and electrolyte imbalances, particularly hyperkalemia and hyponatremia. These findings emphasize the need for careful renal function monitoring, especially in vulnerable populations.

SGLT2i initiation typically leads to an initial decline in eGFR, followed by partial recovery over time [10,11]. These initial dips in eGFR are usually seen 2-4 weeks after starting SGLT2i, with partial recovery by week 12 [12–14]. Some researchers suggest that modest reductions in eGFR should not lead to SGLT2i treatment discontinuation [15].

SGLT2i exert significant effects on sodium and glucose reabsorption in the proximal tubules, increasing renal glucose and sodium excretion [16]. It showed a decrease in blood sodium levels following dapagliflozin administration, likely due to enhanced renal sodium excretion, highlighting the importance of monitoring natremia to prevent neurological complications. Previous studies have suggested that SGLT2i use may cause transient reductions in extracellular fluid volume [16–19]. Interestingly, concomitant use of furosemide did not appear to exacerbate hyponatremia.

SGLT2i have also been associated with a lower risk of severe hyperkalemia in high-risk T2DM patients or those with CKD, without increasing the risk of hypokalemia [20–23]. However, a higher incidence of hyperkalemia was observed at the endpoint, highlighting the need for careful potassium monitoring, particularly in patients receiving concurrent ARBs.

Despite the limitations of this study, including its retrospective design and limited sample size, the real-world data provide important insights into the clinical implications of dapagliflozin therapy. By capturing data from routine clinical practice, this study aimed to bridge the gap between controlled clinical trials and everyday patient care, thereby supporting evidence-based decision-making and enhancing diabetes management.

5.5. Main Conclusions

- ✓ This retrospective analysis offers important insights into the short-term effects of dapagliflozin on renal function and electrolyte homeostasis in patients with T2DM.
- ✓ Dapagliflozin rapidly lowered blood glucose levels within the first days of treatment, highlighting its effectiveness as a fast-acting antidiabetic agent.
- ✓ A significant post-treatment increase in serum creatinine was observed, indicating the need for vigilant renal function monitoring, particularly during the first weeks of dapagliflozin initiation.
- ✓ Electrolyte disturbances (hyponatremia and hyperkalemia) were common among treated patients, underscoring the necessity of routine electrolyte evaluation and individualized risk-mitigation strategies.

5.6. References

1. Das, S.R.; Everett, B.M.; Birtcher, K.K.; Brown, J.M.; Januzzi, J.L.; Kalyani, R.R.; Kosiborod, M.; Magwire, M.; Morris, P.B.; Neumiller, J.J.; et al. 2020 Expert Consensus Decision Pathway on Novel Therapies for Cardiovascular Risk Reduction in Patients with Type 2 Diabetes. J. Am. Coll. Cardiol. 2020, 76, 1117–1145.

2. Kurata, Y.; Nangaku, M. Dapagliflozin for the treatment of chronic kidney disease. Expert. Rev. Endocrinol. Metab. 2022, 17, 275–291.

3. Filippatos TD, Tsimihodimos V, Liamis G, Elisaf MS. SGLT2 inhibitors-induced electrolyte abnormalities: An analysis of the associated mechanisms. Diabetes Metab Syndr. 2018 Jan-Mar;12(1):59-63. doi: 10.1016/j.dsx.2017.08.003. Epub 2017 Aug 11. PMID: 28826578.

4. Levey AS, Eckardt K-U, Tsukamoto Y, Levin A, Coresh J, Rossert J, et al. Definition and classification of chronic kidney disease: A position statement from Kidney Disease: Improving Global Outcomes (KDIGO). Kidney International. 2005;67:2089–100.

5. Dapagliflozin (Forxiga) [Internet]. [cited 2024 Dec 10]. Available from: https://www.nhs.uk/medicines/dapagliflozin/

6. Sridhar VS, Tuttle KR, Cherney DZI. We Can Finally Stop Worrying About SGLT2 Inhibitors and Acute Kidney Injury. American Journal of Kidney Diseases. 2020;76:454–6.

7. Wang X, He M, Jin D, Sun C, Lu H. Effect of SGLT-2 inhibitors on acute kidney injury in patients with heart failure: a systematic review and meta-analysis. Diabetol Metab Syndr. 2024;16:207.

8. Delanaye P, Scheen AJ. Epidemiology of acute kidney injury adverse events with SGLT2 inhibitors: A meta-analysis of observational cohort studies. Diabetes Epidemiology and Management. 2021;3:100021.

9. Bailey CJ, Day C, Bellary S. Renal Protection with SGLT2 Inhibitors: Effects in Acute and Chronic Kidney Disease. Curr Diab Rep. 2022;22:39–52.

10. Yau K, Dharia A, Alrowiyti I, Cherney DZI. Prescribing SGLT2 Inhibitors in Patients With CKD: Expanding Indications and Practical Considerations. Kidney International Reports. 2022;7:1463–76.

11. Adamson C, Docherty KF, Heerspink HJL, De Boer RA, Damman K, Inzucchi SE, et al. Initial Decline (Dip) in Estimated Glomerular Filtration Rate After Initiation of Dapagliflozin in Patients With Heart Failure and Reduced Ejection Fraction: Insights From DAPA-HF. Circulation. 2022;146:438–49.

12. Packer M, Anker SD, Butler J, Filippatos G, Pocock SJ, Carson P, et al. Cardiovascular and Renal Outcomes with Empagliflozin in Heart Failure. N Engl J Med. 2020;383:1413–24.

13. Heerspink HJL, Stefánsson BV, Correa-Rotter R, Chertow GM, Greene T, Hou F-F, et al. Dapagliflozin in Patients with Chronic Kidney Disease. N Engl J Med. 2020;383:1436–46.

14. Meraz-Muñoz AY, Weinstein J, Wald R. eGFR Decline after SGLT2 Inhibitor Initiation: The Tortoise and the Hare Reimagined. Kidney360. 2021;2:1042–7.

15. Wilcox CS. Antihypertensive and Renal Mechanisms of SGLT2 (Sodium-Glucose Linked Transporter 2) Inhibitors. Hypertension. 2020;75:894–901.

16. Schork A, Saynisch J, Vosseler A, Jaghutriz BA, Heyne N, Peter A, et al. Effect of SGLT2 inhibitors on body composition, fluid status and renin–angiotensin–aldosterone system in type 2 diabetes: a prospective study using bioimpedance spectroscopy. Cardiovasc Diabetol. 2019;18:46.

17. Ohara K, Masuda T, Morinari M, Okada M, Miki A, Nakagawa S, et al. The extracellular volume status predicts body fluid response to SGLT2 inhibitor dapagliflozin in diabetic kidney disease. Diabetol Metab Syndr. 2020;12:37.

18. Gankam Kengne F, Decaux G. Hyponatremia and the Brain. Kidney International Reports. 2018;3:24–35.

19. Bradshaw K, Smith M. Disorders of sodium balance after brain injury. Continuing Education in Anaesthesia Critical Care & Pain. 2008;8:129–33.

20. Neuen BL, Oshima M, Agarwal R, Arnott C, Cherney DZ, Edwards R, et al. Sodium-Glucose Cotransporter 2 Inhibitors and Risk of Hyperkalemia in People With Type 2 Diabetes: A Meta-Analysis of Individual Participant Data From Randomized, Controlled Trials. Circulation. 2022;145:1460–70.

21. Serenelli M, Böhm M, Inzucchi SE, Køber L, Kosiborod MN, Martinez FA, et al. Effect of dapagliflozin according to baseline systolic blood pressure in the Dapagliflozin and Prevention of Adverse Outcomes in Heart Failure trial (DAPA-HF). European Heart Journal. 2020;41:3402–18.

22. Beusekamp JC, Tromp J, Boorsma EM, Heerspink HJL, Damman K, Voors AA, et al. Effects of sodium–glucose co-transporter 2 inhibition with empagliflozin on potassium handling in patients with acute heart failure. European J of Heart Fail. 2021;23:1049–52.

23. Provenzano M, Jongs N, Vart P, Stefánsson BV, Chertow GM, Langkilde AM, et al. The Kidney Protective Effects of the Sodium–Glucose Cotransporter-2 Inhibitor, Dapagliflozin, Are Present in Patients With CKD Treated With Mineralocorticoid Receptor Antagonists. Kidney International Reports. 2022;7:436–43.

Chapter 6

SGLT2i and GLP1RA effects in patients followed in a hospital diabetology consultation

6.1. Introduction

Beyond glucose regulation, both SGLT2i and GLP1RA have demonstrated beneficial effects on common T2DM-associated complications, including HF, CKD, obesity, and hepatic steatosis. Large-scale trials have confirmed the renal-protective and CV benefits of SGLT2i, particularly in patients with HFrEF, leading to guideline endorsements by major cardiology societies. GLP1RA additionally provide favorable effects on body weight, lipid profiles, and liver steatosis, although their long-term CV and renal outcomes in real-world populations require further study [1-3].

While clinical trials establish efficacy under controlled conditions, real-world studies are critical to evaluate performance in heterogeneous patient populations, often with multiple comorbidities. This study investigates the real-world effectiveness of SGLT2i and GLP1RA in T2DM patients followed in a hospital diabetology consultation, assessing impacts on renal function, CV risk, weight, and glycemic control over one year. Outcomes are compared with adverse event reports from the EV database to provide a comprehensive assessment of safety and therapeutic value in routine clinical practice.

6.2. Materials and Methods

6.2.1. Study Design and Sampling

This was a retrospective observational study conducted at the hospital diabetology consultation service of the LHUG, Portugal, between 1 January 2020, and 31 December 2022. The study aimed to evaluate the pharmacotherapeutic effects of SGLT2i and GLP1RA in patients with T2DM over a one-year period. Ethics approval was granted by the Ethics Committee of the LHUG (Approval Reference: SFTSS-REQ-22022), as well as formal authorization by the Institution's Board of Directors. Patient consent was waived, as the Ethics Committee of the LHUG deemed it unnecessary for this retrospective study.

6.2.2. Sample size calculation

The minimum required sample size was calculated to ensure that the results were statistically significant with a 95% confidence level and a 5% margin of error. Given a population of 1,707 patients receiving care at the hospital diabetology consultation, we used the sample size formula for finite populations. This calculation yielded a minimum sample size of 314 patients.

6.2.3. Inclusion criteria

- Diagnosis of T2DM;
- Antidiabetic pharmacotherapeutic regimen unchanged during the analysis period;
- Availability of complete baseline and follow-up data for parameters, including eGFR, glycated hemoglobin (HbA1c), blood sodium and potassium levels, weight, and CV risk scores.

6.2.4. Exclusion criteria

- Patients with less than one year of follow-up data (±2 months);
- Patients with incomplete or inconsistent information on pharmacotherapeutic regimens;
- Presence of gestational diabetes or type 1 diabetes mellitus;
- Patients with missing bioanalytical parameters at baseline or follow-up.

6.2.5. Data collection

Data were extracted from the hospital's SClinico® and Modulab® electronic health record systems between 8 April 2023, and 12 May 2023. The following variables were collected at baseline and one year later:

- ✓ Demographic variables: Age and gender;
- ✓ Pharmacotherapy: Antidiabetic medications, including SGLT2i, GLP1RA, insulin, metformin, DPP4i, sulfonylureas, and thiazolidinediones;
- ✓ Bioanalytical parameters: HbA1c, serum creatinine, sodium, potassium, total cholesterol, LDL cholesterol, HDL cholesterol;
- ✓ Anthropometric data: Weight and body mass index (BMI);
- ✓ Hemodynamic data: Systolic and diastolic blood pressure;
- ✓ Renal function: eGFR, calculated using CKD-EPI formula;
- ✓ CV risk: Estimated 10-year CV risk was calculated using the European Society of Cardiology's HeartScore® tool, adapted for the Portuguese population.

6.2.6. Statistical analysis

All statistical analyses were performed using IBM SPSS Statistics 28 (IBM Corp., Armonk, NY, U.S.A.).

Descriptive Statistics: Continuous variables were summarized as means and standard deviations (SD). Categorical variables were presented as absolute and relative frequencies (percentages).

Comparative Analysis:

● The Wilcoxon signed-rank test and paired samples t-test were used to compare continuous variables between baseline and endpoint, depending on the data distribution;
● The Pearson chi-square test was applied to assess associations between categorical variables;
● A statistical significance level of $p < 0.05$ was considered for all analyses.

6.2.7. eGFR calculation

Renal function at baseline and endpoint was evaluated by calculating the eGFR using the eGFR-App® (eGFR Calculator) based on the CKD-EPI 2021 equation. Patients with baseline eGFR values of less than 60 mL/min/1.73 m2 were classified as having CKD [4]. Changes in eGFR over the study period were compared between patients treated with SGLT2i and those not receiving these agents.

6.2.8. Cardiovascular risk calculation

CV risk was assessed using the HeartScore® tool, which estimates the 10-year risk of fatal and non-fatal CV events. The tool is based on the SCORE2 algorithm and was used to

calculate CV risk at baseline and endpoint, with a focus on the effects of SGLT2i and GLP1RA treatments on these outcomes

6.2.9. Individual Case Safety Reports from EV database

In addition to evaluating clinical outcomes, safety data were obtained from the EV database. ICSRs for SGLT2i (e.g. Jardiance®, Forxiga®), GLP1RA (e.g. Ozempic®, Victoza®), DPP4i (e.g. Januvia®), metformin, and long-acting insulins (e.g. Lantus®, Levemir®) were analyzed from 1 January 2021, to 31 December 2023. Reported adverse events of interest included AKI, AMI, and cerebrovascular accidents. Pearson's chi-square test was used to assess differences in adverse event incidence between treatments.

6.3. Results

6.3.1. Sample selection

Initially, a total of 1707 patients were identified for potential inclusion in the study. Following the application of the exclusion criteria (illustrated in Figure 6.1), 607 patients were included in the final analysis. The reasons for exclusion included: a follow-up period in consultation of less than 1 year (±2 months) (n=39), incomplete information on biochemical parameters during the analysis period (n=126), incomplete or unclear information regarding the patients' pharmacotherapeutic regimen (n=70), as well as cases of gestational diabetes (n=18) and type 1 diabetes mellitus (n=14). After randomization and selection, the final sample included 340 patients.

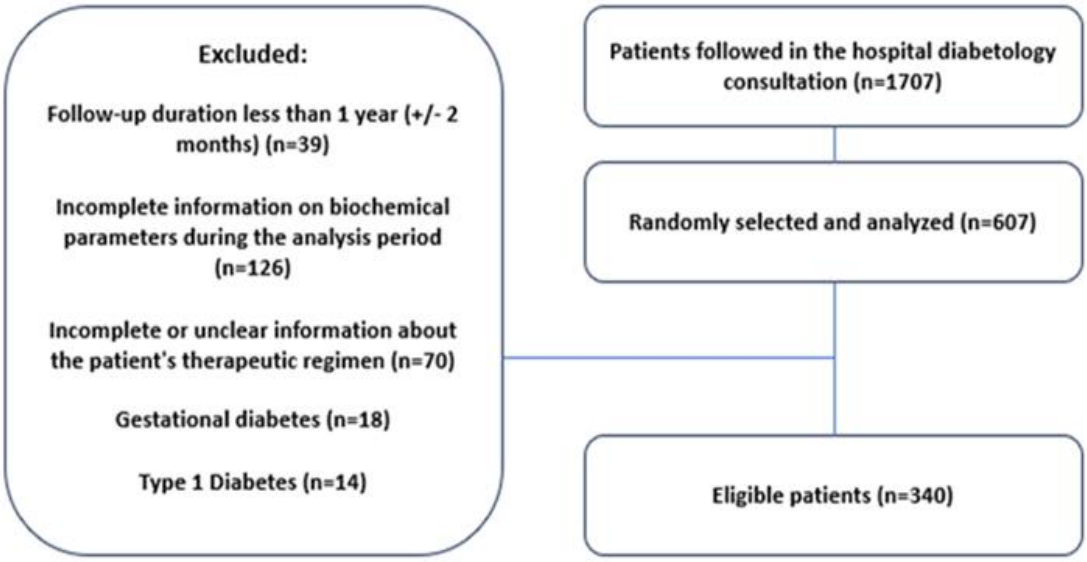


Figure 6.1. Sample selection

6.3.2. Sample characterization

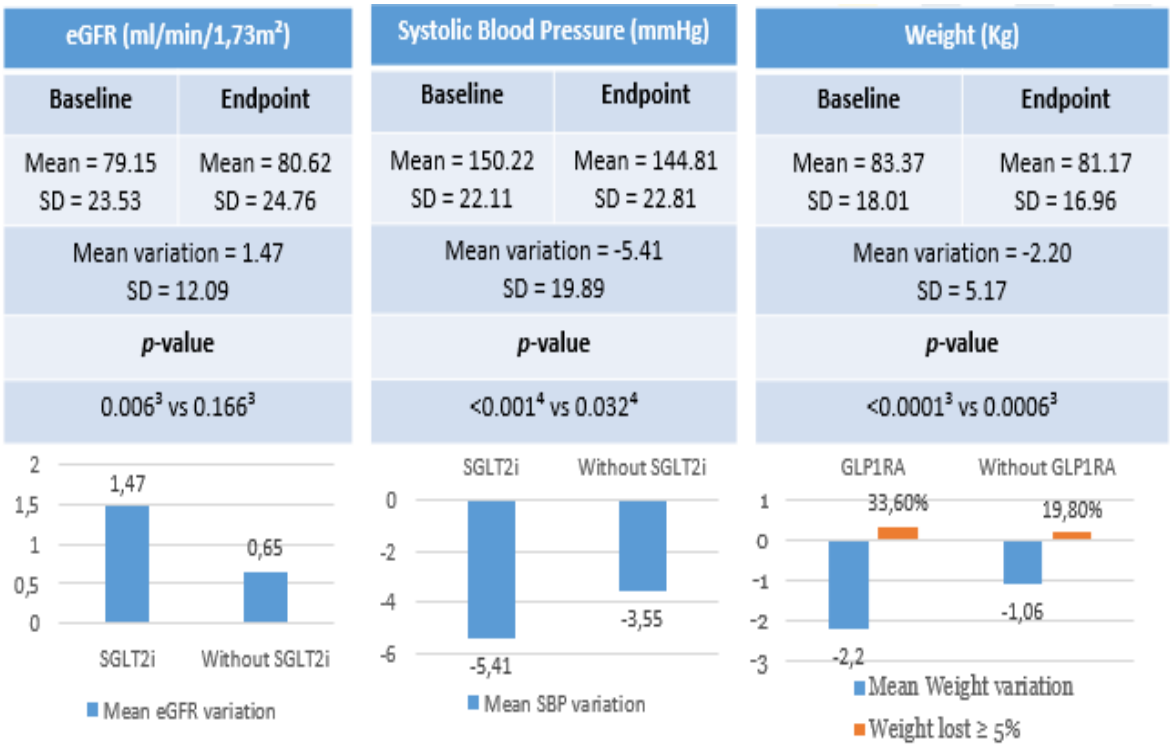
Among 340 patients analyzed, 58.2% were treated with SGLT2i and 42.1% with GLP1RA (Table 6.1).

Table 6.1. Sample Characterization

Gender		Male (n;%)		Female (n;%)			
		165 (48.5%)		175 (51.5%)			
		Mean		Min-Max		SD	
Age		66.36		30-91		11.654	
		Baseline	Endpoint	Baseline	Endpoint	Baseline	Endpoint
HbA1c (%)		7.61	7.51	5.10-15.59	4.77-12.72	1.42	1.32
Creatinine (mg/dL)		1.08	1.10	0.53-7.54	0.55-8.12	0.60	0.74
Sodium (mmol/L)		138.96	139.23	125-145	123-149	2.76	2.80
Potassium (mmol/L)		4.67	4.67	3.5-6.0	3.5-6.7	0.43	0.47
Total cholesterol	mg/dL	155.67	154.81	60-290	73-287	36.49	36.56
HDL cholesterol	mg/dL	45.05	45.23	14-109	22-94	11.80	11.53
LDL cholesterol	mg/dL	95.14	93.50	17-225	25-220	34.18	33.23
Weight (kg)		78.72	77.90	40-141	26-140	16.36	16.49
SBP (mmHg)		151.26	147.00	96-249	78-229	21.17	22.66
DBP (mmHg)		75.14	73.60	48-106	44-101	9.78	10.40
Antidiabetic drug			Male (n;%)		Female (n;%)		Total (n;%)
SGLT2i			101 (51.0%)		97 (49.0%)		198 (58.2%)
GLP1RA			72 (50.3%)		71 (49.7%)		143 (42.1%)
Insulin			86 (45.0%)		105 (55.0%)		191 (56.2%)
Metformin			119 (49.6%)		121 (50.4%)		240 (70.6%)
DPP4i			107 (52.2%)		98 (47.8%)		205 (60.3%)
Sulfonylurea			26 (48.1%)		28 (51.9%)		54 (15.9%)
Thiazolidinedione			21 (46.7%)		24 (53.3%)		45 (13.2%)

6.3.3. SGLT2i effects on kidney function and systolic blood pressure and GLP1RA effects on weight

SGLT2i improved renal function (p=0.006) and reduced systolic blood pressure (SBP) (p=0.0002). GLP1RA was associated with significant weight loss (p<0.0001) (Figure 6.2).



³Wilcoxon signed-rank test
⁴Paired samples t- test

Figure 6.2. SGLT2i effects on kidney function and systolic blood pressure and GLP1RA effects on weight.

6.3.4. SGLT2i and GLP1 RA effects on cardiovascular risk and HbA1c

Both treatment groups showed significant reductions in CV risk scores. For patients treated with GLP1RA, CV risk scores decreased from baseline to endpoint (p=0.002). Similarly, patients treated with SGLT2i saw reductions in CV risk scores (p=0.004) (Table 6.2).

Table 6.2. GLP1RA and SGLT2i Effects on Cardiovascular Risk Scores.

	Baseline		Endpoint		*p*-value
	Mean	SD	Mean	SD	
GLP1RA (n=143)	10.59	7.05	10.08	6.94	0.002[3]
SGLT2i (n= 198)	11.36	7.57	10.94	7.39	0.004[3]
GLP1RA and SGLT2i (n=104)	10.96	7.30	10.56	7.19	0.040[3]
Without GLP1 RA and/or SGLT2i (n=103)	13.94	9.36	13.37	9.13	0.010[3]

[3]Wilcoxon signed-rank test

Among patients with baseline HbA1c ≥ 7.0% (n=212), both SGLT2i (p=0.002) and GLP1RA (p=0.010) treatments were associated with significant reductions in HbA1c levels after one year (Table 6.3).

Table 6.3. SGLT2i and GLP1RA Effects on HbA1c after 1 year of treatment

HbA1c at baseline ≥ 7.0%	**Baseline**		**Endpoint**		**mean variation**	***p*-value**
	Mean	SD	Mean	SD		
GLP1RA (n=94)	8.41	0.98	8.13	1.25	-0.28	0.010[4]
SGLT2i (n= 135)	8.21	1.15	7.91	1.20	-0.30	0.002[3]
Total (n=212)	8.36	1.27	8.05	1.31	-0.31	0.0001[3]

[3]Wilcoxon signed-rank test
[4]Paired samples t- test

6.3.5. SGLT2i effects on blood sodium and potassium levels

No significant associations were found between the use of SGLT2i and the occurrence of hyponatremia (p=0.712) or hyperkalemia (p=0.358) at the endpoint, suggesting that long-term use of SGLT2i is safe in this regard.

6.3.6. Comparisons with adverse drug reaction profiles reported in the EudraVigilance database

From 1 January 2021, to 31 December 2023, 15573 ICSRs were reported in the European EV database for SGLT2i and 16,121 for GLP1RA. The adverse events analyzed included AKI, AMI, and cerebrovascular accidents. The incidence of AMI was significantly lower for GLP1RA (0.06%, p<0.0001) compared to other treatments. Both SGLT2i and GLP1RA demonstrated a low incidence of AKI and cerebrovascular accidents (p<0.0001) (Table 6.4).

Table 6.4. Individual Cases Safety Reports analysis from 1 January 2021 to 31 December 2023.

	Total ICSRs	AKI	AMI	Cerebrovascular accident
SGLT2i	15573	375 (2.41%)	38 (0.24%)	271 (1.74%)
DPP4i	2295	15 (0.65%)	3 (0.13%)	69 (3.0%)
GLP1 RA	16121	188 (1.17%)	10 (0.06%)	208 (1.30%)
Metformin	9786	675 (6.90%)	24 (0.25%)	105 (1.07%)
Long-acting insulin	9186	19 (0.21%)	8 (0.09%)	285 (3.10%)
p-value		p<0.0001[1]	p<0.0001[1]	p<0.0001[1]

[1] Pearson's chi-square test

6.4. Discussion

This study confirmed the multifaceted benefits of SGLT2i and GLP1RA in improving renal function, blood pressure, weight, and CV risk scores. SGLT2i significantly reduced SBP and improved eGFR, while GLP1RA demonstrated superior weight reduction. Adverse events were minimal, reinforcing their safety profiles.

6.4.1. Renal function

A significant improvement in eGFR was observed in patients treated with SGLT2i. This finding is consistent with landmark trials such as the DAPA-CKD and EMPA-KIDNEY trials, which demonstrated renoprotective effects of SGLT2i in patients with CKD, independent of diabetes status [5,6]. The improvement in eGFR is particularly significant, as it suggests that SGLT2i can slow the progression of renal function decline impairment in T2DM patients [7]. However, the modest magnitude of improvement in real-world settings compared to clinical trials may reflect the complexities of patient comorbidities and variations in adherence.

6.4.2. Blood pressure reduction

Recent evidence has shown that SGLT2i can significantly improve SBP in patients with T2DM, in addition to their cardioprotective effects in patients with HF [8–11]. A significant reduction in SBP was observed in patients treated with SGLT2i, supporting previous evidence of their antihypertensive effects. SGLT2i promote natriuresis and osmotic diuresis, which contribute to reducing blood pressure [12]. These findings support previous evidence from studies which highlighted antihypertensive effects alongside CV protection. Integrating SGLT2i into treatment regimens for hypertensive patients with T2DM may thus represent a valuable strategy for reducing overall CV risk.

6.4.3. Weight reduction

The weight-reducing effects of GLP1RA were notable, with over one-third of patients achieving clinically significant weight loss (defined as ≥5% reduction). This outcome mirrors results from clinical trials, underscoring GLP1RA's dual role in managing glycemia and obesity [13,14]. GLP1RA has gained approval for the treatment of obesity, and our findings further reinforce its role in weight management in patients with T2DM [15]. Although adherence challenges in real-world settings may impact the extent of weight loss, these agents remain a cornerstone for patients with concomitant obesity and T2DM [16–19].

6.4.4. Cardiovascular risk

Both SGLT2i and GLP1RA demonstrated significant reductions in CV risk scores, reinforcing their roles as essential therapies for high-risk T2DM populations. SGLT2i were particularly effective in reducing HF hospitalizations and MACE, consistent with data from several trials [20–22]. Similarly, GLP1RA showed promise in reducing CV events, as evidenced by LEADER and SUSTAIN-6 [23,24]. These findings emphasize the importance of prioritizing these agents for patients with established CV disease or elevated CV risk factors.

6.4.5. Glycemic control (HbA1c)

Both drug classes achieved significant reductions in HbA1c, although the magnitude of improvement was slightly attenuated compared to clinical trials [25,26]. This discrepancy may stem from real-world challenges such as polypharmacy, adherence issues, and the presence of advanced comorbidities. Nevertheless, the observed reductions underscore the effectiveness of these therapies in optimizing glycemic control in routine clinical practice [27,28].

6.4.6. Safety profile and adverse events

Real-world data from the EV database confirmed the favorable safety profiles of SGLT2i and GLP1RA. Gastrointestinal side effects, particularly with GLP1RA, were the most frequently reported ADRs, highlighting the importance of gradual dose escalation and patient education [29-32]. Notably, both drug classes exhibited low incidences of AKI and CV events, further supporting their safety and effectiveness in complex patient populations [29,33]. Future research should focus on mitigating ADRs to enhance treatment adherence and outcomes.

6.4.7. Clinical implications

Integrating SGLT2i and GLP1RA into individualized treatment plans offers significant advantages beyond glycemic control, including CV risk reduction, renal protection, and weight management. However, successful implementation requires tailored approaches that account for patient-specific factors such as comorbidities, adherence, and socioeconomic barriers. These findings underscore the need for multidisciplinary strategies to optimize therapeutic outcomes and improve quality of care for patients with T2DM.

6.5. Main Conclusions

- ✓ This study provides real-world evidence supporting the effectiveness and safety of SGLT2i and GLP1RA in the management of T2DM.
- ✓ Both drug classes provided benefits beyond glycemic control, such as preservation of renal function, weight loss, and reduction of CV risk. These effects, observed in routine clinical practice, align with results from controlled clinical trials, underscoring their essential role in T2DM management.
- ✓ Analysis of adverse events from the EV database further supports the favorable safety profiles of SGLT2i and GLP1RA compared to other antidiabetic agents, particularly with lower incidences of AKI, CV events, and cerebrovascular accidents.
- ✓ Given these benefits, SGLT2i and GLP1RA should be considered for broader use, especially in T2DM patients with increased CV and/or renal risk.
- ✓ While these findings underscore the clinical value of these agents in real-world settings, further prospective studies with larger and more diverse populations are warranted to fully assess their long-term effectiveness and safety, particularly in high-risk patients and those with multiple comorbidities.

6.6. References

1. Ansar F, Azzam A, Zafar U, Ahmed S, Ghauri FK, Khan AM, Mehmood Khan AR, Khalil MU, Iftikhar H, Faiz AR, Ahmad MB. Empagliflozin and Cardiovascular Outcomes: A Systematic Review of Randomized Controlled Trials in Populations With Diabetes and Heart Failure. Cureus. 2025 Aug 15;17(8):e90150. doi: 10.7759/cureus.90150. PMID: 40955256; PMCID: PMC12433617.

2. Moiz A, Filion KB, Tsoukas MA, Yu OHY, Peters TM, Eisenberg MJ. The expanding role of GLP-1 receptor agonists: a narrative review of current evidence and future directions. EClinicalMedicine. 2025 Jul 17;86:103363. doi: 10.1016/j.eclinm.2025.103363. PMID: 40727007; PMCID: PMC12303005.

3. Feng Q, Wu M, Mai Z. Emerging horizons: clinical applications and multifaceted benefits of SGLT-2 inhibitors beyond diabetes. Front Cardiovasc Med. 2025 Mar 20;12:1482918. doi: 10.3389/fcvm.2025.1482918. PMID: 40182430; PMCID: PMC11965600.

4. Vaidya SR, Aeddula NR. Chronic Kidney Disease. [Updated 2024 Jul 31]. In: StatPearls [Internet]. Treasure Island (FL): StatPearls Publishing; 2024 Jan-. Available from: https://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK535404/.

5. Yau K, Dharia A, Alrowiyti I, Cherney DZI. Prescribing SGLT2 Inhibitors in Patients With CKD: Expanding Indications and Practical Considerations. Kidney International Reports. 2022;7:1463–76

6. Prandi FR, Barone L, Lecis D, Belli M, Sergi D, Milite M, et al. Biomolecular Mechanisms of Cardiorenal Protection with Sodium-Glucose Co-Transporter 2 Inhibitors. Biomolecules. 2022;12:1349.

7. Chan Y-H, Chao T-F, Chen S-W, Kao Y-W, Huang C-Y, Chu P-H. Association of acute increases in serum creatinine with subsequent outcomes in patients with type 2 diabetes mellitus treated with sodium–glucose cotransporter 2 inhibitor or dipeptidyl peptidase-4 inhibitor. European Heart Journal - Quality of Care and Clinical Outcomes. 2022;qcac040.

8. Li M, Yi T, Fan F, Qiu L, Wang Z, Weng H, et al. Effect of sodium-glucose cotransporter-2 inhibitors on blood pressure in patients with heart failure: a systematic review and meta-analysis. Cardiovasc Diabetol. 2022;21:139.

9. Thomas MC, Cherney DZI. The actions of SGLT2 inhibitors on metabolism, renal function and blood pressure. Diabetologia. 2018;61:2098–107.

10. Landolfo M, Spannella F, Giulietti F, Ortensi B, Stella L, Carlucci MA, et al. Detecting heart stress using NT-proBNP in patients with type 2 diabetes mellitus and hypertension or high-normal blood pressure: a cross-sectional multicentric study. Cardiovasc Diabetol. 2024;23:297.

11. Tsapas A, Avgerinos I, Karagiannis T, Malandris K, Manolopoulos A, Andreadis P, et al. Comparative Effectiveness of Glucose-Lowering Drugs for Type 2 Diabetes: A Systematic Review and Network Meta-analysis. Annals of Internal Medicine. 2020;173:278–86.

12. Puglisi S, Rossini A, Poli R, Dughera F, Pia A, Terzolo M, et al. Effects of SGLT2 Inhibitors and GLP-1 Receptor Agonists on Renin-Angiotensin-Aldosterone System. Front Endocrinol. 2021;12:738848.

13. Liu Y, Ruan B, Jiang H, Le S, Liu Y, Ao X, et al. The Weight-loss Effect of GLP-1RAs Glucagon-Like Peptide-1 Receptor Agonists in Non-diabetic Individuals with Overweight or Obesity: A Systematic Review with Meta-Analysis and Trial Sequential Analysis of Randomized Controlled Trials. The American Journal of Clinical Nutrition. 2023;118:614–26.

14. Li H, Yu G, Huang Q, Yang B, Nie J, Liu Y, et al. Efficacy and safety of GLP-1RAs for people with obesity: A systematic review based on RCT and Bayesian network meta-analysis. Biomedicine & Pharmacotherapy. 2024;171:116150.

15. Jensterle M, Rizzo M, Haluzík M, Janež A. Efficacy of GLP-1 RA Approved for Weight Management in Patients With or Without Diabetes: A Narrative Review. Adv Ther. 2022;39:2452–67.

16. Yeh T-L, Tsai M-C, Tsai W-H, Tu Y-K, Chien K-L. Effect of glucagon-like peptide-1 receptor agonists on glycemic control, and weight reduction in adults: A multivariate meta-analysis. Chiang M-C, editor. PLoS ONE. 2023;18:e0278685.

17. Chao AM, Tronieri JS, Amaro A, Wadden TA. Semaglutide for the treatment of obesity. Trends in Cardiovascular Medicine. 2021;S1050173821001584.

18. Weiss T, Yang L, Carr RD, Pal S, Sawhney B, Boggs R, et al. Real-world weight change, adherence, and discontinuation among patients with type 2 diabetes initiating glucagon-like peptide-1 receptor agonists in the UK. BMJ Open Diab Res Care. 2022;10:e002517.

19. White GE, Shu I, Rometo D, Arnold J, Korytkowski M, Luo J. Real-world weight-loss effectiveness of glucagon-like peptide-1 agonists among patients with type 2 diabetes: A retrospective cohort study. Obesity. 2023;31:537–44.

20. Bailey CJ, Marx N. Cardiovascular protection in type 2 diabetes: Insights from recent outcome trials. Diabetes Obes Metab. 2019;21:3–14.

21. Cosentino F, Grant PJ, Aboyans V, Bailey CJ, Ceriello A, Delgado V, et al. 2019 ESC Guidelines on diabetes, pre-diabetes, and cardiovascular diseases developed in collaboration with the EASD. European Heart Journal. 2020;41:255–323.

22. American Diabetes Association Professional Practice Committee. 6. Glycemic Targets: *Standards of Medical Care in Diabetes—2022*. Diabetes Care. 2022;45:S83–96.

23. Marso SP, Daniels GH, Brown-Frandsen K, Kristensen P, Mann JFE, Nauck MA, et al. Liraglutide and Cardiovascular Outcomes in Type 2 Diabetes. N Engl J Med. 2016;375:311–22.

24. Marso SP, Bain SC, Consoli A, Eliaschewitz FG, Jódar E, Leiter LA, et al. Semaglutide and Cardiovascular Outcomes in Patients with Type 2 Diabetes. N Engl J Med. 2016;375:1834–44.

25. DeFronzo RA. Combination therapy with GLP -1 receptor agonist and SGLT2 inhibitor. Diabetes Obesity Metabolism. 2017;19:1353–62.

26. Scheen AJ. GLP-1 Receptor Agonists and SGLT2 Inhibitors in Type 2 Diabetes: Pleiotropic Cardiometabolic Effects and Add-on Value of a Combined Therapy. Drugs [Internet]. 2024 [cited 2024 Oct 4]; Available from: https://link.springer.com/10.1007/s40265-024-02090-9

27. Kim HS, Yoon T, Jung CH, Park J-Y, Lee WJ. Clinical Efficacy of Sodium-Glucose Cotransporter 2 Inhibitor and Glucagon-Like Peptide-1 Receptor Agonist Combination Therapy in Type 2 Diabetes Mellitus: Real-World Study. Diabetes Metab J. 2022;46:658–62.

28. Harris KB, McCarty DJ. Efficacy and tolerability of glucagon-like peptide-1 receptor agonists in patients with type 2 diabetes mellitus. Therapeutic Advances in Endocrinology. 2015;6:3–18.

29. Perkovic V, Tuttle KR, Rossing P, Mahaffey KW, Mann JFE, Bakris G, et al. Effects of Semaglutide on Chronic Kidney Disease in Patients with Type 2 Diabetes. N Engl J Med. 2024;391:109–21

30. Oates CP, Santos-Gallego CG, Smith A, Basyal B, Moss N, Kawamura I, et al. SGLT2 inhibitors reduce sudden cardiac death risk in heart failure: Meta-analysis of randomized clinical trials. Cardiovasc electrophysiol. 2023;34:1277–85.

31. Santos-Gallego CG, Requena-Ibáñez JA, Picatoste B, Fardman B, Ishikawa K, Mazurek R, et al. Cardioprotective Effect of Empagliflozin and Circulating Ketone Bodies During Acute Myocardial Infarction. Circ: Cardiovascular Imaging [Internet]. 2023 [cited 2024 Sep 29];16. Available from: https://www.ahajournals.org/doi/10.1161/CIRCIMAGING.123.015298

32. Chang RC, Huang J, Hurst J, Reck D, Khachatourian K, Shannon MH. Benefits of dapagliflozin in chronic kidney disease for US commercial payers: A cost-offset analysis. JMCP. 2024;30:834–42.

33. Sattar N, Lee MMY, Kristensen SL, Branch KRH, Del Prato S, Khurmi NS, et al. Cardiovascular, mortality, and kidney outcomes with GLP-1 receptor agonists in patients with type 2 diabetes: a systematic review and meta-analysis of randomised trials. The Lancet Diabetes & Endocrinology. 2021;9:653–62.

Chapter 7
General Discussion

This doctoral thesis provides an integrated evaluation of the safety and effectiveness profiles of SGLT2i and GLP1RA in diverse real-world clinical settings, including emergency department admissions, hospitalizations, and outpatient diabetology consultations, supplemented by systematic pharmacovigilance data analysis from the EV database. The research addresses key knowledge gaps in the translation of clinical trial evidence to routine patient care, with special emphasis on elderly patients, multiple comorbidities, and polypharmacy scenarios that characterize contemporary diabetic cohorts.

The studies conducted demonstrate that SGLT2i consistently lower blood glucose levels, reduce systolic blood pressure, and confer substantive renoprotection, as evidenced by both clinical outcomes and declines in hospitalization rates for heart failure, in line with pivotal trials such as DAPA-CKD and EMPA-KIDNEY [1-3]. Critically, transient reductions in eGFR and electrolyte disturbances (e.g., hyponatremia, hyperkalemia) are observed during treatment initiation, justifying the need for vigilant laboratory surveillance for high-risk patients. GLP1RA, meanwhile, exhibit pronounced efficacy in weight management and cardiovascular risk reduction. Weight loss and improvement in cardiometabolic parameters, including reduced HbA1c, reinforce GLP1RA as essential agents for T2DM patients, especially those with concomitant obesity and CV disease risk factors. These findings reflect and reinforce results from controlled trials such as LEADER and SUSTAIN-6 [4,5]. The most frequent adverse events reported for GLP1RA were gastrointestinal disturbances, which were generally manageable with personalized titration and patient education strategies.

The thesis highlights the necessity of tailoring therapeutic approaches to patient-specific factors, including age, gender, comorbidity burden, and social support systems. SGLT2i and GLP1RA require strategic deployment, and combinations involving metformin and DPP4i were found to offer safer profiles in regard to acute complications. Conversely, drug utilization patterns varied with demographic variables and patient social circumstances, stressing the importance of personalized diabetes management and integrated care.

The comparative safety analysis against EV pharmacovigilance data underscores the low incidences of acute renal injury and MACE for SGLT2i and GLP1RA in hospital and outpatient settings. However, limitations inherent to spontaneous reporting systems, including underreporting and lack of granular clinical detail, must be considered when interpreting these findings.

This thesis contributes to the growing recognition of SGLT2i and GLP1RA as key pharmacological pillars in managing T2DM, offering substantive benefits that transcend glycemic control, specifically, CV and renal protection alongside weight management. Ongoing evaluation and real-world monitoring will support the continuous refinement of their clinical application, maximizing therapeutic benefits while minimizing risk across patient populations with complex needs.

7.1. References

1. Beatriz Fernández-Fernandez, Pantelis Sarafidis, Maria José Soler, Alberto Ortiz, EMPA-KIDNEY: expanding the range of kidney protection by SGLT2 inhibitors, *Clinical Kidney Journal*, Volume 16, Issue 8, August 2023, Pages 1187–1198, https://doi.org/10.1093/ckj/sfad082.

2. Wanner C, Inzucchi SE, Lachin JM, Fitchett D, von Eynatten M, Mattheus M, Johansen OE, Woerle HJ, Broedl UC, Zinman B; EMPA-REG OUTCOME Investigators. Empagliflozin and Progression of Kidney Disease in Type 2 Diabetes. N Engl J Med. 2016 Jul 28;375(4):323-34. doi: 10.1056/NEJMoa1515920. Epub 2016 Jun 14. PMID: 27299675.

3. Heerspink HJL, Stefánsson BV, Correa-Rotter R, Chertow GM, Greene T, Hou FF, Mann JFE, McMurray JJV, Lindberg M, Rossing P, Sjöström CD, Toto RD, Langkilde AM, Wheeler DC; DAPA-CKD Trial Committees and Investigators. Dapagliflozin in Patients with Chronic Kidney Disease. N Engl J Med. 2020 Oct 8;383(15):1436-1446. doi: 10.1056/NEJMoa2024816. Epub 2020 Sep 24. PMID: 32970396.

4. Marso SP, Daniels GH, Brown-Frandsen K, Kristensen P, Mann JF, Nauck MA, Nissen SE, Pocock S, Poulter NR, Ravn LS, Steinberg WM, Stockner M, Zinman B, Bergenstal RM, Buse JB; LEADER Steering Committee; LEADER Trial Investigators. Liraglutide and Cardiovascular Outcomes in Type 2 Diabetes. N Engl J Med. 2016 Jul 28;375(4):311-22. doi: 10.1056/NEJMoa1603827. Epub 2016 Jun 13. PMID: 27295427; PMCID: PMC4985288.

5. Marso SP, Bain SC, Consoli A, Eliaschewitz FG, Jódar E, Leiter LA, Lingvay I, Rosenstock J, Seufert J, Warren ML, Woo V, Hansen O, Holst AG, Pettersson J, Vilsbøll T; SUSTAIN-6 Investigators. Semaglutide and Cardiovascular Outcomes in Patients with Type 2 Diabetes. N Engl J Med. 2016 Nov 10;375(19):1834-1844. doi: 10.1056/NEJMoa1607141. Epub 2016 Sep 15. PMID: 27633186.

Chapter 8

Conclusions and Recommendations for Future Research

8.1. Conclusions and Limitations

The findings of this dissertation underscore the significant contributions of SGLT2i and GLP1RA to the management of T2DM. Both drug classes demonstrated multifaceted benefits extending beyond glycemic control, including renal protection, CV risk reduction, and weight management.

- SGLT2i: These agents were effective in lowering blood glucose levels, reducing SBP, and preserving renal function, consistent with evidence from clinical trials like DAPA-CKD and EMPA-KIDNEY. However, potential risks such as transient declines in eGFR and electrolyte imbalances underscore the need for careful monitoring, especially during treatment initiation.
- GLP1RA: This class of drugs showed pronounced effects on weight reduction and CV risk mitigation, as corroborated by trials like SUSTAIN and LEADER. Gastrointestinal adverse events, although frequently reported, were generally manageable with dose adjustments and patient education.

Real-world data from the EV database provided a comprehensive understanding of the safety profiles of these therapies, highlighting low incidences of AKI and MACE compared to traditional antidiabetic drugs. These findings align with and reinforce the outcomes of controlled clinical trials, emphasizing the relevance of SGLT2i and GLP1RA as integral components of T2DM therapy.

While the study provides valuable insights, several limitations should be noted:

1. **Monocentric Data Collection:** The reliance on data from a single center may limit the generalizability of the findings. A multicenter approach would provide a broader perspective and enhance external validity.
2. **Population Characteristics:** The advanced age and comorbidities of the study population may not fully represent younger or healthier cohorts, potentially limiting the applicability of findings to diverse patient groups.
3. **Missing Data:** The absence of complete data for some patients may have introduced bias, particularly in analyses where exclusions were necessary due to incomplete records.

4. **Real-World Confounding Factors:** The observational nature of the study introduced uncontrolled variables, such as variations in lifestyle, adherence, and concomitant treatments, which may have influenced the outcomes.
5. **Reliance on EV Data:** Safety data derived from spontaneous reports in the EV database may be subject to reporting bias and lack detailed patient-specific information.

8.2. Recommendations for Future Research

1. Conduct multicenter studies to further validate these findings across diverse patient populations and healthcare settings.

2. Explore the long-term outcomes of SGLT2i and GLP1RA therapy, with particular focus on hard endpoints such as mortality and progression of chronic diseases.

3. Investigate strategies to minimize ADRs, particularly the gastrointestinal effects associated with GLP1RA.

4. Develop real-world monitoring tools to optimize therapeutic outcomes and improve medication adherence among patients with T2DM